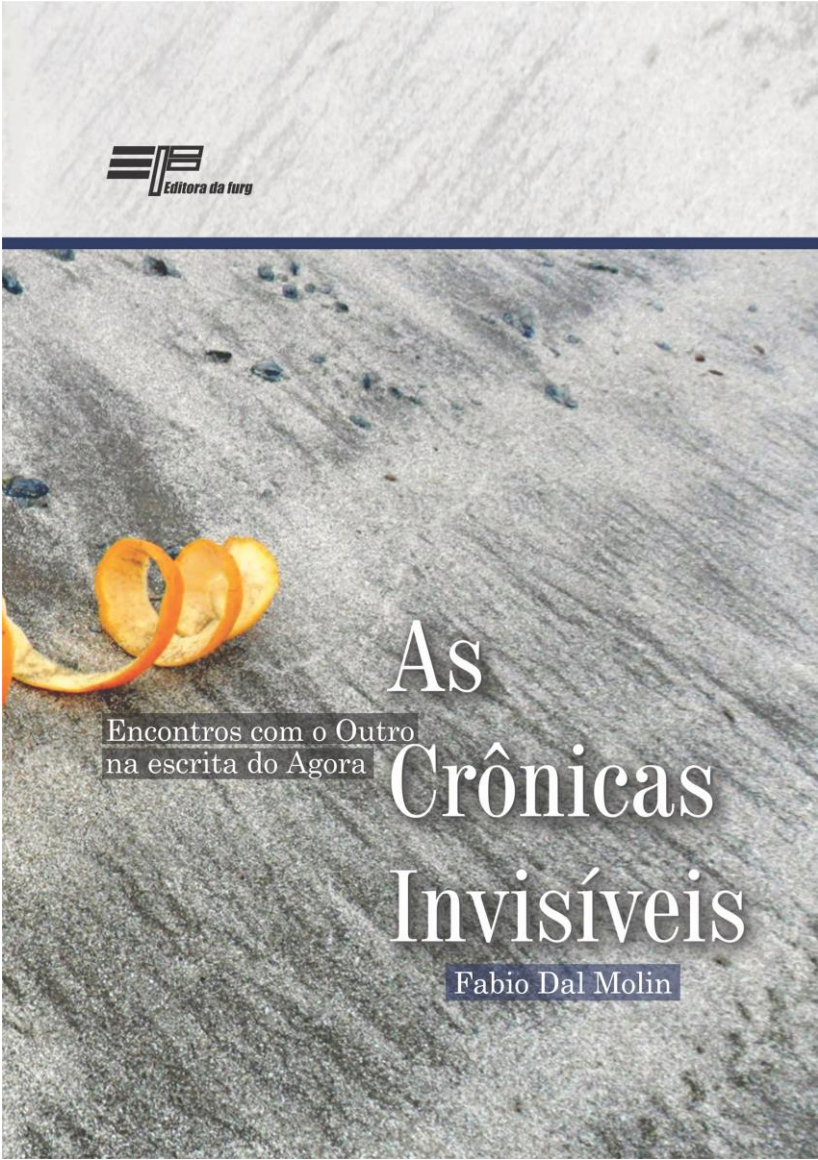




EF
Editora da Furg



Encontros com o Outro
na escrita do Agora

As Crônicas Invisíveis

Fabio Dal Molin

**Encontros com o Outro
na escrita do Agora:
As Crônicas Invisíveis**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
FURG

Reitora

CLEUZA MARIA SOBRAL DIAS

Vice-Reitor

DANILO GIROLDO

Chefe do Gabinete da Reitora

JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

MOZART TAVARES MARTINS FILHO

Pró-Reitor de Infraestrutura

MARCOS ANTONIO SATTE DE AMARANTE

Pró-Reitor de Graduação

RENATO DURO DIAS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas

ALINE RODRIGUES DE AVILA

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

EDUARDO RESENDE SECCHI

EDITORA DA FURG

Coordenadora

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

COMITÊ EDITORIAL

Presidente

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Titulares

ANDERSON ORESTES CAVALCANTE LOBATO

ANDRE ANDRADE LONGARAY

ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA

CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

EDUARDO RESENDE SECCHI

ELIANA BADIALE FURLONG

GIONARA TAUCHEN

LUIZ EDUARDO MAIA NERY

MARCELO GONÇALVES MONTES D'OCA

MARCIA CARVALHO RODRIGUES

RAÚL ANDRÉS MENDOZA SASSI

Editora da FURG

Câmpus Carreiros

CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil

editora@furg.br

Integrante do PIDL

Editora Associada à



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS



EDUNI-SUL
ASSOCIAÇÃO DAS EDITORAS
UNIVERSITÁRIAS DO SUL

Fábio Dal Molin

**Encontros com o Outro
na escrita do Agora:
As Crônicas Invisíveis**



Rio Grande
2020

© Fábio Dal Molin

2020

Capa: Vivian Castro de Miranda – sobre a fotografia do autor –
Formatação e diagramação:

João Balansin

Gilmar Torchelsen

Cinthia Pereira

Revisão Ortográfica: Alexander Severo Córdoba

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária

Marcia Carvalho Rodrigues, CRB 10/1411.

D136e Dal Molin, Fábio
Encontros com o Outro na escrita do Agora
[recurso eletrônico] : as crônicas invisíveis / Fábio
Dal Molin. – Dados eletrônicos. – Rio Grande, RS:
Ed. da FURG, 2020.

Modo de acesso:

<http://repositorio.furg.br/handle/1/8845>

Título extraído da folha de rosto.

ISBN 978-65-5754-007-7 (eletrônico)

1. Crônicas brasileiras. I. Título.

CDU, 2ª ed.: 821.134.3(81)-94

Índice para o catálogo sistemático:

1. Crônicas brasileiras

821.134.3(81)-94

Meus dedos tamborilam o teclado, pressionam a tecla *backspace*, percorrem novamente as teclas... Vozes internas fazem e refazem as ideias... pensam e repensam... Penso, respiro, movo as pernas para certificar-me de que elas estão se movendo aos meus comandos. E o que comanda os dedos, as pernas, a respiração? O cérebro, inexoravelmente é o cérebro que comanda tudo, as células nervosas, os potenciais de membrana, as fendas sinápticas. Estou vivo porque o coração bate, o pulmão infla, o sangue irriga o cérebro e permite que o pensamento saiba. Prefiro, na maioria das vezes, não pensar em como seria se o cérebro parasse de produzir eletricidade e o pensamento parasse... Mas, afinal, que lacuna é essa entre o espaço sináptico e a língua, a fala, o discurso, a construção de uma teoria sobre o mundo, o conceito de vida e de morte?

Fabio Dal Molin

Dedicado a memória da colega professora Cristina Dias, mulher potente, engajada e sempre crítica, leitora empolgada e assídua destas crônicas, que virou poeira de estrelas em 2017.

Cris, querida, considere este livro o adeus que não pude dar.

Agradecimentos

À Universidade Federal do Rio Grande, que cumpre seu papel histórico e constitucional de ser espaço de pensamento, liberdade e democracia, algo tão caro nos dias de hoje;

Ao Jornal Agora e ao editor Virgílio Laborde pela grande parceria na criação de um espaço de livre pensar fora dos muros acadêmicos;

Aos colegas do LEXPARTE Fernando Hartmann e Daniela Delias, por me resgatarem do abismo

A todos os leitores e leitoras que têm acompanhado esta longa jornada, e àqueles que, com a leitura deste livro, juntam-se às minhas loucuras.

A Edson e Tania, mestres queridos

A Eva, meu amor, minha companheira, minha melhor amiga

SUMARIO

PREFÁCIO	10
Sobre a palavra, sua fúria e invisibilidade	10
Daniela Delias de Sousa	
INTRODUÇÃO	
A escrita cronificada e o olhar do Outro que nos invisibiliza	12
Fabio Dal Molin	
1. UM PROFESSOR QUE SE RECUSA	
(06/04/2011) Crônicas Invisíveis, o início	30
(12/07/2011) Eu não sei ensinar	32
(02/11/2011) “Proteja-me daquilo que eu desejo”	34
(28/06/2012) Revoluções	37
(14/06/2012) Pausa para Dostoiévski.....	40
(21/06/2012) Professores, bem-vindos ao deserto das amebas	43
(26/09/2012) O dia em que Dorival encarou a greve	46
(19/05/2012) Dos zumbis que andam e comem cérebros	49
(31/05/2012) A greve e o café descafeinado	52
(24/05/2012) A universidade, a greve e o DIABO	56
(18/05/2012) O elefante na educação superior	60
(12/11/2011) Parem as máquinas!	63
(20/07/2012) O medo venceu a esperança, por fim	67
(31/12/2012) A educação precisa de problemas	70

2. IMAGINARIOPATIAS

(14/04/2011) Nós, os monstros	74
(02/06/2011) “Empurra o Australopithecus que ele anda”.	76
(01/07/2011) Somos todos homossexuais, e daí?	79
(14/07/2011) “Nós” e “Eles”	81
(21/07/2011) As prisões da infância	84
(29/07/2011) Meu pé esquerdo	86
(05/08/2011) Meu outro pé esquerdo	88
(12/09/2011) As redes sociais e suas epidemias	90
(09/01/2012) Da identidade à subjetividade	93
(02/01/2012) Da subjetividade ou o capeta que faz a terra tremer	96
(10/10/2011) A garota cinéfila de Buenos Aires	98
(06/08/2012) Memórias póstumas de um zumbi revolucionário	100
(16/08/2012) Crônicas invisíveis: ninguém pode pensar por Nós	105
(11/09/2012) Para não dizer que não falei de rosas	109
(19/10/2012) O crepúsculo dos falsos ídolos	112
(01/04/2013) Aqueles que vem de fora	115
(19/02/2013) Sobre a experiência cinematográfica e sua radicalidade	120
(14/09/2011) Crônicas invisíveis: os heróis sacrificáveis .	124

3. AO SUL DO MUNDO OU MEDITAÇÕES CASSINENSES

(09/06/2011) Ao sul do mundo	130
(15/06/2011) Eu estou em você	132
(04/03/2011) Metatexto	134
(08/07/2011) Zen e a arte de não fazer nada	136
(15/11/2011) Esse assunto de chimpanzés não sai da minha cabeça	138
(03/02/2012) O recomeço do que ainda está no meio	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143

PREFÁCIO

Sobre a palavra, sua fúria e invisibilidade

Daniela Delias*

“A escrita nos torna selvagens. Vai-se ao encontro de uma selvageria anterior à vida... Não se pode escrever sem a força do corpo. É preciso ser mais forte do que si mesmo para abordar a escrita... Não é apenas a escrita, o escrito, é o grito das feras noturnas, de todos, de você e eu, os gritos dos cães”.

Marguerite Duras

Não é a primeira vez que recorro ao texto de Marguerite Duras ao pensar sobre a escrita. Para mim, sua leitura está na ordem das coisas que a gente conta e repete infinitamente, como se fosse possível, ao fazê-lo, tocar o que, em sua natureza, é a própria ausência de corpo. Mas, desta vez, o texto me leva a um lugar inusitado: penso no dia em que conheci o Fábio, em 2010, na Universidade em que trabalhamos. Ele parecia ter saído de *Matrix*, vestindo uma capa como a de Morpheus, o humano encarregado de encontrar o escolhido que poria fim a guerra entre homens e máquinas. O que viria depois de quase dez anos de afeto, uma bonita parceria de trabalho e cuidado, e muito, muito riso, só faria ressoar o que diz Duras: o Fábio que escreve é inteiro um corpo. Em toda sua força e fúria, é esta fera noturna de que nos fala a escritora. É um corpo em completa conexão com a forma de olhar e narrar o mundo, com

* Professora do Curso de Psicologia da FURG, coordenadora do NUPEBI e membro do LEXPARTE

as coisas que o animam, o fazem vivo. É um corpo-desejo, um corpo-falante, um corpo-palavra.

Nos textos que compõem este livro, Fábio escreve aos invisíveis. A obra traz uma reunião de crônicas publicadas inicialmente no espaço virtual do Jornal Agora, de Rio Grande – RS, em um período de dois anos. E há algo de genial neste direcionamento que dá à palavra: não existe relação que não esteja carregada de virtualidade. Nem mesmo a nossa, construída em um espaço que não é o da total invisibilidade: nos vemos apenas naquilo que nosso olhar consegue alcançar. E ainda que nossos olhos possam ir longe, e eles vão, sempre haverá o vazio, este lugar do desejo que possibilita a arte: o espaço potencial de Winnicott, o lugar da falta em Lacan – este é o nosso lugar mais bonito de encontro, eu diria.

É preciso, então, colocar-se em movimento, dizer sobre a necessária ruptura como educador, sobre as complexas redes de poder que permeiam as interações sociais e, sobretudo, da poesia que há no andar. Sim, andar, sempre, seja com o apoio de muletas em um shopping da capital ou com os pés descalços sobre a areia da Praia do Cassino, ao sul de lugar nenhum, como gostaria Bukowski. Andar e reconhecer os cães do caminho, a beleza impensada de uma carcaça de peixe, a possível história dos restos trazidos ou levados pelo mar. É preciso, como escrevi certa vez, prender-se a um nome, a uma ideia, deixar que ela arranque lentamente seus pelos. É preciso sujar as mãos, cravar os dentes e, olhando nos olhos de Cronos, arranhar-se, condescendente.

Este livro de que falo, diz, sobretudo, da paixão de um homem pela palavra, e de sua contagiante utopia. Um homem que, na medida do possível, tem oferecido ao mundo a pílula vermelha, a despeito de toda barbárie ou invisibilidade. Um homem que olha, ama e escreve. Mas como disse Duras, *“Escrever. Não posso. Ninguém pode. É preciso dizer: não se pode. E se escreve. É o desconhecido que trazemos conosco: escrever, é isto o que se alcança (...). A escrita vem como o vento, nua, é de tinta, a escrita, e passa como nada mais passa na vida, nada, exceto ela, a vida”*.

As coisas mais belas, eu penso, permanecerão invisíveis.

INTRODUÇÃO

A escrita cronificada e o olhar do Outro que nos invisibiliza

Fábio Dal Molin

Cronos e a palavra

Dizem algumas histórias da mitologia grega que o Titã Cronos, nascido da brutal cópula entre o Céu (Urano) e a Terra (Gaia), atormentado por uma profecia de que seu filho o mataria, devorava seus filhos assim que nasciam e suas histórias denotavam morte, limitação, peso, castração. Os romanos o batizaram de Saturno, e delegaram suas propriedades ao metal chamado “Plumbum”, o chumbo pesado que serviu de condução e receptáculo para água e cujo envenenamento representava a dor nos ossos, a loucura, a morte lenta. Até a descoberta e nomeação do planeta Urano no século XVIII, Saturno era o último do nosso Sistema Solar, um gigante imponente e aprisionado por anéis que limitava nosso acesso ao Cosmos. Saturno era a intransponível muralha orbital entre os sonhos da humanidade e o insuportável e invisível vácuo. Assim chamei meus textos: crônicas, pois toda vez que sentava em frente ao computador meus ossos doíam solitariamente ao transitar entre as palavras espremidas entre as nuvens do pensamento e as rochas da linguagem, a cópula cósmica que gerou o Tempo e hoje, mais do que nunca, o mito de Cronos assombra aquelas palavras com o dom do envelhecimento, e, para tanto, terei eu que datá-las, contextualizá-las, abrir fendas nas teias do tempo com a foice saturnina. O que o cruel Titã faz com a escrita é justamente seccionar o fluxo sujeito-objeto no gozo

da fala plena: o tempo e a “Outeridade” deslocam-se ambos emissor e receptor e a comunicação torna-se impossível e abre lacunas para o imprevisível da singularidade.

Sigmund Freud, em seu texto de 1908 sobre “O escritor e a fantasia” interroga-se sobre as idiosincrasias da escrita criativa, da transmutação entre os devaneios, as fantasias, dos paradoxos do inconsciente e a letra fria e impressa da palavra que retorna a vida nos olhos de um improvável e hipotético leitor. Freud coloca o problema com constrangedora singeleza

O escritor faz o mesmo que a criança ao brincar; constrói um mundo de fantasia que leva bastante a sério, ou seja, dota de grandes montanhas de afeto, ao mesmo tempo que o separa claramente da realidade. (...) Mas a irrealidade do mundo imaginário traz consequências importantes para a técnica artística, pois muitas coisas que, sendo reais, não poderiam dar prazer, podem proporcioná-lo no jogo da fantasia, muitas emoções que são dolorosas em si mesmas podem se tornar fruição para os ouvintes e espectadores do escritor (Freud, 1908-2015 p. 328)

A separação entre afeto e realidade referida por Freud parece tratar da angústia castradora da palavra, quando, ao pressionar as teclas, escrevemos palavras e as lemos simultaneamente, e, para que isso seja possível, mesmo na mais recôndita das intimidades, recorremos “aos outros”, ou como diria Lacan (no seu ensino entre “As relações de objeto” e “As formações do inconsciente”) a um Grande Outro, não sem antes passar pela fronteira entre o pulsional e o real, a diferença entre fantasias ululantes e a realidade, nosso pequeno objeto de desejo, nosso espelhinho de cabeceira, o outrinho nesse simulacro narcisista que habita o eu, o autorzinho autoritário.

Em uma de suas escritas seminais “O estádio do espelho como formador da função do eu”, Lacan trata de uma interfase primordial entre a alteridade narcísica e o “Outramento” da linguagem e do social na infância, quando, inicialmente, a criança mira sua imagem refletida no espelho e cogita o fato de

o reflexo é de outra criança, para a posteriori, perceber que aquilo que está “lá”, é um outro que, na verdade, é ela mesma especulada. Com esse texto Lacan formulará uma hipótese fundadora da lógica da Fantasia: onde está a imagem do espelho? Assim como no “Seminário da carta roubada” será feita a pergunta: “A quem pertence uma carta”? Afinal, quando sentamos para escrever, mesmo estando fisicamente solitários e mesmo que o papel seja rasgado, o texto deletado ou que ele jamais saia de uma gaveta ou de um disco rígido, sempre nos deparamos com a especularidade, com o muro-espelho da linguagem, da língua, da fala, do discurso, ou com a mirada incerta do objeto. Os textos deste livro encontram-se cronificados, temporalizados no que chamamos de contexto (com texto), do planeta que girava a quilômetros de anos atrás, de um público, um jornal, um autor que ganha um fígado novo a cada semana, mas ainda está aqui ancorado em algum eu, um eu que surge do olhar,

O encontro com o Outro invisível no Agora

Ora, respondam (aqui estou eu me referindo a quem mesmo quando escrevo para um livro que ainda não foi lançado, nem publicado, está apenas no meu desejo) onde está a imagem do espelho, está na superfície reflexiva, no olho, no cérebro, atrás do espelho, no raio de luz? A quem pertence uma carta? A quem escreve, a quem lê, ao seu remetente, ao carteiro, ao arcabouço social e coletivo da linguagem?

Nos seus primeiros seminários Lacan discutiu a questão da imagem no espelho a partir dos escritos técnicos de Freud e para tal tarefa lançou mão de um esquema óptico, uma alegoria oriunda da Física pela representação imagética e pictórica de um objeto refletido no espelho e todas as suas possíveis reflexões, quando chega ao seu segundo seminário ao conto de Poe a fórmula clássica e paradoxal da especularidade

Será que isso é tudo, e acaso devemos crer que deciframos a verdadeira estratégia de Dupin, para além dos truques imaginários com que ele precisou ludibriar-

nos? Sim, sem dúvida, pois, se 'todo ponto que demanda reflexão', como profere Dupin no começo, 'oferece-se mais favoravelmente ao exame no escuro' podemos facilmente ler agora sua solução exposta às claras. Ela já estava contida e fácil de deduzir no título de nosso conto, segundo a fórmula mesma, que há muito submetemos à sua apreciação, da comunicação intersubjetiva, na qual o emissor, como lhes dissemos, recebe do receptor sua própria mensagem sob forma invertida. Assim, o que quer dizer 'a carta roubada' ou 'não retirada', é que uma carta sempre chega ao seu destino (Lacan 1998, p. 45).

Sempre! A carta sempre chega a um destino!

Escrevemos sempre para alguém, mesmo que não exista, resista, desista. Escrevemos para nós mesmos e sempre nos mesmos nós! O personagem ardiloso de Poe nos dá pistas para aquilo que se tornou muito singular a Lacan anos mais tarde quando ele visitará a obra de Merleau Ponty, "O visível e o invisível" para tratar do Olhar na psicanálise, na escuta molecular do desejo.

A fenomenologia da percepção nos indica que o Olhar acontece em um lugar que está para além do olho, dos raios que atingem a retina. Partindo do estágio do espelho e do esquema ótico, somos criaturas olhadas, para além da visão, constituídas pelo olhar do Outro, este Outro invisível, onde, como aponta Dupin, as questões se esclarecem melhor quando tudo está escuro, ali, no ponto cego. Escrever (e publicar para "Outridade") é como estar entre dois espelhos no escuro, justapostas e dobradas imagens de um eu clivado que não consegue ver, mas sabe que algo está lá, como quando somos crianças e sentimos a árvore na janela em um dia de tempestade mesmo enterrados de medo embaixo dos cobertores. É assim que, hoje, a partir do Agora (no duplispensamento entre o periódico riograndino e o espaço temporal) renomeio minhas crônicas invisíveis.

No seu ensino dos seminários 4, 5 e 6 Lacan tratará justamente desta relação do sujeito com o Outro, o chamado tesouro dos significantes. Partindo os medos objetivos do

Pequeno Hans “As relações de objeto”, seminário que ganha como capa o Saturno de Goya, até “O desejo e sua interpretação” Lacan desenvolverá um mapa topológico e sintético denominado “Grafo do desejo” que parte da criança “mítica”, a criança que ainda está no útero da mãe ou nos primeiros meses de nascimento, uma criatura que ainda não fala, mas é falada, que não possui objeto, está simbiótica com o mundo com o seio da mãe, com o ar que respira até que experimenta pela primeira vez a privação, aí cai no mundo.

Da angústia da privação a criança se aventura no mundo das ausências e é obrigada a imaginar a presença na falta. É no rompimento da borda que nasce a linguagem, que entramos no mundo deste grande Outro, que basicamente, nos inscreve em uma eterna falta daquilo que jamais será plena presença, mergulhamos em um oceano de linguagem e dali jamais sairemos, jamais estaremos conectados diretamente com a presença de um objeto, e sim com sua ausência, sua invisibilidade e seu vazio.

Na tarefa de escutar pessoas na clínica os paradoxos já residem na dualidade entre o singular e o social. Cada sujeito estrutura a sua experiência de vida e a expressa pela fala de maneira única e idiossincrática. Aqui já lanço mão de uma de nossas palavras em debate: liberdade. No consultório todos somos livres para falar, sentir, alucinar, delirar enfim, para sermos quem realmente somos (e somos onde não pensamos, aponta Lacan). Nenhuma fala é igual a outra, nenhum universo vivido se compara a outro mesmo que sejam falados pelo mesmo sujeito.

Contudo, mesmo o discurso mais original e singular, ou o pensamento mais íntimo e inconfessável é expresso em palavras, e as palavras fazem parte de uma linguagem, uma língua, um idioma. Quando falamos, sempre falamos para ou de alguém ou algo: de nossos pais, filhos, colegas, cônjuges, e também do governo, da economia, da cidade, do clube de futebol e da televisão.

A escuta da subjetividade sempre transita hipertextualmente entre o social e o individual, o singular e o plural, o simples e o complexo. Uma pessoa pode falar de si

mesma usando palavras e sentidos compartilhados com milhões de outros falantes ou, ao revés, pode referir-se o tempo todo a seus amigos ou a sua família, do trabalho ou da política quando, na verdade, ninguém além dela mesma e suas fantasias está ali “fisicamente”.

Da impossibilidade da escrita plena e da comunicação da “Outeridade” complexa da publicidade em um jornal Virtual surgiu o nome dos textos alocados neste livro “As crônicas invisíveis” como escrevi em uma crônica:

As palavras aqui escritas percorrem sinuosos espaços sinápticos, músculo-esqueléticos, sensorio-motores, visuais, eletrônicos e seguem seu caminho inverso até começarmos esse diálogo monólogo. Eu os chamo de invisíveis porque realmente não posso vê-los, caros leitores, nem mesmo metaforicamente. Escrever esta coluna é paradoxalmente estar sozinho em uma multidão, porque não sei quantas pessoas a lêem ou o que imaginam. E mesmo a possibilidade de imaginar como quem não me conhece pessoalmente pode imaginar quem eu sou cria das infinitas possibilidades de encontro, fantasia e pensamento.

O começo do princípio do início: memórias do esquecimento

Marco Polo imaginava responder (ou Kublai imaginava a sua resposta) que, quanto mais se perdia em bairros desconhecidos de cidades distantes, melhor compreendia as outras cidades que havia atravessado para chegar lá, e reconstituía as etapas das suas viagens, e aprendia a reconhecer o porto de onde havia zarpado, e os lugares familiares de sua juventude, e os arredores da casa, e uma pracinha de Veneza em que corria quando criança.

Neste ponto, Kublai Khan o interrompia ou imaginava interrompê-lo ou Marco Polo imaginava ser interrompido com uma pergunta como:

– Você avança com a cabeça voltada para trás – ou então – O que você vê está sempre às suas costas –

ou melhor – A sua viagem só se dá no passado?
Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar ou ser imaginado explicando ou finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si, e mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos (Italo Calvino).

No romance “Andróides sonham com ovelhas elétricas” de Philip K. Dick e na versão cinematográfica de Riddley Scott “Blade Runner” a humanidade depende de seres biomecânicos para realizar o trabalho escravo da colonização de planetas, e para tanto, tais criaturas são dotadas de cérebros artificiais, e, logo, necessitam de algo que se assemelharia ao aparelho psíquico para poder desempenhar suas tarefas. Surge, então o conceito de “memórias implantadas”, que é a chave para Riddley Scott desenvolver, em sua segunda versão do filme “The final cut” o fato de o *blade runner* Rick Deckard ser um androide em duas imagens sutis: Deckard adormece e sonha com um unicórnio, e no fim do filme, encontra uma representação em origami do animal confeccionado pelo seu colega detetive. Ora, mais além da ficção científica podemos pensar que todas nossas memórias são implantadas, desde a simples informação da data em que nascemos que sabemos dizer sem pensar como se lembrássemos de algo que foi “o Outro” que implantou até a constatação de que as memórias dependem da linguagem para serem evocadas, e a linguagem sempre está implicada (no sentido estrito de “pli”, da saia “plissada” a prega, a costura, a dobra) no social. A diferença entre as máquinas e os humanos está no ruído cibernético do apagamento, no telefone sem fio da subjetividade, pois as

memórias implantadas dos androides podem ser acessadas como arquivos de um computador, não possuem as elaborações e reconfigurações do esquecimento e do recalçamento, não são deslocadas e condensadas como acontecem com os humanos, e é isso que nos faz avançar no tempo. Na recente série de TV “Westworld”, de Jonathan Nolan e Lisa Joy, que evoca e expande o conceito da memória implantada e do não esquecimento através de uma androide chamada Dolores que fica presa em um *loop* de arquivos mnemônicos e transita indefinidamente entre o passado e o presente. Tanto *Blade Runner* quanto *Westworld* discutem metaforicamente a questão sobre o que é ou não ser “humano” quando os androides apresentam falhas em sua programação e seus circuitos de memória são quebrados. Quando Freud ainda transitava pelas novidades mecanicistas da neurologia do século XIX e tratava suas pacientes histéricas apenas com hipnotismo, chegou a desconfiar que os sintomas poderiam ser esbatidos a partir de uma espécie de reencaixe da memória reprimida quase como se ela fosse um arquivo. Logo em seguida, a partir do questionamento da excessiva sugestão e de tratamentos fracassados Freud percebeu que o aparelho psíquico produz falsas memórias, lembranças encobridoras, condensações, deslocamentos e encobrimentos que demonstram que jamais seremos uma máquina precisa, pelo contrário, a razão e a lógica são ilhas em um oceano de caos.

O esquecimento e a imprecisão permitem que façamos o necessário preenchimento das lacunas com novos sentidos, daí surge a noção de desejo como verbo intransitivo. Se eu fosse uma máquina poderia aqui escrever com detalhes milimétricos a minha vida desde que escrevi a primeira palavra, mas minha humanidade permite que eu possa produzir a ficção de mim mesmo, e escolha um entre tantos caminhos possíveis que me trouxeram aqui. Há mais vazio e silêncio que matéria e sentido no universo.

Repentinamente surge uma imagem de uma memória que ninguém jamais saberá se é verdade ou não, afinal, apenas eu sei, eu sou seu dono e senhor, posso ser seu criador ou não, de nosso nascimento e dos primeiros dias da

nossa existência não lembramos nada, sequer existimos, afinal, como diz Lacan “a verdade tem uma estrutura de ficção”, o que Bukowski complementaria jocosamente com “não existe nada mais chato que a verdade”. Digamos que foi na terceira série do ensino fundamental e fui convocado a escrever minha primeira “composição” (era assim que as “tias” chamavam) e escrevi sofregamente com minha letra garranchuda a história de um gatinho chamado Xerxes que bebeu o tônico capilar do seu dono e virou uma bola de pelos. A professora se surpreendeu com minha criatividade e resolveu ler o texto para o resto da turma, como “exemplo”. Todos que trabalhamos com Psicologia da Educação compartilhamos do discurso de que a Escola é um lugar de repetências e repetições, e que a máquina pedagógica faz de tudo para retirar o prefixo “cria” da “CRIANÇA”.

Do que veio nos próximos anos não lembro muito, mas o que permaneceu foi a alegria, o prazer, o restolho dos afetos de ter agradado a “tia” por alguma coisa que eu fiz, que eu criei.

Minhas memórias pulam no tempo e no espaço até a oitava série quando a professora usava um manual de redação super didático, que propunha temas, dava exemplos, estruturas, métodos e técnicas de escrita. Meus primeiros textos foram pessimamente frustrantes, até que comecei a escutar Beatles e dos Beatles passei ao Led Zeppelin e as guitarras pesadas, a bateria demolidora e o vocal obscuro da banda cortaram o freio da minha língua e resolvi, a partir das técnicas do livro, soltar minha criatividade. Parece clichê. E é mesmo. Comecei a escrever aventuras de violência e ficção científica inspirado em histórias em quadrinhos, filmes e desenhos animados. A professora se enganchou em mim, e quando o texto saía mais burocrático, ela reclamava: “Fábio, quero que tu voltes a escrever aquelas aventuras cheias de ação”. Ganhei minha primeira fã.

Mas o que quero dizer mesmo, o que justifica toda essa introdução psicanalítica e a referência ao Outro foi a professora Carmen, do primeiro ano do segundo grau. O colégio que estudei a partir da quarta série era o Batista, classe média, evangélico, tradicional. Carmen tinha outro

emprego no colégio Julio de Castilhos, o Julinho, histórico berço de intelectuais e artistas, considerado um lugar de intelectualidade, rebeldia e pensamento. Acostumada com turmas de supletivos e noturnos, Carmen tinha um trato completamente diferente com os alunos, alheia às quadradiças da classe média que dominavam a escola e pela primeira vez tive uma experiência diferente na escola, um método de ensino fora dos padrões, dos esquadros, que talvez tenha me trazido até aqui, tantos anos depois, em minhas práticas docentes e em muitos outros textos das crônicas, na sessão “O professor que se recusa”. Para começar ela indicou na aula que assistíssemos a “Sociedade dos poetas mortos”. Eu vi quatro vezes no cinema e chorei em todas, na primeira aula que dei em minha vida, lá em 2000 em uma disciplina de Psicologia da Comunicação na FABICO, eu comecei subindo na mesa do professor. Para o menino de 15 anos que eu era, um filme desses não é pouca coisa, ele me levou a compreender meu livro de cabeceira desde 2007, que recomendo a todos os colegas professores, e que é citado em uma das crônicas deste livro: “O mestre ignorante: cinco lições para uma emancipação intelectual”, de Jacques Ranciere (2002). Aqui a agulha da memória costura as linhas do tempo que anunciam o que vem a seguir, ou o que já foi: a posição do professor emancipação intelectual:

Não há ignorante que não saiba uma infinidade de coisas, e é sobre este saber, sobre esta capacidade em ato que todo ensino deve se fundar. Instruir pode, portanto, significar duas coisas absolutamente opostas: confirmar uma pelo próprio ato que pretende reduzi-la ou, inversamente, forçar uma capacidade que se ignora ou se denega a se reconhecer e a desenvolver todas as consequências desse reconhecimento. O primeiro ato chama-se embrutecimento e o segundo, emancipação” (Ranciere, 2002, p. 20)

Ao contrário dos demais professores, ela não seguia a “Crono” – Logia do livro didático, o que significa que ela o utilizava, mas não nas suas grades pedagógicas e, mesmo

um ano antes de termos a disciplina de literatura, o aprendizado do português se dividia em três partes: em uma delas ela encarava a mestra disciplinadora e nos obrigava a fazer em aula inúmeros exercícios de ortografia e gramática, na segunda parte líamos os textos literários do livro didático: Machado de Assis, Augusto dos Anjos, Lima Barreto, etc. e fazíamos discussões sobre seus conteúdos. Foi na terceira parte que eu hoje, depois de tantos anos, posso dizer retroativamente que comecei a entender Lacan: a redação. Sem nenhuma exceção, todos os professores de português, quando trabalham a disciplina de redação, exigem que os alunos entreguem o texto escrito, e geralmente o corrigem nos parâmetros tradicionais do vestibular: ortografia, gramática, coerência, argumentação e conteúdo. Qual foi o impacto meteórico na turma na primeira redação, quando, após escrevermos nossos textos em aula, na seguinte deveríamos ler em voz alta para a professora e para todos? O texto escrito não seria corrigido.

Eu me lembro da tensão no ar. Não, eu não estava com medo ou era tímido. Eu queria aquilo, desde sempre eu gostava de escrever, eu já o fazia em casa, pois lia muito, lia por prazer e por *hobbie*. E naquele dia especialmente resolvi encarar o desafio, cometi um plágio. A redação que escrevi era uma adaptação de um conto de Carlos Eduardo Novaes chamado “O estripador de laranjeiras”, no qual um homem, no centro do Rio de Janeiro, pede as horas para uma mulher na rua que se assusta e o confunde com um ladrão, o que dá início a uma perseguição frenética de toda a cidade que culmina na morte do sujeito. A sorte da professora não ter lido e minha capacidade de mimetização garantiram elogios e risadas, e a admiração dela e da turma. Tornei-me um adicto, toda vez que tinha redação, eu planejava sempre surpreender, ser o mais inventivo, o mais criativo e que arrancasse mais suspiros. Eu cheguei ao ponto de escrever histórias ininteligíveis, herméticas, confusas, mas nada abalava o respeito que Carmen tinha por mim e meu absoluto gozo pela arte de contar histórias e observar a reação dos outros. Pois é, senhor Ranciere, eu, que sempre fui tão crítico, descobri

meu amor pela arte da escrita no colégio, e, por consequência, a ter esperança na educação. Então, As Crônicas Invisíveis tratam, basicamente, de amor pela escrita, ansiedade pela leitura e esperança.

Virgílio, a borda e a escrita do Agora

“Se eu vejo um papel qualquer no chão
Tremo, corro e apanho pra esconder.
Com medo de ter sido uma anotação
que eu fiz Que não se possa ler E eu
gosto de escrever, mas... Mas eu sinto
medo! Eu sinto medo!”

Raul Seixas

As crônicas que servem de mote para esta obra foram publicadas na versão digital do Jornal Agora entre os meses de abril de 2011 e setembro de 2013, e como Dante Alighieri, tive a ajuda de Virgílio em minha doce e dolorida aventura nos diferentes níveis do inferno “dos outros”. Um dia daqueles Virgílio Laborde apareceu na minha sala dizendo que assistira uma aula minha na disciplina de Atividades Transdisciplinares, a convite de sua esposa Lisiane, aluna da psicologia. Hoje extinta, a disciplina tratava de temas diversos e transversais aos conteúdos formais do curso. Naquele dia eu trabalhei um de meus assuntos mais pitorescos: a violência e as origens primatas da agressividade humana, que acabou convertendo-se em tema de pelo menos quatro crônicas. Confesso que fiquei muito feliz e envaidecido ao receber o convite de Virgílio para escrever no jornal, pois naquela época eu experimentava um bloqueio bastante angustiante, especialmente com relação à escrita acadêmica. Eu sentia na época que meu amor pela escrita havia se esvaziado em nome de uma duvidosa necessidade de publicar para aumentar a pontuação no Lattes. A angústia vem da palavra alemã *Angst*, que, nas obras completas de Freud da Editora Imago foi traduzida do Inglês *Anxiety*, e, originalmente dá conta de um sentimento de aperto, de sufocamento. Freud retoma os medos e as relações de objeto em muitos de seus casos clínicos, especialmente “O

pequeno Hans' no seu ensaio "Inibição sintoma e ansiedade", na primeira versão em português, que se converteu em "Inibição, sintoma e angústia" em traduções alternativas que levou Lacan a escrever seu seminário 10 especialmente sobre o tema. Como coloquei mais acima, a angústia dá conta de nossas interfaces objetais, nosso sentimento de perda, de ausência, de necessidade, de vontade ou como diz Lacan, a falta da falta. No ano passado a editora L&PM produziu um terremoto linguístico e psicanalítico ao traduzir *Angst* por medo. Do estranhamento inicial de tal ruptura passei a meditar sobre o sentido do medo em nossa vida contemporânea, da violência, das grades tragédias, o medo do Outro. No caso da escrita acadêmica, desenvolvi um sintoma cuja origem seria o medo de ser sufocado pelas grades da formatação do texto, eu, que muitas vezes me permitia a excentricidade de escrever sem ler ou revisar, após ter artigos recusados em periódicos indexados, da inevitabilidade daquilo que é a própria gênese do mito Saturnino: o medo de ser devorado pelo Pai terrível e avaliador.

Do medo da castração ao medo do supereu, da consciência moral e ao medo social, e daí ao medo da perda e do amor e da morte, trilhamos, com Freud, toda a história do indivíduo a partir desta coluna vertebral negativa que se origina no medo. Somos filhos do medo e do desamparo. Os sintomas são muros que erigimos para tentar conter esses medos (Seligman-Silva, 2016, p. 31-32).

Aqui estava eu no angustiante (ou amedrontador, conforme a tradução) encontro com meu desejo: ganhei um espaço de escrita e publicação em um jornal de grande circulação (quase infinita, pois alocado na internet), e agora poderia publicar sem as amarras das castradoras avaliações *ad-hoc*. Assim como Zeus, Hera, Hades, Poséidon não foram digeridos por Cronos e, após uma violenta guerra triunfaram sobre ele para dominar o Olimpo, Virgílio La-Borde, o poeta jornalista da "borda" da fronteira entre a loucura e a realidade me conduziu do inferno de Cronos para a Ágora das Crônicas.

As portas do inferno se abriram

Como vocês poderão ver a seguir, a primeira crônica saiu um pouco morna, formal, claudicante, ainda com um pouco de medo nas entrelinhas. A enviei por *e-mail* para Virgílio e, pouco tempo depois, recebi o *link* com o vislumbre de sua edição. A sensação de ter um texto publicado no Jornal engendrou em mim um efeito de especularidade: ler aquilo que escrevi sendo lido por sabe-se lá quem lá do outro lado do espelho. O Supereu me dizia: estamos representando a FURG (eu e Ele), o curso de Psicologia, o ICHI. Em poucas horas veio a colheita da caixa de comentários, e as portas do inferno se abriram. E Virgílio, ao invés de me guiar como fez com Dante, me empurrou.

Eu parecia uma criança com um brinquedo novo, ou melhor, fui arremessado a minha infância quando minha avó me dava caixas de remédios para brincar e eu construía edifícios, cavernas, casas e robôs do espaço. A intuição tomou conta de mim e cada semana eu produzia uma ideia, um tema, uma polêmica, e mais: Virgílio resolveu me abraçar na queda, lendo meu texto e interferindo nele, editando, sublinhando palavras, escolhendo ilustrações malucas, inserindo *hiperlinks* de vídeos, músicas, textos. Ali estávamos nós, os filhos expelidos de Cronos, eu, o texto, o Olhar de Virgílio, a improvável e impensável invisibilidade dos leitores e leitoras.

As crônicas invisíveis

Da mesma forma que o cérebro humano funciona por 24 horas ininterruptas com oscilações nos fluxos sinápticos e de oxigênio, o processo de escrita das crônicas semanais foi intermitente, irregular e por vezes caótico. As primeiras semanas foram de inspiração e novidade, em alguns momentos eu escrevia textos elaborados e consistentes, em outras o que saía na hora, no fôlego, quase na marra. Alguns temas eram fruto de inspirações filosóficas ou cotidianas, outros pareciam brotar da fonte obscura do inconsciente, da dor ou do medo e muitos tem fortes conteúdos políticos e pedagógicos.

A ideia de produzir este livro quatro anos após a última crônica ter sido escrita com muita dor e pesar (como poderão ver mais adiante) foi justamente de uma angústia da perda de um amigo, um herói. Durante algum tempo o Jornal Agora manteve os *links* das crônicas disponíveis na internet, e, de tempos em tempos, eu buscava os *links* e os compartilhava em algum acontecimento ou data significativa. Dois anos atrás (creio eu) eu tive a ideia de copiar os textos e colocá-los em um arquivo único, localizado no meu HD externo. No segundo semestre de 2017 experimentei um período de grande produção intelectual e escrita e pensei que seria a hora de recuperar um pouco de minha produção para poder seguir adiante. Fui buscar os *links* e, para minha surpresa, todos foram deletados. Aqui experimente o vazio trazido por Freud em “Luto e melancolia”: a imagem daquilo que está morto permanece em incongruência com a morte real. Dois anos de trabalho haviam simplesmente desaparecido “como lágrimas na chuva”. Porém, como dizem os chineses que “a lotus nasce do lodo” e junto com ela o Edital da FURG para edição de livros e a notícia de que a colega de laboratório Daniela Delias de Sousa trabalhava na edição de um livro com as crônicas do NUPEBI publicadas na sessão infantil do Agora, o Agorinha. Freud foi certo quando nos mostrou que nossa vida psíquica é estruturada por representantes de um apagamento primordial de memória, representativos de um retorno ressignificado. E lá estavam elas, quase cinquenta crônicas, minha dor e minha alma repousavam tranquilas em terabites magnéticos.

Abri o arquivo, respirei fundo e comecei um processo de releitura dos textos, que lembrou minhas primeiras sessões de análise, pois, metonímica e metaforicamente, o passado me invadiu bem ali, no “Agora”. Quando estamos deitados no divã e somos confrontados com a borda entre o zumbido do pensamento e as prisões da fala, o passado ressurgiu na dobra com o presente recheado de tempo, do tempo que passou, da sessão, do intervalo espaçado e musical das palavras, pois, como a luz depende da sombra, o sentido se alicerça no silêncio, nas vírgulas, nas pausas, nas pontuações

(da gramática e do analista). Quando o recalcado retorna, o faz sempre escondido, fazendo alianças com o Eu, pois ali está aquilo que desejamos, nos envergonhamos, o que nos apavora, as pequenas obscenidades e insanidades. Trazer o que estava no passado do Agora produziu em minha escrita o encontro com os textos bons, os ruins e os medíocres, com os lendários e os obscuros, com aqueles que envelheceram e os que poderiam ter sido escritos hoje.

Alguém poderia pensar que minha intenção inicial seria fazer uma seleção dos melhores textos para colocar neste livro, mas isso nem passou pela minha cabeça, e tudo que escrevi no início desta apresentação demonstra que o desejo de trazer as crônicas para o livro impresso não é relativo ao seu conteúdo, pois, enfim, o envelhecimento cronológico produziu nelas uma obliteração do seu significado, do sentido estrito daquilo que eu queria comunicar e de sua metamorfose em algo da natureza própria do sujeito como efeito da linguagem: o significante, entendido como o sabor mesmo das palavras na ocorrência do Agora.

Para tanto como o número três pertence a uma espécie de Kabala na esfera artística e filosófica, como Eu, Isso, Supereu; Real, Imaginário, Simbólico; Signo, Significante e Significado; O Bom, o mau e o feio, Chico, Grouxo e Harpo, Led Zeppelin, Deep Purple e Black Sabbath, a releitura dos textos produziu mais uma tríade temática. O primeiro tema, “Um professor que se recusa” trata dos paradoxos e angústias de um professor de Psicologia da Educação de uma Universidade Federal durante os estertores do último governo democrático do Brasil. “Imaginariopatias” apresenta textos diversos sobre psicologia, política, ciência aventuras e desventuras daquilo que Bukowski chama de “fabulário geral do delírio cotidiano” em “Ao sul do mundo ou meditações cassinenses” as amarras da poesia e do lirismo se soltarem aos ventos do vazio.

Optei por manter o texto original de todas as crônicas, mas não resisti em escrever prólogos em algumas para contextualizar o leitor a respeito do contexto político e social da época e também de algumas imaturidades e

incongruências minhas na época. As referências bibliográficas desta introdução e que aparecem nas crônicas estarão no fim do livro. Eu gostaria de dizer algo bombástico e original, com alguma citação certa no fim, mas prefiro desejar uma boa e velha leitura (na esperança de que algum Outro leia).

Um professor que se recusa

Educação é liberdade, ou não é nada
Fábio Dal Molin

(06/04/2011) CRÔNICAS INVISÍVEIS, O INÍCIO

Texto fundador das Crônicas. Eu estava no meu segundo semestre como professor da FURG, o curso recém havia inaugurado o Centro de Atendimento Psicológico e sua primeira turma entrava no quinto ano. Está um pouco quadrado, pois eu não sabia ainda que estilo adotaria, e, enfim, não adotei nenhum.

I

Alô invisíveis leitores, aqui quem escreve é um viajante do tempo e do espaço, estou neste mundo há 35 anos e na cidade do Rio Grande desde agosto de 2010, assumindo o cargo de professor do curso de Psicologia da FURG. Nasci e vivi em Porto Alegre por toda minha vida, logo, sou ainda um observador curioso, habitante da estrada, um visitante, como quem pede carona e se deixa levar pelo caminho dos fluxos da estrada. Da mesma maneira que, no romance de Italo Calvino, “As Cidades Invisíveis”, Marco Polo desfila suas narrativas sobre memórias e histórias de cidades que nunca viu a um Imperador que nunca saiu de seu palácio.

Escreverei aqui meus conceitos e preconceitos, mas também sobre temas que invadem o cotidiano desta cidade, deste país e do universo conhecido por minha limitada percepção.

Como hoje é minha estreia, vou começar por boas notícias, ou pelo menos com aquilo que ocupa meu pensamento e meu trabalho: neste ano de 2011 a FURG forma sua primeira turma de psicólogos, e o curso de Psicologia inaugura seu Centro de Atendimento Psicológico. Ainda que persista no imaginário popular a imagem daquele que aplica testes ou atua apenas em consultório, a formação

de excelência e diversidade que nossa universidade propiciou amplia de sobremaneira e explicita o importante papel social de nossa profissão.

Dentro de menos de um ano, a sociedade receberá em torno de 30 profissionais habilitados em intervir em atendimentos clínicos, ambulatoriais, hospitais e serviços de saúde pública, escolas, empresas, projetos sociais e quaisquer outras áreas onde nossa ciência seja necessária.

Os psicólogos primogênitos da FURG especialmente aqueles formados dentro de universidades públicas, democráticas e financiadas com dinheiro público nascidos em tempos de redes sociais e redescoberta da profissão, são formados com autonomia, propriedade intelectual e rigor científico que foram desenvolvidos ao longo de cinco anos com a colaboração de um corpo docente qualificado e norteado por princípios de cidadania e responsabilidade social.

E é com o espírito intelectual da primeira (de muitas, quase infinitas) turma de psicólogos da FURG da cidade do Rio Grande, cumprimento os leitores, e inauguro este espaço aberto de debates e de interatividade.

(12/07/2011) EU NÃO SEI ENSINAR

II

Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo

Jacques Rancière

Olá invisíveis, todo mundo lê, ao final desta coluna, que eu sou professor da FURG. Pois bem, hoje eu quero escrever sobre minha maior descoberta profissional: eu não sei ensinar, e, mesmo que eu soubesse, eu não ensinaria.

Um de meus trabalhos mais importantes e desafiadores é o ensino de psicologia para aqueles que não são psicólogos ou estudantes desta complexa e multifacetada ciência. Dentre os principais desafios pedagógicos está o de colocar-me no lugar dos alunos, ou seja, imaginar que eu não sei absolutamente nada do assunto e procurar sair do emaranhado de conceitos, vícios e jargões que mais de 15 anos de práticas acadêmicas e profissionais transformaram quase em um escafandro cognitivo. Em geral, começamos uma disciplina indo direto ao assunto ou então tentando sempre retomar uma linearidade temporal e ensinar os tais fundamentos filosóficos. O palco está montado, o ator tem suas falas e marcações. Cabe à plateia aplaudir. A própria sala de aula possui uma configuração arquitetônica na forma

que no teatro chamamos de “palco italiano”: o ator em pé e posicionado de frente para os espectadores que o assistem.

No entanto, normalmente o professor esquece que, na sua tarefa de “passar a matéria” ele mesmo faz as perguntas na prova ou em algum trabalho a partir de premissas que são dele mesmo ou de outros colegas. No processo de “ensinar” os procedimentos ocorrem em geral em um monólogo professoral no qual os alunos não fazem qualquer pergunta, ou as fazem em um espaço reduzido, relutantes, envergonhados ou mesmo sem saber o que perguntar (afinal, interrogar já é um processo de apropriação do conhecimento que não ocorre de uma hora para outra). O processo de construção do conhecimento neste cenário é uma peça tediosa e previsível, com heróis e vilões, perseguições de carro e final feliz. Sim, feliz, afinal, cumprida a tarefa, fecham-se as cortinas e lá estão os bons, os maus e os feios, alunos repetidores, repetentes e que aprendem apesar do curso.

Podem se escandalizar, invisíveis, me processem, mandem-me para a cadeia. Lá terei tempo para escrever mais e sobre experiências igualmente interessantes, mas eu lhes digo, nunca na minha vida preparei uma aula sequer. Não do jeito que estão pensando. Eu considero minhas aulas encontros, rituais, debates, delírios, alucinações. O espaço da aula é dos alunos, sem eles nada tem sentido, porque eu sou aluno também, eu aprendo, não ensino, provoço a polêmica, faço com que eles tentem ao máximo tomar conta do espaço, e sempre digo que a aula ideal seria no dia em que eu fosse expulso por eles, amotinado, usurpado, e não seria mais necessário.

E aí vocês me perguntariam: mas para que, então, serve o professor?

Eu respondo: realmente temos um universo a descobrir.

(02/11/2011) “PROTEJA-ME DAQUILO QUE EU DESEJO”

Nos sete anos em que estou na FURG, creio que trabalhei com mais de dois mil alunos, em sua grande maioria da disciplina de Psicologia da Educação nas licenciaturas em Matemática, Química, Física, Biologia, Literatura, História, Geografia, Letras e Pedagogia. A crônica foi escrita em um dos poucos conflitos que tive com os alunos, pelos meus métodos pouco ortodoxos.

III

“O quê? Um grande homem? Não vejo nada além de um comediante do próprio ideal”

Nietzsche (sempre ele)

Olá invisíveis, em primeiro lugar peço desculpas pelo silêncio de mais de duas semanas, os fluxos intermináveis e esmagadores da vida cotidiana bloquearam minha escrita, e, para quem se arrisca a escrever, bloqueios são como resfriados. Porém, tanto para como os que me amam quanto os que me odeiam, aqui estou eu novamente para perturbar a ordem e a desordem deste periódico sulista. E hoje o assunto é grave, sério e confuso, afinal, há duas semanas entrei em profunda crise existencial e pedagógica.

Não sei se alguém lembra, mas há algumas semanas escrevi que meu grande objetivo de professor seria o dia que os alunos se amotinassem e tomassem o controle da aula. Pois aconteceu. Em uma de minhas turmas de Psicologia da Educação, estava prestes a dar início a uma sequência de aulas demolidoras, na qual abordaríamos o sofrimento dos professores no trabalho, as redes de apoio à escola, à violência, às políticas públicas, às drogas e todas as problemáticas concernentes a

esta instituição tão paradoxalmente poderosa e decadente na qual a maioria de nós passa 10 anos de nossas vidas. Eu estava pronto para mudar o mundo, implodir o sol, tornar meus alunos radioativos e refratários a qualquer esquema repressor e didático de outros professores e ...

No exato momento em que lutava contra o projetor multimídia fui atacado pelos flancos... “Professor, nós queremos que o senhor nos ensine as teorias da aprendizagem, os outros professores falam sobre os estágios de desenvolvimento, sobre a fase oral, e perguntam se já vimos isso na sua disciplina e nós ficamos boiando. Pelo menos o senhor poderia dar uma aula só para sabermos os nomes...”

No mais puro reflexo, respondi “mas isso não serve para nada, algumas teorias são antigas e não servem para a educação, além do mais, não é possível aplicá-las na escola atual”.

“Mas nós queremos saber o que se passa na cabeça das crianças”.

Um fracasso, é isso que eu sou, um fracasso. Em um semestre não consegui expressar uma simples mensagem de que não existe “cabeça” e muito menos algo “dentro” dela. A Escola é um espaço virtual, circunstancial, multifacetado e BEM distante do mundo universitário e suas teorias e pesquisas. A maioria das políticas públicas que dizem respeito à pedagogia escolar é feita às cegas. A Psicologia Escolar pode ajudar a desenvolver competências e habilidades e incentivar as habilidades dos trabalhadores na Escola, nada além disso. Saber sobre as fases do desenvolvimento psicosssexual criadas por um neurologista que nunca pensou sobre a Educação ou a Escola, que morreu nos anos 40 ou as fases do desenvolvimento elaboradas por um grande psicólogo que nunca imaginou que seria o papa da pedagogia é simplesmente ignorar as principais lições destes mesmos pensadores. Mas não adianta, vai demorar mais algumas encarnações para a educação superior deixar de ser um mundo à parte de professores enclausurados ensinando para alunos virtuais sobre escolas virtuais. Ou pelo menos o tempo que levará até

a estrada que leva ao Cassino ser duplicada e construir uma linha de trem entre Rio Grande e Porto Alegre.

Percebi que sou um prisioneiro de meus próprios ideais. Estou preso em um ciclo: falo de liberdade e democracia, logo, não posso impor minha vontade aos alunos. Ah, a pobre vontade de potência. Só me resta esperar e voltar a escrever.

(28/06/2012) REVOLUÇÕES

No ano de 2012, no primeiro governo de Dilma Rousseff, 50 Instituições Federais de Ensino Superior deflagraram uma imensa greve que durou quase cinco meses por conta de reajustes nos salários e mudanças nos planos de carreira. Como Psicólogo Social de formação sempre fui um analista crítico dos movimentos sociais engessados e institucionalizados, e esta crônica inicia uma longa série temática a respeito da greve e suas vicissitudes. Eu a dedico a Yuzo Ueno, amigo querido e poeta que suicidou-se quando foi morar no Japão para trabalhar em uma fábrica.

IV

Olá invisíveis. O texto de hoje é em homenagem aos meus alunos e alunas que vivem a dramática vida de estudantes universitários no Brasil, e também a um grande amigo e parceiro que já virou poeira de estrelas: Yuzo Ueno.

Uma imensa conta bancária no negativo, dois meses de atraso na biblioteca (quatro livros que nem tinha lido), um mísero salário que não aumenta há 4 anos, cartão de crédito, conta no bar, a formatura (desemprego) se aproximava e se afastava paradoxalmente, pois a universidade em que estudava estava em greve. A mensalidade para a cerimônia de formatura atrasara 5 meses, dois estágios, diretório acadêmico, acordar todos os dias às seis e ter que viajar uma hora. O que mais? Dívidas com a Máfia? O atual governo que, travestido de esquerda, era conduzido cada vez mais para uma ameoba fisiológica? Juros, FMI, crise mundial, 8 bilhões de habitantes no planeta. O tempo, a vida, os números, e ainda por cima não há nada após a morte. Por

falar nisso, já é mais de meia-noite, e significa que acabou o horário dos ônibus.

– A revolução.

– O quê?

Os ovos e os bifes estalavam em uma imensa e gordurosa chapa, enquanto as mãos não tão limpas de um homem de guarda-pó quase branco abriam pães e os enchiam de salada.

– A revolução. Não há outro jeito. É tudo o que podemos fazer agora: a revolução. Acabar com tudo e começar de novo.

– Revolução de novo?

Ovos em cima de bifes e imensas fatias de queijo em cima de ovos. As mãos do homem de quase branco agarravam uma lata de azeite e derramavam generosas porções sobre tudo o que existia. As revoluções são como ovos fritos (não tinha a mínima ideia de como tal pensamento surgira).

– Está se referindo a Fidel Castro e seus cucarachas? Lênin, Trotsky e um bando de barris de *vodka*? 14 de julho? Alguma coisa mudou?

– Tem a China...

– Ora, um a cada cinco habitantes do mundo é chinês. Além da superpopulação, eles nos obrigam a comprar aqueles chinelinhos ridículos só por que são fabricados em regime de semiescravidão. Isso é revolução?

Garçons correndo de um lado para outro. A fumaça dos cigarros misturava-se a da comida, formando algo gosmento no ar. Era uma lancheria como outra qualquer, e, em um balcão como outro qualquer, estavam dois amigos respirando a gordura do ambiente.

– Ei, psiu! Amigo! Ei amigo, mais uma ceva.

– Precisamos mudar tudo, não só o sistema, ou as leis.

A vida das pessoas deve mudar, os hábitos de higiene, os cuidados com a saúde, as relações comerciais, amorosas, intelectuais, conjugais, sexuais... Entende? Toda a arte, a cultura, a filosofia, a religião, a justiça, a universidade, a física, a matemática, a biologia, a psicologia, a política, a maneira de tratar o lixo, a música, as mães, os artistas pós-modernos... Tudo deve mudar, até o futebol... Tudo deveria ser recriado,

reconstruído, embaralhado, formatado. O CAOS dando início a uma nova estética mundial, é isso que eu proponho. Hei, amigo, um X-Salada sem ovo, por favor.

– Uma nova tábua de valores? Algo como um holocausto nuclear ideológico e cultural. Talvez uma não existência da tábua, ou uma convivência quase harmoniosa entre a moralidade e a imoralidade: o ser pleno em transformações, tentando alimentar-se da pura energia do caos.

– Sim. Um filósofo chamado Nietzsche pensou algo parecido.

– E o que aconteceu?

– Bom, ele fez a revolução, mas era tão antissocial que não convidou ninguém para fazer parte, e tão niilista que acabou desistindo.

Foi ao banheiro. Não era exatamente um banheiro: havia uma privada, vários pedaços de papel higiênico no chão e várias frases nas paredes do tipo “comi a Maria Diva Gina Berta” ou “é absolutamente impossível pensar seriamente sobre a morte e assobiar ao mesmo tempo”. Certamente existiriam na face da terra lugares mais tristes do que aquele, mas nenhum tão fedorento. Quando retornou, suspirou e disse baixinho:

– Sessenta e quatro.

– O que tem isso? O golpe? Os estudantes? A guerrilha?

– Sessenta e quatro reais, é o que eu devo para a biblioteca. Não são sapatos, CDs, passagens de ônibus, pizzas ou entradas de cinema. É uma maldita multa, um dinheiro que sai sem nada a entrar. É como cagar dinheiro e dar a descarga, só que até uma boa cagada tem seu valor.

– Nietzsche nunca falou sobre multas de biblioteca?

Terminaram de comer e beber, deram um jeito na conta e saíram para a rua. Tinham que ir a pé, e, dali a algumas horas, voltar ao trabalho. Era o início do outono. As noites estavam ficando cada vez mais frias, e as caminhadas, cada vez mais longas. A universidade em que estudava estava em greve há quarenta dias e o governo recusava-se a negociar.

A biblioteca estava fechada.

(14/06/2012) PAUSA PARA DOSTOIÉVSKI

V

Alunos que tem boa cultura certamente tem mais facilidade com o resto das atividades exigidas no meio acadêmico e as desempenham com mais naturalidade. Quer dizer, uma planta pode crescer só com terra e água, mas com um bom adubo orgânico ela fica bem maior e mais viçosa. Guattari chama isso de “universos de referência”, linhas de fuga, espaços nos quais podemos colocar em perspectiva os conhecimentos teóricos e técnicos e tornar nossa experiência no mundo mais complexa e heterogênea. Dentro das minhas atividades docentes, e enfim, também daquelas que propus durante a greve, e outras tantas que estão ocorrendo no acampamento estudantil, boa parte envolve a exibição de filmes ou a leitura de alguns clássicos da literatura. Pode-se perceber que, no mundo acadêmico, um grande abismo surge entre o operário trabalhador acadêmico, e o chamado pensador intelectual. Nós, doutores, os cérebros mais treinados e capacitados da terra (?), paradoxalmente estamos perdendo nossa capacidade de pensar, pela exigência cada vez maior de produção numérica e burocrática pautada em prazos, e também pela especialização. Creio que isso é um ponto de pauta importante a ser discutido em tempos revolucionários de greve.

O operário-padrão do conhecimento deve ter seu intelecto restrito ao seu escopo de pesquisa. O resto é ócio.

Pois eu não concordo com isso. Minha ideia de educação é complexa, e principalmente na minha área, a Psicologia, quanto mais Universos e modos diferentes de pensar, mais o pensamento e as relações humanas adquirem a capacidade de se reinventar, pois falemos de Dostoiévski.

Fiódor Dostoiévski (1821-1881), escritor russo, autor de obras como Crime e Castigo, Os Irmãos Karamazov, O Idiota, é considerado um dos maiores expoentes da literatura mundial ao lado de Shakespeare, Proust, Tolstói, entre outros. Sugiro, para começar, “Notas do Subsolo” e “Memórias da casa dos Mortos” (que estou lendo agora). São baratinhos e fáceis de ler.

“Notas do Subsolo”, ou dependendo do tradutor, “Devaneios do subterrâneo”, “Notas do subterrâneo e por aí vai”, doravante o título, me puxou para o andar de baixo, ou pelo menos mostrou o chão que está acima de mim.

O filósofo Mikhail Bakhtin construiu uma grande obra inspirada no escritor russo Dostoiévski, considerando seus romances polifônicos e dialógicos, polifônicos pelo fato de o escritor ser uma espécie de consciência das consciências de seus personagens, que, segundo Bakhtin, adquirem independência no discurso ... dialógicos pelo fato de os personagens, alguns formadores de um discurso próprio, teórico, e que produz fissuras nos outros personagens, e no caso do “Notas ...”, no próprio leitor.

O livro começa com um diálogo direto do personagem, que não possui nome, com o próprio leitor, onde ele apresenta “o subsolo”, ou seja, o lugar de onde ele se posiciona, sua visão de mundo, seu estado de espírito. “Sou um homem doente, sou mau”, é a primeira frase do texto, e prossegue um diálogo cuja tônica é habitar o subsolo, o subterrâneo, o lugar do discurso além da moral, em que o personagem se mostra como herói como questionador da humanidade da hipocrisia, mas ao mesmo tempo se acovarda ... Ele chega a dizer: “Pressupomos que o homem seja inteligente, pois se ele for idiota, quem mais consideraremos inteligente?”. Define o homem como um ser “bípede e ingrato”, assume a postura de subsolo ainda que no final, diga que não acredita em UMA palavra que escreveu, e, na conclusão escreva as incríveis palavras: “é melhor não fazer nada! É melhor a inércia consciente! Pois, então viva o subsolo!

Apesar de eu ter dito que invejo o homem normal até a minha última gota de fel, nas condições em que o vejo, não

quero ser ele”... Dostoiévski é impressionante. Suas narrativas são simples, porém descrevem personagens complexos e que tem vida própria.

Em “Memórias da Casa dos Mortos”, a história é contada por um personagem que lê um diário de um detento em uma prisão na Sibéria. Neste livro, dentro do livro, é descrita a rotina da cadeia, com pormenores sensíveis e cotidianos. Em meio a esse cotidiano, aparecem as vidas, pensamentos, morais, sentimentos e conflitos de cada personagem, como se eles tivessem vida. Em Dostoiévski, os personagens assumem discursos e falas que são independentes da narrativa e do narrador, como se fossem vivos. Cada idiosincrasia da prisão é trabalhada com detalhes e sob a perspectiva da multiplicidade subjetiva e heterogênea dos detentos e seus modos de funcionar, o que dá ao ambiente carcerário uma ideia de multiverso: o verão, o inverno, as festas, os conflitos, as penas e seus múltiplos delitos e suas motivações, castigos e o hospital ...

Sendo o livro dentro de outro, ainda há mais histórias dentro de histórias e o leitor é habilmente conduzido a dialogar e quase nos esquecemos que apenas uma pessoa as escreveu, ou, desta maneira, abre-se a possibilidade ao leitor de construir este diálogo.

E, quem sabe, não podemos usar Dostoiévski como metáfora para nossos fazeres pedagógicos, e, em meio a prisões curriculares e suas rotinas sufocantes deixemos as vozes de nossos alunos dialogarem e possamos nos perder em nossas polifonias?

(21/06/2012) PROFESSORES, BEM-VINDOS AO DESERTO DAS AMEBAS

Após participar de algumas atividades de greve na FURG, resolvi permanecer em Porto Alegre para participar dos movimentos na UFRGS. Como estamos em 2017 e o governo Michel Temer representa uma das maiores ameaças a Universidade Pública de toda a sua história, essa e outras crônicas da greve de 2012 fazem críticas pesadas ao governo Dilma Rousseff e sua reeleitura provoca uma sensação melancólica, algo do tipo “éramos felizes e não sabíamos ...”

VI

Sigmund Freud, em um de seus textos fundamentais, “Além do princípio do prazer” de 1920, trata de escrever sobre a dinâmica da energia psíquica, que chama de libido, do inconsciente para o eu, do eu para o objeto, da produção de prazer e da evitação do desprazer. As neuroses, ou os sintomas psíquicos perturbadores são resultantes de uma complexa economia da libido entre o inconsciente, o eu, e o que se pode chamar de “realidade” ou mundo externo. Para Freud, o eu, ou sua parte consciente é apenas uma parte do aparelho psíquico que direciona a libido para o objeto, para si mesmo ou para o inconsciente.

A psicanálise freudiana, cuja técnica clínica é centrada na fala e na associação livre, trata de como o sujeito falante se constitui em nos processos de prazer e desprazer, de vida e de morte, como tais processos são convertidos em imagens, símbolos, sonhos, sintomas, ansiedades. No inconsciente não há tempo nem espaço, muito menos sim ou não, bem ou mal, e prazer e desprazer obedecem a uma ordem caótica do narcisismo à perda do eu, no prazer da destruição do outro

(sadismo) a aos deleites da destruição de si mesmo (masoquismo).

O que mais chama atenção no brilhante texto freudiano é a importante discussão sobre o que, entre prazer e desprazer, vem de dentro e de fora. Sendo o artigo escrito próximo ao fim da Primeira Guerra Mundial, do ponto de vista de quem a assistiu de camarote, são feitas importantes considerações sobre os traumas de guerra, e Freud faz uma consideração surpreendente aos leigos: os sintomas vivenciados por ex-combatentes traumatizados não são diferentes daqueles de pessoas comuns que não passaram por experiências tão radicais. O pai da psicanálise já havia escrito sobre isso em um de seus casos mais famosos, “O Homem dos Lobos”: o “trauma” obedece a um fluxo de libido que pode ter como decorrência um fato “externo”, mas, por fim, é o funcionamento próprio do aparelho psíquico quem vai organizar a experiência como prazer ou dor, ou que sintoma ela vai gerar.

Com extremo rigor e criatividade, recorrendo a biologia celular, Freud imagina uma curiosa gênese do aparelho psíquico a partir dos organismos unicelulares. Imaginemos uma ameba, um dos primeiros seres vivos a habitar este planeta, cuja história se confunde com o próprio conceito de vida: um conjunto de líquidos e organelas que se diferencia do resto da sopa primordial por uma membrana. A membrana é considerada até hoje pelos biólogos como o primeiro modelo de inteligência, pois é ela que delimita tudo o que entra e sai da célula e que a protege da aniquilação, e, por fim, definindo o que é e o que não é o organismo. Em uma ameba, a membrana se constitui na totalidade do aparelho psíquico, e ela é totalmente exposta para “fora”.

A genial constatação de Freud, com base na evolução embrionária do sistema nervoso, é que no processo de evolução dos seres vivos boa parte desta “externalidade” foi para dentro, restando apenas resquícios que originaram nossos órgãos perceptivos. Desta forma, nossa “realidade” psíquica é alimentada por estímulos externos por “frestas” perceptivas diminutas, se comparadas com a vastidão da

membrana ancestral. Daí surge o que Freud mais adiante vai chamar de terceira ferida narcísica: nossa consciência não é nada além de uma pequena ilha em um oceano que foge ao nosso controle. O princípio da realidade é “interno”.

Nestas duas últimas semanas saí do meu casulo narcísico e procurei frequentar diferentes movimentos de mobilização pela greve. Na última terça-feira, estive na UFRGS em uma reunião de professores com um dirigente sindical, e percebi o quanto nós, docentes universitários, vivemos em uma bolha, uma ilha feliz de narcisismo. A maioria dos colegas professores universitários que não participam das atividades sindicais ou são pesquisadores renomados que administram verdadeiras empresas de investigação e não podem parar nunca ou então são recém-ingressos que não sabem de nada, de nenhuma pauta, e muito menos dos nossos direitos que estão sendo corroídos juntamente com o salário. Quando entramos na universidade, o que sentimos são as bênçãos da ignorância e a potência juvenil do trabalho assalariado. Pesquisas, bolsas, aulas, alunos, textos, publicações, o universo todo penetra em nossa janelinha do “eu” pelas frestas. Hoje, 21 de junho, participei em Porto Alegre da Marcha pela Educação capitaneada pelos sindicatos dos funcionários das Universidades Federais, com presença marcante da FURG e da UFSM e novamente fiquei constrangido, pois estes comemoraram 52 reuniões com o governo federal sem negociações, e além da imensa defasagem salarial (ainda sem a possibilidade de que os docentes tem de ganhos alternativos) enfrentam o problema da terceirização e da extinção dos cargos.

A partir da semana que vem os professores da UFRGS provavelmente entrarão em Estado de Greve, e apresentam como alternativa a paralisação total a não entrega dos conceitos do semestre ...

E dentro disso tudo que está acontecendo somos amebas que sonham que são seres humanos, sofrendo mas gozando ...

Colegas professores, acordem do sonho, a casa está pegando fogo e estamos em um imenso deserto do real.

(26/09/2012) O DIA EM QUE DORIVAL ENCAROU A GREVE

Depois de quatro meses oscilando entre mobilizações, reuniões, brigas, conflitos e muita, mas muita inércia, o então governo Dilma Rousseff ganhou dos sindicalistas no cansaço. Não lembro direito o que conseguimos, ou se conseguimos a greve encerrou e tivemos início ao um longo rosário de adequações de calendário, aulas no auge do verão e dos mosquitos, formandos irritados e disciplinas mal concluídas. Aqui foi o auge da desilusão de toda a categoria com Dilma, Mercadante e o PT. Logo em seguida viria o fatídico ano de 2013, a violenta eleição de 2014 e tudo só piorou. Eu queria mesmo ter uma máquina do tempo, mas de que adiantaria?

VII

“Pau mandado não tem lema”
Dorival

Recomendo que assistam o filme “O dia em que Dorival encarou a guarda” de Jorge Furtado.

Feçam-se as cortinas, ressonam os últimos aplausos, entre murmúrios, conversas dispersas e risadas tardias, a plateia deixa o espetáculo em um misto de alívio e tristeza. No camarim, o cheiro de suor e o calor do frenesi do ato espetacular ainda vibram nos atores e a maquiagem é retirada enquanto o desempenho do palco e a reação da plateia é comentada... “A vida é um Cabaret, velho amigo, venha para o Cabaret”.

A greve acabou! Depois de um longo espetáculo de um único ato, as luzes de trabalho se acenderam, e ao olharmos o cenário que outrora protagonizou uma complexa realidade, percebemos que tudo era ilusão, fantasia e realidade cênica.

Em meu gélido primeiro dia de aula na FURG percorri salas de aula repletas de alunos sentados copiando lousas entulhadas de cálculos, tabelas, conceitos, ônibus lotados e a

eterna orquestra de reclamações sobre bimestres, provas, faltas, trabalhos e professores autoritários ou negligentes.

Não consigo entender o que está acontecendo... Terá sido um sonho? Nos sonhos a sensação do tempo cronológico é suspensão, podemos sonhar mais nos dez minutos da soneca do despertador do que em toda a noite. Terei eu sonhado que os professores das Universidades Federais estiveram em greve durante quatro meses e que disto resultou uma trágica realidade na qual todos fomos vencidos pelo cansaço e poucas explicações foram dadas e simplesmente acabou, e todos voltamos a ser o que éramos antes...

Um minuto ... isso não pode ser assim ... serei eu um ser de outro planeta, de outra época ou de outra dimensão? Eu quero conversar com meus alunos sobre o que aconteceu, quero ouvir suas angústias, falar sobre as minhas, pedir desculpas, me explicar, me queixar, protestar ... Nos imensos corredores da FURG, um arrepio percorre minha espinha ... Quatro meses de colunas furiosas no Jornal Agora sobre a insuficiência do movimento grevista e sobre a alienação da classe trabalhadora surgem em meu curto horizonte. Proteja-me daquilo que desejo. Ou, como diria Freud, a angústia resulta da proximidade com o objeto fantasiado.

Todos nós, professores, alunos, funcionários, sindicalistas e até mesmo o dono do bar da esquina da FURG mordemos o pó da derrota, e sequer ficamos de cabeça baixa. Permanecemos em silêncio, quietos, parados no mesmo lugar de onde partimos, mirando o horizonte e vislumbrando nossas próprias nuças.

Sinceramente vocês sabem qual é minha opinião sobre isso tudo?

Eu estou muito irritado, e acho que a briga recém começou, agora de verdade. A guerra começou e tem início a guerrilha, portanto, de hoje em diante, começarei a praticar o terrorismo intelectual, a conspiração e a desobediência civil. Lembro do mestre general Sun-Tzu, que diz na "Arte da guerra" que um inimigo cercado por todos os lados e encurralado é o mais perigoso, pois luta até a morte sem pensar nas consequências.

Pois agora minhas disciplinas todas de Psicologia da Educação tratarão de violência institucional, poder, hierarquias e anarquias ... De hoje em diante vou atacar o governo e o sistema da maneira mais incosequente e insana que minhas capacidades didáticas e pedagógicas permitirem. Como diz Henrique V, de Shakespeare, eu soltarei meus cães de guerra ...

Minhas primeiras aulas foram de muita escuta e conversa com os alunos sobre tudo o que aconteceu e foi exibido o filme: “O dia em que Dorival encarou a guarda”, de Jorge Furtado que é uma horripilante e irônica alegoria ao poder e à violência institucional. Cliquem no *link* e assistam, o filme fala por si só. Depois peço que escrevam seus comentários nesta coluna.

(19/05/2012) DOS ZUMBIS QUE ANDAM E COMEM CÉREBROS

Desde 2012 frequento o Festival de cinema fantástico do Porto Alegre, o FANTASPOA como uma de minhas principais fontes de pesquisa cinematográfica. Naquela semana, justamente a do meu primeiro festival, a greve foi deflagrada e eu soube da notícia por ouvir dizer, afinal, ela foi decidida, como sempre, em uma pequena assembleia de professores, que mais tarde provaram não saber direito porque estavam em greve. Aí entra em cena o Apocalipse Zumbi

VIII

No conturbado e simbólico mês de maio, dois eventos sociais entrecruzaram-se em meus universos de referência: no dia 17 foi deflagrada nossa greve e no Centro Cultural Santander, em Porto Alegre, aconteceu a mostra “Apocalipse Zumbi”, cuja programação consistiu em 08 filmes produzidos apenas no ano de 2011, todos eles variando sobre o mesmo tema dos “mortos-vivos”.

Mas como assim mortos-vivos?

Meus dedos percorrem o teclado, pressionam a tecla *backspace*, percorrem novamente as teclas ... Vozes internas fazem e refazem as ideias, pensam e repensam. Penso, respiro, movo as pernas para certificar-me de que elas estão se movendo aos meus comandos. E o que comanda os dedos, as pernas e a respiração? O cérebro, inexoravelmente é o cérebro que comanda tudo, as células nervosas, os potenciais de membrana, as fendas sinápticas. Estou vivo porque o coração bate, o pulmão infla, o sangue irriga o cérebro e permite que o pensamento saiba que estou vivo. Prefiro, na maioria das vezes, não pensar em como seria se o

cérebro parasse de produzir eletricidade e o pensamento parasse. Mas, afinal, que lacuna é essa entre o espaço sináptico e a língua, a fala, o discurso, a construção de uma teoria sobre o mundo e o conceito de vida e de morte?

A neurociência e a psicologia dobram-se e desdobram-se em cartografar o portal desconhecido entre o corpo e o pensamento, e como no paradoxo de Zenão, quando estão a meio centímetro entre Aquiles e a Tartaruga, precisam percorrer ainda a metade do caminho para chega lá.

Por enquanto, nos resta viver, e pensar sobre a vida. O pensamento, a ideia, a filosofia e o conhecimento carregam o cadáver biológico no temporalizar e espacializar da existência.

O corpo sem pensamento e sem movimento é um cadáver, e enquanto ele não se dissolve nas redes biológicas, é mais imóvel que a mais antiga das rochas.

Agora, o que acontece quando o corpo se move sem o pensamento, sem a existência e sem a vida? Mary Shelley, em seu fantástico romance, conta a história de um cientista que costurou partes de corpos mortos e, ao alimentá-los com descargas elétricas, deu animação a um protosujeito, uma criatura ao mesmo tempo orgânica e automática

Lendas antigas vindas do continente africano versam sobre feiticeiros cujos poderes ocultos fazer os mortos emergirem da terra e caminharem sob seu controle, e a estes corpos que andam é dado o nome de Zumbis, ou Zombies.

Desde os anos 60, o cinema de Hollywood produz histórias sobre experiências científicas ou acidentes bioquímicos geradores de massas ululantes de cadáveres moventes e aterradores, que atacam populações de classe média em cenários pequenas cidades, invadem cotidianos e se reproduzem por contágio. Meu filme preferido deste gênero é “A Volta dos Mortos-Vivos”, cujos zumbis são gerados por um gás tóxico oriundo de uma arma biológica e percorrem as ruas alimentando-se de cérebros. Quase todo o roteiro consiste em pessoas vivas sendo perseguidas pelos zumbis que se multiplicam por contágio, ou seja, quando um ser vivo tem seu cérebro comido, torna-se um morto-vivo.

Nosso grande guru filosófico Slavoj Zizek assistiu a este filme, e, como bom filósofo vivo, pergunta-se: um ser vivo pertence ao mundo dos vivos, ele pensa, discursa, respira, imagina e projeta universos e utopias; o cadáver é pouco mais do que uma pedra que não rola...

O morto-vivo é uma terceira categoria, que não pertence nem aos vivos nem aos mortos, que vive com apenas um objetivo: prosseguir diligentemente na tarefa de saciar uma fome paradoxal, visto que, enquanto morta não necessita de alimento. Mas afinal, na sua errância cadavérica, o morto-vivo nunca para para pensar por que come cérebros sem precisar comê-los, ou nunca para para pensar porque nunca para para pensar.

Zizek produz a analogia dos zumbis com a das pessoas que perderam a memória por tragédias biológicas, ou as eternas vítimas das grandes catástrofes, os escravos contemporâneos ou aqueles trabalhadores que não detêm a propriedade intelectual daquilo que fazem, os novos proletários. Os zumbis da contemporaneidade são protocidadãos que habitam cidades, fábricas, empresas e circulam pelas ruas, consomem, caminham, ocupam espaço, porém desprovidos da paralaxe entre o cérebro e o discurso.

O morto-vivo apenas prossegue ...

Agora, o que isso tem a ver com a universidade os dias de hoje?

(31/05/2012) A GREVE E O CAFÉ DESCAFEINADO

Um dos textos mais pessimistas e corrosivos que escrevi sobre o movimento grevista, obviamente o conceito de café descafeinado é exemplar e agradeço muito a Zizek por isso. Nos dias de hoje, no Brasil, algumas esferas da sociedade tem desenvolvido uma aversão ideológica a professores universitários e a funcionários públicos, por nos considerarem pouco produtivos e “privilegiados”. Tal sentimento se estende, obviamente aos sindicatos. As grandes greves, comandadas por sindicatos burocráticos e com pouca ou nenhuma capacidade de mobilização da categoria geraram problemas irreversíveis as Universidades Públicas. Em toda minha série de crônicas cujo tema foi o movimento grevista eu fiz sérias críticas, não à greve em si, mas aos perigos da pouca representatividade. Uma boa parte da comunidade universitária sempre ignorou as motivações das greves e aderiu a elas naquilo que chamamos hoje de movimento de manada. Eu sempre insisti no desenvolvimento de estratégias de mobilização com a universidade em funcionamento, na micropolítica e na intervenção no cotidiano.

IX

Não pensei muito antes de escrever o título desta crônica, e talvez isso tenha algum sentido ... Simplesmente emergiram duas palavras entre o turbilhão de pensamentos, o que parece contraditório, mas não é. Nestes tempos em que é quase impossível estar desligado do fluxo informacional, sentimental e social, milhões de pensamentos parecem ser passados em um coador e resultar em umas poucas ideias não muito consistentes. O pensamento envolve o enfrentamento de fluxos de compreensão e atuação, e talvez por isso que o filósofo Gilles Deleuze o considere ato de violência. É cada vez

mais perceptível que o registro escrito é um produto de uma captação difusa de algo que é difícil explicar e definir, ou mesmo assumir alguma posição definitiva. O que resta deste texto, peço a sua generosa compreensão, amigos invisíveis, é sua potência provocativa de encontro.

Sou professor de uma universidade federal em greve, e confesso agora, aderi ao movimento sem estar completamente convencido de sua eficácia ou de sua eficácia revolucionária. Logo, escrever, pensar e agir tem sido atividades bastante complicadas e um tanto doloridas.

Compartilho com alguns colegas que, da mesma forma que esta coluna, a greve poderia também terminar agora, e nada aconteceria além de a velha rotina de aulas, pesquisas, reuniões e extensões terem seu reinício. A situação é a seguinte: mais de 50 Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) aderiram ao movimento grevista, sendo que as mais ricas e poderosas seguem relutantes.

Dentro das IFES grevistas, a adesão é parcial. Na FURG, vários cursos permanecem com seu calendário de aulas inalterado, a greve estudantil (ah, sempre os estudantes são os guardiões da utopia, esses anjos caídos) prossegue com um interessante acampamento no campus com uma agenda plena de atividades e debates, as rotinas burocráticas permanecem, os estágios idem e a maioria dos meus colegas e alunos está curtindo a folga no conforto de suas residências ... Resumindo, estamos muito próximos ao CAOS, pois este, *stricto sensu* é denotado como multiplicidade de sistemas, e não como bagunça.

Desta forma, caríssimos leitores invisíveis, a greve nas Universidades Federais não pode ser compreendida como um sistema homogêneo, um exército que marcha em uníssono, a falange espartana ombro a ombro. Esta é a tentadora ilusão compartilhada tanto por aqueles que estão na linha de frente da ação sindical quanto dos observadores externos, e eu me arriscaria dizer que também por aqueles que não aderiram, são contrários ou mesmo estão em casa esperando por algo.

O filósofo e psicanalista Slavoj Zizek tem muito a dizer em relação à possibilidade de interpretação sobre o contexto

de nosso movimento grevista em duas de suas dimensões: a de sua radicalidade (ou falta de) e seu caráter ilusório.

Em primeiro lugar, Zizek se refere a nossa sociedade atual capitalista como uma falsa sociedade de consumo, querendo dizer que consumimos tudo, porém com relutância, sem comprometimento, em uma espécie de carência do gozo (gozar aqui para Zizek, bem como Lacan, denota mais fruição, vivência). Para ele, a analogia perfeita é a do café sem cafeína, da margarina sem gordura, da cerveja sem álcool. Podemos pensar que, na esfera política como imaginou Pierre Lévy nos anos 90, vivemos a nítida e real possibilidade de desencadear movimentos sociais em rede como nunca aconteceu na história. Por outro lado, quase duas décadas após o advento da utopia da cibercultura, estes movimentos geraram uma massa de indivíduos que se contenta em simplesmente repassar *links*, frases de ordem ou calendários de eventos, além dos famigerados vírus, memes e SPAMS.

A outra dimensão da sociedade apontada por Zizek é a dos radicais de esquerda que anseiam pela revolução, que o filósofo compara com a dos neuróticos da teoria psicanalítica, que anseiam eternamente por grandes acontecimentos fundantes. Nós, os neuróticos, gastamos nossos preciosos minutos neste planeta estruturando nossa experiência em nascimento, casamento, formaturas, eleições. Da mesma forma muitos sindicalistas, políticos e ativistas vivem neste mesmo mundo de consumo burguês teorizando e imaginando que algum dia virá a revolução.

É o que isso tem a ver com a greve?

É claro que nossas reivindicações são justas e que precisamos nos mobilizar e lutar pelos nossos direitos, bem como em defesa da Universidade Pública, gratuita e de qualidade. Mas será que nós queremos mesmo isso, ou melhor, a luta por uma universidade melhor passa exclusivamente por prédios, bibliotecas, salários, planos de carreira, ônibus e RU? Da mesma forma que muitos ficaram em suas casas de férias e outros não aderiram, os que ficaram mantiveram suas atividades burocráticas para o sistema funcionar, e a rotina se reinstalar, como se o fim da

greve fosse o sexo com hora marcada.

Do jeito que acontece, a greve não surge como movimento questionador de um sistema, como processo de discussão e questionamento das relações de trabalho e ensino em si, da didática, da pedagogia das relações entre professor e de aluno.

Tudo leva a crer que se o governo atender nossas demandas ou não, no dia seguinte tudo volta a ser mais do mesmo ...

E então entramos na segunda dimensão apontada por Zizek: nós, professores grevistas, seguimos nossa eterna rotina de disciplinas, provas, matérias, férias, calendários, e aguardamos ansiosamente o grande momento da greve para vestir uma camiseta branca, fazer assembleias e atuar. No fim da greve, tudo volta ao normal até o próximo ciclo, e vivemos a vida em sofrimento e sonho.

Chegamos ao momento do texto em que muitos entram em desespero e outros tantos passam a cultivar um ódio mortal de quem o escreve.

Como diria meu sócia histórico, Lênin “o que fazer?”.

Sugiro que leiam minhas três últimas colunas, ali está a solução antes do problema ser colocado: a greve na universidade precisa nascer primeiro como um SÍMBOLO, uma IDEIA, um ASSUNTO, e como disse o personagem do filme V de Vingança, de Alan Moore, as ideias são à prova de balas.

É hora da greve virar ação em serviço, dos trabalhadores inserirem suas demandas e pautas no dia a dia, na sala de aula, nas reuniões administrativas, no restaurante universitário, na biblioteca, nas férias, nos fins de semana, nas publicações em revistas indexadas e nos trabalhos apresentados em congresso.

Eu proponho o fim da greve atual e que a universidade entre em um constante e eterno ESTADO DE GREVE.

Estas ideias serão debatidas na próxima terça-feira, 05 de maio de 2012, no comando da greve estudantil sede da APROFURG às 14 horas, após exibição da entrevista de Slavoj Zizek no programa Roda Viva.

Agora chega, vou preparar um espresso bem forte e preparar minha nova ação.

(24/05/2012) A UNIVERSIDADE, A GREVE E O DIABO

Esse foi um dos momentos mais pitorescos de minha vida acadêmica. Nos primeiros dias da greve o discurso oficial é que manteríamos a mobilização constante com passeatas, ocupações e um acampamento dentro do campus. Tudo durou um mês. Eu mesmo, com uma paradoxal esperança, resolvi criar uma agenda de ações, a maioria voltadas para o cinema, claro. Então agendei o debate do filme de Godard: “Sympathy for the Devil”, reservei uma sala e, no frio congelante da FURG vazia, o assisti sozinho (apenas eu e a moça da segurança no prédio inteiro).

X

“Prazer em conhecer, espero que adivinhe meu nome, mas o que está intrigando você é a natureza do meu jogo.”

Rolling Stones (1968)

Segunda feira, 21 de Maio de 2012 (apenas no momento em que escrevo esta data dou-me conta de que maio é um mês importante na história dos movimentos sociais e tem a ver com esta crônica) como havia incluído e divulgado em minhas redes telemáticas, entrei em sala de aula e iniciei a projeção do filme “Sympathy for the Devil” (Jean Luc Godard, 1968, em cujo mês de maio movimentos sociais de todas as espécies afloraram na Europa).

Um amigo, o psicólogo, escritor e destruidor de mentes Édio Raniere havia recomendado este filme, por se tratar de uma produção de pensamento radical e original sobre movimentos sociais, e que nos instiga a pensar nas interfaces entre as pautas e estratégias dos anos 60 e das nossas, poluídas de contemporaneidade, após a primeira década do século XXI. Diz a lenda que o diretor havia sido convidado

para fazer um filme sobre a legalização do aborto, mas como ela já havia sido aprovada, teve que pensar em outra coisa, e fez um documentário sobre os Rolling Stones e uma de suas mais emblemáticas músicas, que trata do diabo, seus pactos, mistérios e sua presença em eventos e movimentos políticos ao longo da história. Como vocês podem ver e escutar, a música é uma miscelânea de ritmos, executada quase como um ritual, um frenesi digno da rebeldia sensual e inconsequente dos anos 60 e 70.

De maneira atrevida, ambivalente, e ácida, a banda coloca-se ao lado do Diabo, um homem de riqueza, fino trato e bom gosto, que sempre esteve aí desde o início dos tempos. O diabo é Lúcifer, a Estrela da Manhã, o Acusador, aquele que divide. No Velho Testamento, Deus era a bondade e a maldade, a calma e a ira, a criação e a destruição. Quando o catolicismo surgiu, precisou se defender contra os inimigos de sua doutrina, romanos, pagãos judeus... E foi criado o inferno, lugar onde vive o anjo que ousou desafiar Deus, que passou ao longo dos séculos a ser representado pelo deus pagão PAN, andrógino, sedutor, musical e jovem.

“Simpatia pelo diabo” é um hino ao *rock and roll* e toda a contestação celebrada por ele na segunda metade do século XX no alvorecer dos movimentos sociais jovens, universitários, feministas, negros, comunistas, etc.

Pois o filme de Godard, por meio do genial uso das metáforas e da imagem, é provocador em dois aspectos: ele glorifica a música e sua potência orgástica, porém produz uma nova cisão, uma nova diabolização: a captura da potência do rock e dos movimentos pela política, pela mídia e pela democracia capitalista.

O roteiro é dividido e trespassado por dois momentos intercalados: a banda trancada e isolada em um confortável estúdio compondo, executando, testando e gravando a música cercada de aparelhos, empresários, produtores. Para quem assiste hoje, nada mudou, afinal, após cinquenta anos de banda os Stones são senhores bem vestidos e milionários que ostentam a empoeirada e contraditória bandeira da rebeldia do rock e do consumo.

No outro momento, Godard lança imagens de personagens lendo textos de distintas ordens, o livro da doutrina de Mao, Dostoiévski, o Mein Kampf de Adolph Hitler e O Manifesto do Partido Comunista de Marx. Em linguagem teatral, são compostos cenários em que os Panteras Negras, o mais radical movimento Black Power dos EUA aparecem dando entrevistas a jornalistas, portando armas e discutindo a revolução. A estética suja e precária das odes revolucionárias denota um pleno contraste com o clima clean, quase de ar-condicionado do estúdio no qual se produzia uma espécie de hino que resume isso tudo.

Um fato curioso a ser ressaltado é que poucos meses depois, o guitarrista Brian Jones, um dos principais compositores dos Stones é expulso da banda, pelos seus constantes problemas com drogas. Jones, que no seu estilo representava o que a música dizia e ou *way of life* dos Stones, como muitos músicos de sua época, veio a falecer afogado em uma piscina em julho de 1969.

Somos rebeldes, questionamos o instituído, usamos drogas, adoramos o Diabo, mas nem tanto...

E é por isso que Satanás, Lúcifer, Belzebu, o Demo, o Cramulhão e o Cão adora fazer pactos, e, como ele mesmo diz no início da música “sou um homem de riquezas e bom gosto, estou aqui há muito tempo...” “Eu estava lá quando Jesus Cristo teve dúvida e sentiu dor”.

Pois “Ele”, o senhor das Trevas, já foi a Estrela da Manhã.

Enquanto eu, sozinho em uma sala confortável assistia o filme, os alunos da FURG ocupavam o prédio da reitoria para conversar sobre a greve.

Muitas foram das discordâncias e debates sobre este fato, se ele funcionou ou não, se os estudantes foram massa de manobra ou se esta é a melhor ou pior estratégia ...

Isso para mim não importa. O que importa é que uma rotina foi quebrada, um espaço asséptico, sisudo e burocrático de gestão de uma fábrica de cérebros foi ocupado pela doce irreverência e pela corajosa inconsequência.

E que os anjinhos rebeldes permaneçam no seu estado larvar, sem virarem demônios.

P.S. Para os curiosos que se aventuraram a chegar ao fim destas provocações, pretendo exhibir novamente este filme na próxima terça-feira, às 13:30, na sala 1 do prédio da Psicologia da FURG, como nova atividade de GREVE.

(18/05/2012) O ELEFANTE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Texto de caráter altamente idealista no qual eu propunha atividades alternativas durante a greve, inclusive a utopia de manter a rotina da sala de aula e do semestre, porém os conteúdos diriam respeito à universidade e seus problemas pedagógicos e políticos. O tempo sabe que eu tinha razão nas minhas ideias, mas minha ação era brancaleonesa.

XI

A palavra é essa roda de moinho por onde incessantemente o desejo humano se mediatiza, entrando no sistema de linguagem.

Jacques Lacan (1954)

Somos seres simbólicos. Nossa vida cotidiana, amores, ódios, afetos, desafetos, torneiras pingando, pneus furados, dívidas, contas a pagar e relações de consumo guardam uma energia tremenda de realidade. Entretanto esta realidade só encontra seu lugar de potência por meio da linguagem, da fala, da escrita, do gesto. Retomando nosso assunto da semana passada, somos estruturados em nosso dizer, em nosso falar, e até mesmo quando silenciados.

Pensem (e para pensar precisamos recorrer a linguagem, ao coletivo, ao outro que habita em nós), onde estão os fatos se não os contamos, na conversa com outras pessoas, no jornal, na televisão e no imenso oceano semiótico da Internet?

O psicanalista Jacques Lacan, em uma de suas aulas publicada no Brasil em um livro que enigmáticamente apresenta um imenso elefante africano em sua capa; ao introduzir o tema da semiótica na ciência e na psicanálise, usa

como imagem a palavra “elefante”. Quando pronunciamos a palavra “elefante”, inscrevemos o animal em um universo de linguagem e sentidos que o presentificam para além da realidade concreta, ao mesmo tempo que a invenção deste signo pode ajudar tanto na quase extinção da espécie quanto na sua possibilidade de preservação.

Nosso enorme paquiderme, desta maneira, encontra boa parte de seu peso na palavra.

Há 14 anos atrás eu era um aluno do último ano do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Presidente da República era Fernando Henrique Cardoso, seu Ministro da Educação era Paulo Renato e, por conta do eminente desaparecimento por privatização ou sucateamento, as Instituições Federais de Ensino deflagraram uma greve que durou quase quatro meses. Na época, os estudantes apoiaram o movimento grevista, organizando passeatas, espetáculos e até um acampamento permanente no campus central.

É claro que o movimento grevista na época não contava com total adesão, e o Governo de então tinha mesmo como objetivo ganhar todos no cansaço, mas nunca, nos anos 90, uma luta tão grande pela Universidade Pública havia sido deflagrada.

No fim, a greve fracassou.

Seria muito difícil para mim hoje avaliar as possíveis causas daquele fracasso, mas gostaria de discutir uma que ressurge nos dias de hoje como um velho fantasma a arrastar suas correntes: a força simbólica e midiática. Há 14 anos atrás, ainda que já nos comunicássemos por e-mail nas universidades, empresas e algumas pessoas mais ligadas às novas tecnologias. Além das passeatas, shows, e piquetes, os movimentos de protesto estavam a mercê dos meios de comunicação de massa na divulgação de suas pautas e feitos.

Como ativista militante daqueles tempos, eu percorria os grandes jornais e noticiários televisivos em busca de alguma manifestação, alguma palavra, matéria, foto, o que quer que lançasse nossas angústias de estudantes e professores preocupados com o fim iminente de nosso mundo em alguma

pauta de discussões. Muito pouco ou quase nada ... Em meio a fofocas, comentários de novelas, inflação, dólar, futebol e tragédias cotidianas, um dos maiores movimentos de defesa da educação superior de todos os tempos no Brasil simplesmente não existiu, pelo menos nas redes de linguagem da mídia.

E hoje, mais de uma década depois sou professor de uma IFES, e em solidariedade a meus colegas, aderi ao movimento, e isso será da mesma maneira como foi antes. Não entrarei em férias, criei um plantão de atividades universitárias cujo acróstico será “GREVE”. Proporei debates, filmes, escreverei textos neste jornal, e principalmente, a ação em uma esfera que não existia em outros tempos: as redes telemáticas, conhecidas hoje como redes sociais.

Como outrora, costumo acompanhar as notícias difundidas nos principais meios de comunicação, e elas continuam as mesmas: uma frase, geralmente dita em tom jocoso, apenas noticiando a greve, espremida em alguns segundos entre a explosão de um caixa eletrônico e o corte de cabelo do Neymar.

Pois bem, caríssimos amigos e colegas eu possuo 400 amigos no *Facebook* e 200 seguidores no *Twitter*, cada um com os seus ... Quem sabe, ao invés de sermos formigas caminhando por salas de aula vazias e alunos aliviados pela folga na rotina de provas, trabalhos e aulas, comecemos a criar elefantes em meio a joguinhos, mensagens de autoajuda e fotos engraçadinhas?

E talvez consigamos transformar a Educação em um símbolo?

Ou pelo menos coloquemos o elefante na sala de estar?

(12/11/2011) PAREM AS MÁQUINAS!

XII

Andam dizendo por aí que há uma epidemia de educação deficiente em nosso país e que neste inverno ela atingiu o Ensino Superior...

Nesta semana o jornal o Estado de São Paulo publicou o recorte de uma pesquisa divulgada pelo Instituto Paulo Montenegro (IPM) e pela ONG Ação Educativa sobre os índices de analfabetismo no Brasil, o INAF. A metodologia para obtenção do INAF consiste de entrevista e testes cognitivos aplicados em uma amostra nacional de 2 mil pessoas entre 15 e 64 anos. Elas respondem a 38 perguntas relacionadas ao cotidiano, como, por exemplo, sobre o itinerário de um ônibus ou o cálculo do desconto de um produto. É importante ressaltar que, como toda pesquisa, é apenas um viés, obtido por meio de uma amostra pequena, tendo em conta o universo da imensa população brasileira. De qualquer modo, alguns resultados chamam a atenção, se comparados com o mesmo índice de anos anteriores. Por exemplo, no que se refere ao analfabetismo funcional (pessoas que sabem ler e escrever, porém não sabem compreender textos e articular ideias) diminuiu significativamente, em especial na população jovem. O dado que chamou mais atenção da mídia e gerou a matéria no Estadão é que entre os estudantes do ensino superior, 38% não dominam habilidades básicas de leitura e escrita, segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF).

Ainda que o índice de 38 por cento não seja alarmante, especialmente se tratando de um RECORTE de uma AMOSTRA já reduzida, chama atenção o simples fato de a questão do analfabetismo funcional surgir justamente em um

lugar onde as etapas básicas do processo de aprendizagem já foram cumpridas, e onde se chega ao nível avançado, e são formados médicos, advogados, psicólogos, e inclusive educadores que serão responsáveis pela alfabetização.

Bom, eu poderia aqui discorrer longamente sobre a história conturbada da Educação no Brasil e seus atrasos históricos, mas as pesquisas e estudos feitos chegariam à conclusão que nunca fomos tão bem educados em toda nossa existência como nação. Nos anos 30, por exemplo, um cidadão brasileiro médio com a minha origem social e familiar jamais teria chegado sequer a obter um diploma de graduação.

O problema a ser colocado, a meu ver, é que o ensino privilegia sempre o futuro, e não o presente ou o passado. A educação fundamental e o ensino médio são direcionados ao vestibular, a graduação à profissão ou à pós-graduação e quando alguém chega a ser professor, a exigência é produção de pesquisa. São poucas as pessoas que, nesta máquina gigantesca do ensino, querem realmente aprender.

O filósofo Jürgen Habermas chama isso de “razão instrumental”: o ensino e o aprendizado são motivados por razões concretas, pelo seu simples avanço na linha do tempo.

A pesquisa é hoje, muito mais valorizada nas universidades públicas do que o ensino, e em alguns lugares os pesquisadores doutores mais antigos não entram em sala de aula, repassam suas disciplinas na graduação para mestrandos e doutorandos. Esta valorização é amplificada pelo fato de a produção científica poder ser quantificada e medida, já a qualidade do ensino de sala de aula fica quase que exclusivamente restrita ao professor e aos alunos. Em termos de recompensa profissional, uma boa aula vale a mesma coisa que uma sessão de tortura. Foi forjada, pois, uma geração inteira de mestres e doutores voltados única e exclusivamente para a produção de artigos científicos e que nunca se preocupou com o fazer docente, com as relações professor-aluno e com pedagogias criativas.

No caso das universidades que não investem em pesquisa, na sua maioria de administração privada, o

problema se repete em estrutura: o ingresso é facilitado por razões financeiras e são criadas imensas turmas de graduação lotadas de alunos consumidores, e exigida pouca qualificação dos professores, a despeito de sua elevada carga horária em sala de aula. Muitas destas universidades procuram reduzir custos por meio do subterfúgio da EAD (Educação à Distância) e chegam até mesmo ao paradoxo de incluir em seus editais de contratação requisitos máximos de qualificação para contratar professores.

Eu mesmo já trabalhei em um ambiente assim e, ao conversar com a mãe de uma aluna de quarto ano de Psicologia (o que por si só é uma tarefa exótica) que apresentava dificuldades de aprendizagem e problemas nos estágios, ouvi que o mais importante era garantir o canudo.

Quando o suado dinheiro da classe média é comprometido com o pagamento de mensalidades ou gera grandes dívidas, o resultado imediato precisa ser obtido, e tal resultado, por vezes, representa apenas a passagem de uma etapa.

Ensinar e aprender nesta perspectiva desloca o foco do conhecimento e o direciona para o poder e a razão instrumental típica em um mundo tecnocrático. As disciplinas acadêmicas, bem como as práticas docentes, tendem a ensimesmar-se e pouco dizem das multifacetadas realidades da vida profissional. Na obra *Mil Platôs*, Vol 02, Deleuze e Guattari (1991) denominam este mar de práticas reproduzidas e compulsórias de “Regimes de signos”. Mesmo que o texto dos filósofos franceses se refira a educação para crianças, ele cabe perfeitamente no ensino superior, pois a lógica se reproduz:

A professora não se questiona quando interroga um aluno, assim como não se questiona quando ensina uma regra de gramática ou de cálculo. Ela “ensina”, dá ordens, comanda. Os mandamentos do professor não são exteriores nem se acrescentam ao que ele nos ensina. Não provêm de significações primeiras, não são a conseqüência de informações: a ordem se apóia sempre, e desde o início, em ordens, por isso é redundância. A máquina do ensino obrigatório não

comunica informações, mas impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, sujeito do enunciado-sujeito de enunciação etc.). A unidade elementar da linguagem – o enunciado – é a palavra de ordem. Mais do que o senso comum, faculdade que centralizaria as informações, é preciso definir uma faculdade abominável que consiste em emitir, receber e transmitir as palavras de ordem. A linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer.

Uma das soluções possíveis está na frase que inicia este texto: PAREM AS MÁQUINAS ou elas nos substituirão, enquanto os processos educativos não forem desacelerados, levados a sério e considerados como fundamentais como processos de aprendizagem e ação no mundo.

(20/07/2012) O MEDO VENCEU A ESPERANÇA, POR FIM...

No dia em que escrevi esta crônica participei da minha primeira e única assembleia da greve. Lembro da escuridão do auditório e da iluminação exclusiva sobre a mesa do comando de greve no palco. Após dois meses de greve sem o governo sentar para negociar (ou seja, ignorando o movimento) tive que ouvir um sindicalista do comando dizer que a greve era um sucesso pelo número de universidades que aderiram. Além da avaliação, foi feita uma discussão sobre as pautas do movimento grevista e, para minha surpresa, ninguém conseguia entender realmente o que estávamos reivindicando. Fui ao banheiro e encontrei um professor conhecido de Antropologia, e ele me disse que como o governo não apresentava propostas nós também não sabemos o que pedir.

XIII

Olá Invisíveis, estamos em um momento crítico de nosso movimento, apesar de todos os esforços empreendidos por sindicalistas, sindicalizados e estudantes engajados na greve. A chegada do inverno no Sul do Mundo traz a memória dos ventos da Segunda Guerra Mundial, quando, pela segunda vez na história, o General Inverno dizimou exércitos cansados e famintos que decidiu o destino de várias nações.

Pela primeira vez este ano, estou pessimista, o medo venceu a esperança.

No dia 17 de julho cumprimos 60 dias de paralisação, e além do silêncio nas negociações, o Ministério do Planejamento ameaça o corte de ponto, ou seja, criminaliza a greve, não a reconhece como legítima e ainda adota um mecanismo criado no Regime Militar, que provavelmente foi utilizado contra vários dos integrantes atuais do governo

Dilma e progressos da gestão Lula. Não podemos deixar de lembrar a frase do poeta Cazuzu: “meus heróis morreram de overdose e os meus inimigos estão no poder”, eu faria uma mórbida atualização desta frase: “meus heróis agora são meus inimigos e estão no poder”.

Vivemos realmente em uma sociedade democrática? Em certos aspectos, que Deleuze e Guattari chamam de macropolíticos, ou instituídos, sim. O Brasil é uma democracia, todos temos direito a liberdade de expressão, consumo, voto, a andar na rua sem a polícia pedir a carteira de trabalho, gozamos de plenos direitos garantidos por uma constituição.

Contudo, retomando o pensamento de Foucault, o que chamamos por democracia talvez seja apenas um mundo de aparências, a ponta do *Iceberg*, ou mesmo uma grande ilusão adaptativa, afinal o poder não necessariamente brota do Estado, ou das leis, ou das instituições. Ele é microfísico, micropolítico, está enraizado na subjetividade, no sexo, na amizade, nas relações familiares e no cotidiano. O poder não possui centro, e sim relações de centralidade móveis, fluídas, metaestáveis, que em determinados momentos e configurações, assume a forma sólida e férrea de autoritarismo, violência e fascismo. E medo, muito medo. A molecularidade do poder é distribuída institucionalmente em pequenos nichos de autonomia relativa regulados por instâncias superiores por meio de funções estratégicas e ameaças subjetivas e relativas. Eu escrevo isso porque tenho experimentado esta sensação nas Universidades Públicas, especialmente neste período de greve.

Como diriam Foucault e Deleuze, nossas sociedades viveram a passagem de uma sociedade disciplinar para a de controle. Na sociedade disciplinar uma greve era algo concreto, uma relação quase direta entre patrões e empregados. Uma coletividade em relação a uma autoridade paterna. Se os trabalhadores coletivamente param, TUDO PARA. O ex-ministro da educação e senador Cristovam Buarque em declaração recente matou a charada: nós não somos operários.

A sociedade de controle, como muitos se enganam em pensar, não significa que temos câmeras em todos os lugares,

e sim que cada um de nós é seu próprio carcereiro, trabalha na sua própria pesquisa, ou no seu projeto de extensão, ou sustenta seus bolsistas ou escreve seus artigos. Se pararmos com isso, deixamos nossos sonhos individuais, e os prejudicados somos nós. Nosso salário não depende disso, damos graças a deus por termos emprego fixo, nosso salário não aumenta nem diminui.

Isso começou no governo de Fernando Henrique Cardoso, no qual, ironicamente, a maior parte do *staff* administrativo era constituída de eméritos acadêmicos, inclusive o próprio, considerado o grande príncipe da sociologia brasileira. A ênfase na pesquisa e na extensão torna o ganho simbólico e financeiro responsabilidade dos professores, e não da universidade ou do governo. Isso interfere nos nossos planos de carreira, o que é um conceito bastante abstrato e até virtual (outra palavra preferida da sociedade de controle).

Em minha opinião, apesar do comovente esforço de mobilização que temos visto, a greve como coletividade não existe pois ela não atinge os indivíduos (aí reside a genial estratégia de ameaça no corte do ponto: ela atinge nossas dívidas pessoais e nosso sustento individual).

E é por isso que a roda continua girando, o governo não reconhece a greve e o longo inverno burocrático derrotará nossas tropas de fome, cansaço e gangrena, afinal, somos individualmente punidos por não produzirmos e ninguém vai sentir falta disso como sente falta de quem coloca rodas em um automóvel, como aconteceu há trinta anos no ABC paulista e dali surgiu um Presidente da República que prometeu ser diferente...

(31/12/2012) A EDUCAÇÃO PRECISA DE PROBLEMAS

XIV

Nesta semana uma grande empresa gaúcha de telecomunicações lançou uma campanha denominada “A educação precisa de respostas” cujo programa, pelo que entendi, contempla ações de divulgação massiva e fiscalização das políticas públicas de educação em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul (estados nos quais a empresa é proprietária de um expressivo número de rádios, televisões e jornais). A campanha parece seguir os moldes da investida anterior da empresa, denominada “Crack nem pensar”, tanto no estilo alarmista quanto nos motivos que a dispararam, a saber uma série de reportagens sistemáticas que tratam de uma temática específica. Não poderia ser diferente, afinal parece ser norma administrativa praticar o endomarketing, ou seja, transmitir apenas notícias e informações produzidas pela própria empresa ou pelas suas sucursais.

Eu não poderia deixar de constatar que a estratégia parece reportar-se aos primórdios da gestão pública no Brasil, cujo mais notório exemplo é o da saúde no início do século XX, que os historiadores chamam de “sanitarismo campanhista”, pois consistia em campanhas massivas e até violentas de vacinação, detetização e controle de pragas, em ações massivas do Estado e pouca participação da população. Poucas destas campanhas logravam êxito, porém o Estado as considerava como ações importantes e dever cumprido.

Após a saturação em quase um ano do “Crack nem pensar”, literalmente a mídia parece ter literalmente parado de pensar nas pedras fumegantes e seus esqualidos usuários, eles já não ocupam mais as vinhetas, matérias e manchetes. Terá a campanha tido êxito? Não há mais usuários de crack no RS e em Santa Catarina?

Pois agora as hordas de repórteres, cinegrafistas, *webdesigners*, radialistas e espectadores parecem hipnotizadas por um símbolo muito sugestivo: a mão levantando um dedo e um slogan dramático: “A educação precisa de respostas”.

O logotipo da campanha, em minha opinião, é bastante significativo, pois representa o gesto usual nas escolas por meio do qual os alunos pedem permissão ao professor para perguntar, falar, ir ao banheiro e acusar os colegas. Atrelado a temática escolástica das reportagens e a divulgação de pesquisas sobre o desempenho das escolas, mais uma vez incorre-se no erro de confundir Educação com Escola. Para Foucault, a escola como conhecemos é uma instituição disciplinar criada com os mesmos mecanismos do quartel, da fábrica, da prisão e do manicômio: docilizar os corpos. Nada mais dócil do que um corpo que levanta o dedo para pedir permissão, assim como um soldado nazista ergue sua mão espalmada em reverência ao *Führer*.

Cito a seguir o parágrafo que resume o tema principal do texto que escrevi sobre as referidas prisões da infância.

No entanto, também construímos gigantescas escolas nas quais as crianças são acondicionadas em séries, grades, currículos, tarefas, avaliações, produções de fracasso. Aqueles que não cabem nesta cama de Procusto estão aos cuidados de máquinas conceituais subjetivadoras que engarrafam as significações de comportamentos desviantes em conceitos enlatados de bullying ou drogas encapsuladas como ritalina, rivotril e antidepressivos. Para além dos presídios escolares, construímos grandes centros de comércio e as encapsulamos em um mundo de luzes e cores artificiais abrigadas no ar-condicionado e naquilo que o dinheiro pode pagar. Na fila do caixa do supermercado, a infância é enclausurada em monstros com copyright, videogames e festas de aniversário pré-programadas. Todos os dias, em nossas casas, a infância que está latente no mundo dos adultos – viaja pelo espaço ou na selva amazônica ao consumir cereais, achocolatados, refrigerantes.

Encaixotamos o saudável e alucinante mundo da criança em políticas duvidosas e pouco efetivas de educação, e com ele reconstruímos um mundo adulto de prazer delirante e inconsequente.

Desta forma, imagino eu, a educação não deve ser encarada como a solução para os problemas de nossa sociedade, porque justamente foi por ela criada e é um potente instrumento de reprodução. Por isso parafraseio o filósofo Gilles Deleuze quando este diz que a filosofia não deve solucionar problemas, e sim criar problemas.

Vivemos em um mundo no qual a informação e o conhecimento literalmente “caem das árvores” nos meios de comunicação tradicionais e principalmente na internet, nos *smartphones* e nas práticas sociais ... Neste cenário, é gritante que o espaço escolar, ainda que abarrotado de corpos, parece esvaziado de sentidos. O problema é que aqui, caríssimos leitores, a Escola não é causa, é consequência.

Imaginariopatias

*Pneus furados, torneiras pingando, arroubos de paixão;
todos são mais tristes que a morte*
Charles Bukowski

(14/04/2011) NÓS, OS MONSTROS

Aqui lanço mão de meu papel de “comentarista da sessão de psicologia para discutir um massacre ocorrido em uma escola em Realengo, no Rio de Janeiro, ao estilo Columbine”.

XV

Olá, invisíveis leitores. Hoje, mais do que nunca, é muito atual a tese do antropólogo britânico Gregory Bateson de que assim como há uma ecologia entre plantas, animais e o clima, há uma ecologia de conceitos, ideias e símbolos. E não há lugar mais propenso aos desequilíbrios ecológicos do que grandes meios de comunicação. Minhas inspirações iniciais para escrever a segunda parte de minha coluna (que será quinzenal) foram devastadas por uma nuvem midiática de gafanhotos que, inclusive, também devastaram as plantações temáticas de minhas classes de Psicologia da Educação para licenciaturas da FURG. O grande carnaval de sangue e símbolos ocorrido no massacre da escola em Realengo disparou uma invasão de conceitos, preconceitos, teorias, ideias, designações, diagnósticos, teses e toda sorte de relações simples de causa e efeito que simplesmente ceifaram toda e qualquer hipótese de dúvida e incerteza sobre o caso. Especialistas nas mais diversas áreas emitiram diagnósticos taxativos e absolutos baseados em manchetes, imagens, opiniões indiretas, “ouvir dizer” a respeito de uma pessoa que não conheciam e cujas motivações para cometer tal ato levou para o túmulo (se é que as teve alguma vez).

Em minhas aulas, as perguntas dirigidas a mim por alguns alunos foram como se eu pudesse explicar o que aconteceu em relações simples de causa e efeito: o rapaz foi

humilhado na escola, ele era “louco”, sofreu abuso, veio de uma família desestruturada, premeditou o crime, o bairro era violento, a escola não tinha segurança, as leis no Brasil são brandas demais ... E o que poderia eu responder? O mais simples: não há resposta, e os colegas que falaram sobre o assunto na televisão sabem tanto quanto nós, a diferença é que foram convocados a exercer sua autoridade científica

O que os gafanhotos hipermediáticos deixaram para trás foi uma mistura de pseudociência, medo, ignorância, desinformação e preconceito em temas como doença mental, saúde, violência, psicologia, psiquiatria, escola, segurança, *bullying* (a nova panaceia que parece explicar tudo o que acontece no mundo da escola) e uma busca incessante por inimigos, culpados, algozes e vítimas que finda por justificar teorias, ideologias e medidas paliativas, sempre voltadas para o cerceamento à liberdade ou à repressão (imaginem colocar detectores de metais em escolas com 1200 alunos).

E agora, invisíveis, mesmo assim vocês provavelmente não hesitarão em perguntar a minha opinião sobre as causas ou os culpados de toda esta barbárie. Eu leio novamente o noticiário e vejo que, em uma festa de casamento de classe média em Santo André o noivo assassinou uma senhora participante de outro casamento ou que no Mercado Público de Porto Alegre um vendedor ambulante foi morto a golpes de guarda-chuva, e que há dois mil anos nossos ancestrais pagavam ingresso para assistir pessoas serem devoradas por leões, e que pagamos TV a cabo para que ela nos sature de detalhes sórdidos sobre terremotos, tsunamis e tiroteios em escolas, e que, nos últimos dez anos, um contingente significativo de cidadãos de bem foi mobilizado em torno daquilo que consideram direitos fundamentais: portar armas e dirigir sob efeito de álcool...

Pois eu lhes digo: olhem-se no espelho.

**(02/06/2011) “EMPURRA O AUSTRALOPITHECUS
QUE ELE ANDA...”**

XVI

Até agora todos os seres criaram alguma coisa que os ultrapassou; quereis ser o refluxo dessa grande maré e retornar ao animal, em vez de superar o homem? Que é o símio para o homem? Uma irrisão ou uma dolorosa vergonha. Pois tal deve ser o homem para o Além-Homem: uma irrisão ou uma vergonha. Percorrestes o caminho que vai do verme ao homem, tendes ainda em vós muito do verme. Outrora fostes símios e até hoje o homem ainda é o mais símio de todos os símios. Até o mais sábio entre vós é um ser indeciso e híbrido entre planta e fantasma”.

Nietzsche

Olá, humanos invisíveis. Decidi que não faço mais parte de nossa espécie. E nem vocês.

A frase que dá título a coluna de hoje não é minha, ela me foi dita por um amigo músico, o Juli Manzi. Ela diz respeito a uma das grandes feridas narcísicas da humanidade, que começaram a sangrar a partir do século XIX através de três grandes pensadores: Albert Einstein, Sigmund Freud e Charles Darwin. Com Einstein, descobrimos que esta máquina que usamos no pulso, no cantinho da tela do computador, nos parques e praças e em outros lugares chamada relógio é, na verdade, um dispositivo ilusório. Sigmund Freud popularizou escandalosamente o fato de que nossa consciência funciona da mesma forma que o relógio. Charles Darwin apresentou a mesma contribuição: neste exato momento quem escreve

estas palavras já andou com as patas no chão, viveu em árvores colhendo frutos, rosnou e urrou quando teve dor, matou, estuprou e enlouqueceu com fêmeas no cio. Afinal, pensem comigo: quem mais nos chama de humanos além de nós mesmos?

Seguindo a linha Darwiniana, é interessante visitar duas obras importantes da antropologia comparada: “O macho demoníaco”, dos americanos Richard Wrangham e Dale Peterson e “Eu, primata”, do holandês Franz de Waal. Tais obras apresentam descrições impressionantes e desconcertantes de evidências comportamentais evolutivas que demonstram que nós, os “humanos” somos, na verdade, uma das cinco classes de grandes primatas juntamente com orangotangos, gorilas, chimpanzés e bonobos. A obra dos norte-americanos, citados primeiramente, tem como foco os comportamentos agressivos: infanticídio, estupro, formação de grupos organizados de extermínio, relações de dominância de machos e fêmeas e entre machos. O pesquisador holandês dá conta dos comportamentos gregários, ou seja, a solidariedade, a grupalidade e as estratégias de cooperação.

A intersecção entre estas pesquisas está no fato de que os demais grandes primatas são mais “humanos” do que imaginávamos e nós, pobres cabeçudos sem pelo somos quase gêmeos genéticos de chimpanzés e bonobos, uma corda esticada entre o primeiro, um assassino estuprador cruel que resolve questões de sexo com poder e o segundo, um sátiro das florestas, uma criatura dócil, sensual que resolve questões de poder com sexo. Os chimpanzés são machistas, violentos e ciumentos (a palavra ciúme vem de cio, quando machos enlouquecem com feromônios a ponto de lutar e estuprar). Já os bonobos conseguiram eliminar a tensão do cio, as fêmeas estão sempre disponíveis e suas comunidades são imensos suingues em plena floresta, além de as fêmeas desenvolverem um sistema de cooperação e cuidado intenso dos filhotes que elimina a dominação masculina.

De Hitler a Ghandi, de Átila, o Huno, a Buda. Esta semana duas notícias curiosas percorreram o mesmo telejornal: em uma cidade do interior, quatro recrutas do

exército são acusados de violentar um colega. Em outra cidade, outros seis meninos de 18 anos recém alistados são condenados publicamente por dançarem alegremente nosso hino nacional. A segunda notícia provocou mais escândalo que a primeira.

O que escolhemos nós, afinal?

(01/07/2011) SOMOS TODOS HOMOSSEXUAIS, E DAÍ?

Esse é um entre tantos textos que, nos dias de hoje, eu jamais teria escrito desta forma e relutei muito em incluí-lo neste livro, pela sua imaturidade conceitual e desatualização. Eu o escrevi em função da caixa de comentários da coluna ser frequentada por pessoas preconceituosas e homofóbicas, porém minhas ideias e conceitos eram bastante primitivos. Hoje teria mais cuidado e usaria outros termos, além de autores e autoras contemporâneos mais avançados. Ainda assim ele foi polêmico.

XVII

Olá invisíveis. Alguém aí da plateia, por acaso, está surpreso com o título desta coluna? Ou mesmo ofendido e pensando “eu não”?

Afinal, o que é ser homossexual mesmo? E qual é o “problema” disso? Pois eu lhes digo, meus amigos, o óbvio, e minha definição de óbvio é óbvia: o óbvio é algo tão grande que não podemos enxergá-lo. Vivemos no planeta Terra, jamais sairemos daqui, ele é o ar que respiramos, a terra que pisamos e a água que bebemos, mas nenhum ser vivo, nem mesmo os astronautas, é capaz de ver “A Terra. Assim como poucos de nós são capazes de pensar que “homo” é o mesmo prefixo de “homogêneo”, que significa “o mesmo”. E sexo também não significa apenas coito, sexo também é amor, libido e qualquer outro tipo de afeto entre duas pessoas ... Desta maneira, “homossexual” é alguém que ama o mesmo ... O amor entre pais e filhos, entre irmãos, amigos, primos, colegas, etc., é amor homossexual. Ah, mas não é deste homossexual que estamos pensando, não é mesmo? Estamos pensando naqueles homens afeminados e nas mulheres masculinizadas, certo?

Pois eu posso dar um exemplo simples: os guerreiros espartanos, os mais fortes, corajosos e “machos” que a história já registrou, faziam sexo entre si e ninguém tinha nada com isso ... E não tinham nada de afeminados... E, afinal, o que é afeminado? E o que é masculinizado? Quem usa saia e maquiagem é afeminado? Quem usa calça é masculinizado? Eu tenho apenas uma lauda para escrever aqui, então eu apenas peço que vocês viagem para a lua e olhem para o mundo e para todas as nossas culturas (considerando que quase metade da nossa população vive no oriente e na África). Há mais homens de saia do que mulheres, assim como nós, ocidentais judaico cristãos, somos minoria, ainda que nosso pensamento seja dominante. E qual pensamento? O mesmo que desenvolvi há algumas semanas atrás: o pensamento de que aquilo que está dentro de mim ou faz parte do meu círculo é bom, e o estranho é ruim e precisa ser eliminado e desqualificado.

O bom e velho medo do mesmo, que hoje chamamos eufemisticamente de “homofobia”.

(14/07/2011) “NÓS” E “ELES”

Como eu ia dizendo, apesar da imaturidade conceitual, o texto anterior provocou a ira dos homofóbicos na caixa de comentários, o que inspirou uma tréplica.

XVIII

Olá invisíveis, há duas semanas que esta coluna tem se tornado um turbilhão de emoções incontidas e conflitos tresloucados. Adorei! Era esse mesmo meu objetivo quando comecei esta jornada. “O contrário do amor não é o ódio, é a indiferença”, disse, há algumas semanas, um amigo apaixonado. Ou seja, para alguém, em meio ao cotidiano caótico de trabalho, estudo, família, e milhares de mídias concorrentes, abrir este *site*, ler toda a minha coluna e ainda se dispor a escrever, é porque está mobilizado, afetado, enfim, apaixonado, não por mim, mas pelo calor da batalha. Logo, continuem assim, isso também me afeta e incentiva minha escrita, como é o caso de hoje. A pedidos, decidi abrir uma janela e voltar aos assuntos sérios e “psicológicos”, como, por exemplo: discriminação e generalização.

Psicologicamente falando, discriminação e generalização são mecanismos cognitivos que grande parte dos animais desenvolvem e dizem respeito a como lidamos com as diferenças entre situações e objetos. Discriminamos o claro e o escuro para poder saber o que é o dia e a noite, assim como generalizamos o clarear e o escurecer para poder antecipar a hora de acordar ou de dormir. Discriminamos um automóvel de outro para não passarmos vergonha no estacionamento do supermercado, assim como generalizamos para não precisar aprender a dirigir toda vez

que compramos um modelo novo. Assim, discriminamos para aprender a lidar com as diferenças e generalizamos para saber o que há em comum.

O grande problema é que não somos apenas seres racionais e intelectuais que empilham blocos coloridos em uma caixa. Somos seres emocionais e simbólicos, construímos lendas, histórias, mitos e vivemos em duplas, bandos, famílias, torcidas de futebol, gangues, máfias territórios e países. Amamos o que é bom e odiamos o que é ruim, e aí começam a funcionar de maneira quase pernóstica nossos inocentes mecanismos cognitivos. No início da vida, assim como naquilo que aparece no filme 2001 como “A aurora da humanidade”, somos criaturas que lutam para sobreviver, primeiro “eu”, depois, “os meus”, “os nossos” vistos como o que é “bom”, e, obviamente, “eles”, “os outros” “os deles” como aquilo que é “ruim” (neste assunto, sugiro a leitura de “A genealogia da moral”, de Nietzsche, na qual ele diz que bem e mal dizem respeito a povos que se consideram superiores aos outros). Desta maneira o que nos torna grandes primatas e humanos tem sido uma eterna guerra entre tribos, entre atenienses e espartanos, gregos e troianos, cristãos e mouros, Montecchios e Capuletos, motoristas e ciclistas, heterossexuais e homossexuais, psicólogos e poetas ...

Nesse caso, a discriminação e a generalização são viradas do avesso.

Discriminamos com ódio “eles são diferentes de mim, eles não sou eu” e generalizamos com mais ódio ainda “eles não são nós, eles são diferentes de nós”, ou seja, os diferentes são todos iguais e devem ser igualmente odiados.

Invisíveis, pensem no absurdo que é imaginar que motoristas e ciclistas são categorias diferentes de seres humanos. Como podemos diferenciá-los? Quem dirige automóveis não anda de bicicleta? E eu, pelo fato de ser bacharel em psicologia, sou obrigado a escrever apenas sobre isso? Pobres daqueles que sentam ao meu lado no ônibus, é o que todo mundo deve pensar ... Foi o que eu quis dizer no caso dos homossexuais: todos os homens amam outros homens e todas as mulheres amam outras mulheres. E

sabe-se lá de que maneira discriminamos e generalizamos sobre ser homem ou mulher, afinal, estamos todos por demais envolvidos com nossos “Nós” ...

Querem saber? Cansei do mundo real ... Vou voltar aos meus delírios cotidianos.

(21/07/2011) AS PRISÕES DA INFÂNCIA

XIX

Das cinco classes de grandes primatas, duas delas desenvolveram intensos sistemas de controle sobre a infância, por meio de estratégias evolutivas absolutamente opostas (ainda que, diga-se de passagem, apenas uma delas chame a infância com esse nome ou qualquer outro). Lembremos, invisíveis, que as cinco classes de grandes primatas, todos geneticamente muito semelhantes, são Chimpanzés, Orangotangos, Gorilas, Bonobos e “Humanos”. De fato, no que diz respeito a cuidar dos filhotes, todos temos em comum necessidade de mantê-los dependentes dos adultos por mais tempo que a maioria dos mamíferos. No caso dos Bonobos e dos Humanos, esse tempo é ainda maior. Os Bonobos são famosos por terem sido os únicos que conseguiram eliminar a dominação masculina e suas sequelas de violência quase por completo, e muito se deve ao fato de as fêmeas formarem grupos de cooperação mútua e manterem os filhotes todos juntos de si por muito mais tempo que os demais, criando laços mais fortes entre mães e filhos.

De certa forma, os seres Humanos fazem o mesmo, porém para isso lançam mão de seu fantástico e inigualável aparato cortical, que produziu, ao mesmo tempo, a capacidade de curar inúmeras doenças infecciosas e construir a bomba atômica. Nesta mesma linha ambivalente, o Homo Sapiens é capaz de exterminar a infância massivamente, bem como mantê-la intacta ou controlada quase ao infinito.

Não posso aqui discorrer sobre toda a história da infância, mas posso dizer que construímos seu conceito e seus modos de governar ao longo dos séculos, e continuamos construindo, e chegamos a grandes avanços, como a redução

radical na mortalidade infantil ao longo dos últimos 100 anos e a construção de uma ideia de proteção integral e de direitos sem precedentes na história. Hoje já não é mais socialmente aceito atirar recém-nascidos nos rios ou nas rodas de expostos, ou submetê-los a trabalhos forçados.

No entanto, também construímos gigantescas escolas nas quais as crianças são acondicionadas em séries, grades, currículos, tarefas, avaliações, produções de fracasso. Àqueles que não cabem nesta cama de Procusto estão aos cuidados de máquinas conceituais subjetivadoras que engarrfam as significações de comportamentos desviantes em conceitos enlatados de *bullying* ou drogas encapsuladas como ritalina, rivotril e antidepressivos.

Para além dos presídios escolares, construímos grandes centros de comércio e as encapsulamos em um mundo de luzes e cores artificiais abrigadas no ar-condicionado e naquilo que o dinheiro pode pagar. Na fila do caixa do supermercado a infância é enclausurada em monstros com *copyright*, *videogames*, festas de aniversário pré-programadas e refrigerantes. Todos os dias, em nossas casas a infância que está latente no mundo dos adultos viaja pelo espaço ou na selva amazônica ao consumir cereais, achocolatados e refrigerantes. Encaixotamos o saudável e alucinante mundo da criança em políticas duvidosas e pouco efetivas de educação e com ele reconstruímos um mundo adulto de prazer delirante e inconsequente.

Porém, eu ainda tenho fé que possamos fazer bom uso de nossos invisíveis genes e neurônios para produzir algo maior que nós mesmos e que a infância em nós permaneça como a janela para o futuro ...

(29/07/2011) MEU PÉ ESQUERDO

Entre 2007 e 2009 trabalhei na URI em Erechim, e tinha o hábito de correr em torno do parque Longines Malinowski após as aulas. Uma noite pisei em um buraco e meu tornozelo inchou. Após vários tratamentos e anos sentindo dor ao realizar atividades físicas (o que para mim é importante porque pratico *Kung Fu* desde 2000) descobri que precisava realizar uma cirurgia que me obrigou a ficar sem sair de casa e andar de muletas por 6 semanas. Escrevi as duas próximas crônicas neste período.

XX

Olá invisíveis

Começo a escrita desta semana com um uma frase feita de influência fenomenológica, que muitos já devem ter lido ou ouvido dizer, e um antigo provérbio chinês de sentido análogo: “é preciso sair da floresta para poder observar as árvores” e “o mundo é feito de dez mil coisas”. A primeira sentença é uma metáfora de nossas percepções de parte e todo, pois, quando estamos dentro da floresta, podemos dizer que estamos vendo as árvores, mas nossos olhos vislumbram apenas troncos, pedras e gramas, enquanto um possível sobrevoo, ou seja, um câmbio de perspectiva, proporciona uma visão amplificada e completa daquilo que chamamos “árvores”. A segunda frase, um pouco mais enigmática, evoca a ideia de que é muito difícil, ou diria quase impossível, atingir uma consciência plena de todos os eventos do mundo, afinal, em um primeiro momento podemos contestar: “há mais de dez mil coisas no mundo”, para logo em seguida nos darmos conta que levaria dias e dias para elaborarmos uma lista deste

tamanho, ou seja, nossa experiência nesta vida é uma pequena janela.

Pois há três semanas que sobrevoou uma floresta e, com certa resignação e paciência, conto as folhas de suas árvores. Nestes dias, por conta de uma cirurgia para corrigir um problema simples, mas fisicamente limitante, preciso usar muletas para me deslocar. Quando estava na floresta, uma pessoa que cruzasse comigo na rua em situação análoga passaria quase incólume, simplesmente alguém usando muletas, assim como olhamos para mendigos, meninos de rua, idosos, cegos, etc.

Agora tudo parece ter outro tamanho. Na cidade onde vivo, as calçadas são quebradiças, o trânsito é frenético e o clima é instável, e para mim é impossível segurar um guarda-chuva e equilibra-me nos buracos. Vivo no quarto andar e meu prédio é antigo e não possui elevador, além de os degraus serem escorregadios e altos. Nos banheiros (incluindo o de casa) não há apoio para os pés ou para as mãos, sentar no vaso sanitário (que está próximo ao solo) é um exercício de ginástica olímpica, bem como tomar banho e escovar os dentes é quase uma sessão de *Yoga*. Os restaurantes são, em sua maioria, *buffets*, com pisos escorregadios e mesmo para pagar a conta é necessário levantar-se e ir digitar a senha do cartão (já que para sacar dinheiro no caixa eletrônico é preciso ficar em pé). Se saio para comer sozinho, não consigo me servir, ir ao banheiro, pagar a conta e corro o risco de me estatelar porque as muletas não aderem ao solo úmido e engordurado.

Não posso trabalhar, porque para chegar na parada de ônibus tenho que percorrer muitos metros, o veículo não é adaptado e o motorista tem pouca paciência. Se consigo chegar na universidade, preciso atravessar um imenso campus enlameado desde o terminal de ônibus até os prédios, e entre eles, sem poder comer, tomar cafezinho, visitar a biblioteca ... Quanto falta para dez mil?

Aos arquitetos, engenheiros, burocratas e políticos que (não) planejam nossas cidades, minha mensagem é que devemos sair da floresta...

(05/08/2011) MEU OUTRO PÉ ESQUERDO

XXI

Olá invisíveis, acabei de chegar de uma verdadeira epopeia, fui ao cinema sozinho. Fui ver os Transformers, nostalgia de minha infância e meus bonequinhos carros que viram robôs. A infância é o que move o mundo, especialmente aquela que vive dentro dos adultos, e por isso eles cometem insanidades como esta. Bueno, vou registrar minhas impressões de muletas sobre uma ida ao cinema no Shopping Iguatemi, em Porto Alegre. De primeira, precisava saber da entrada do *shopping* mais próxima da sala. O taxista teve a ideia de pedir informação para o segurança, que indicou a entrada quase no lado oposto. Tive que atravessar o *shopping*. Sorte que há muitos bancos ao longo dos corredores e eles estavam quase vazios, pude fazer pausas. Havia uma bilheteria para cadeirantes, cujo balcão fica mais embaixo. Não é o meu caso.

Comprei o ingresso (com certa dificuldade para pegar a carteira no bolso, e usar o cartão, tenho que apoiar a perna ruim na muleta) e fui ao café do cinema. Ali tomei o primeiro tombo: 9,00 reais por um *cheesecake* de goiaba menor que uma bolacha Maria e 2,50 por uma água com gás. Minha mente muletoide é pragmática, calculou o esforço empreendido para ir até a praça de alimentação e o tempo que faltava para começar a sessão e resignou-se a pagar. Minha paranoia imagina que o dono do café pensa nisso quando elabora o menu. Pedi a conta, mas me arrependi, porque a máquina do cartão não tinha *wi-fi*, ou seja, eu teria que levar a “dolorosa” embaixo do braço até o caixa. Optei por me adiantar.

Ah, antes disso, nem tudo é ruim. Enquanto pensava para que lado ir no *shopping*, uma senhora simpática perguntou se eu precisava de ajuda. O rapaz da bilheteria do cinema também foi muito simpático (aliás todos são simpáticos comigo, embora eu quisesse mesmo um banquinho para apoiar a perna). Fui ao banheiro e tive um *insight*: o pequeno mundo da acessibilidade é feito apenas para cadeirantes. O sanitário é espaçoso e tem apoio para as mãos. Eu preciso de um apoio para o joelho. É claro, muletantes são elos perdidos, a diferença dentro da diferença. Saindo do cinema, fui a uma loja de informática no andar inferior, fui até a escada rolante e ela parecia um *decepticon* querendo me engolir. É impossível descer a escada rolante de muletas. Mais do que isso, é perigoso, mortífero. Por alguns segundos fiquei pensando no que fazer, com cara de pateta e procurei um elevador. Não vi nenhuma sinalização. Consegui achar um escondido e estava em manutenção ... Lá vou eu para as escadas. *Step by step*. Aliás, me senti muito estranho andando sozinho no shopping, depois de um mês ... Um pouco de vertigem, além dos olhares alheios. Deve ser a tal Agorafobia (não, não tem nada a ver com o medo deste periódico). Consegui comprar um HD externo na loja, ainda que com muito esforço, e tive que pedir ao vendedor que colocasse o produto em minha mochila, pois não há lugar para sentar nem apoios. Novamente percorri metade do *shopping* a muletadas e cheguei ao supermercado, onde há um ponto de taxi. Quatro andares de escada do prédio acima e estou são e salvo no escuro aconchegante do lar, como um vampiro que voou instintivamente até seu ataúde segundos antes do nascer do sol.

Ah, sozinho, de muletas, no cinema, é impossível comprar pipoca. Imaginem.

(12/09/2011) AS REDES SOCIAIS E SUAS EPIDEMIAS

O texto a seguir é a crônica de uma morte anunciada. A partir de 2014 as campanhas eleitorais foram marcadas por uma guerra suja de desinformação na qual os partidos políticos adotaram um exército de perfis falsos e robô. Tais estratégias hoje em dia pautam a ação do Congresso Nacional e ocasionaram diversos atos de violência institucional, como o cancelamento da Mostra *Queer Museum* em Porto Alegre protagonizada por seguidores do fascista Jair Bolsonaro e dos integrantes do Movimento Brasil Livre. Tais movimentos criaram uma horda de internautas odiosos que disseminaram informações falsas a respeito de obras da exposição que levaram o senado a convocar o seu curador para dar depoimento em uma CPI sobre maus tratos infantis. Tudo o que ele fez foi desmentir boatos e informações falsas. NO SENADO FEDERAL.

XXII

Olá invisíveis. Começo esta crônica com uma pergunta: vocês costumam verificar a procedência do conteúdo recebido por *e-mail* ou por redes sociais como *Twitter* ou *Facebook*? E têm percebido que determinadas ideias, frases ou notícias invadem nossas *time lines* quase como pragas de gafanhotos? De onde vem tudo isso? A minha resposta: de todos lugares e de nenhum ...

Nos anos 50, Isaac Asimov um dos mais famosos e prolíficos escritores de ficção científica do século XX, criador da Trilogia da Fundação e das famosas Três Leis da Robótica publicou um artigo curioso tentando imaginar como seriam os computadores no futuro. No texto, em seu característico entusiasmo a respeito das maravilhas tecnológicas, Asimov

pensou nos computadores do futuro como máquinas que contivessem a maior quantidade de informações, e que bibliotecas inteiras poderiam caber em uma sala, ou um armário, dentro das residências, escolas e centros culturais. De fato, os primeiros processadores e modelos de inteligência artificial foram projetados para processar e armazenar o maior número de dados no menor espaço de tempo possível, porém, a partir do final dos anos 80 a informática experimentaria uma revolução sem precedentes e que seguiu o caminho oposto ao que Asimov imaginou e que o próprio (que faleceu em 1992) pôde vivenciar: a expansão das redes de computadores e da internet.

E como muitas tecnologias da atualidade, os rudimentos da *internet* tiveram início como estratégia de inteligência militar: grandes computadores cheios de dados são alvos fáceis ao inimigo, logo, a distribuição e o compartilhamento destes dados em locais diversos tornou-se uma necessidade.

Desta maneira, a informática, bem como os estudos em inteligência artificial abandonaram o acúmulo de informações e partiram na direção oposta: as melhores máquinas são aquelas mais capazes de compartilhar e interagir, e a ciência da cibernética veio postular que comunicação é controle e controle é poder.

Na contemporaneidade esta dissolução é evidente nas redes de relacionamento, mas também em redes de comércio informal. Os vendedores de DVDs piratas do centro da cidade abandonaram seus pontos fixos e mesmo a ideia antiga de posse, sendo capazes de compartilhar suas mercadorias e escondê-las no meio da multidão, tornando-se invisíveis aos olhos da polícia e mesmo intangíveis aos mecanismos de busca e apreensão. Ao menor sinal da repressão, uma rua lotada de camelôs se desmancha no ar para em poucos minutos se reagrupar com uma configuração completamente diferente.

A expansão das redes levou a cabo uma revolução quase silenciosa e imperceptível, captada em sua origem por dois grandes filósofos contemporâneos: Michel Foucault e Gilles Deleuze. Tanto Deleuze como Foucault tendo como

objeto o poder, conferem grande ênfase analítica a seu caráter a-centrado e multifatorial. Nas redes de poder não há cabeça, não há chefe. Quando há, é apenas uma ilusão, ou um diagrama resultante de um momento específico de uma configuração que se cria e se dissolve. O poder está em todos lugares e em nenhum, e cada um de nós é apenas parte integrante de uma rede e agente contaminador; e mesmo sem querer somos hospedeiros e disseminadores de frases, ideologias, equívocos e propagandas.

Nós mesmos somos os vírus...

(09/01/2012) DA IDENTIDADE À SUBJETIVIDADE

XXIII

Parte I: Identidade

Afinal, que funções estão envolvidas em quereremos definir a identidade de alguém? Na aldeia medieval sitiada pela peste era necessário saber quem entrava e quem saía, quem eram os doentes e quem eram os sadios, delimitavam horários de entrada e de saída, davam-lhes números, classificavam-os por critérios de parentesco, nascimento, religião, sexo, idade e bens pessoais. A partir dessas e outras estratégias se poderia definir regularidades de comportamentos, operadoras de modelos para quaisquer formas de comportamento observável e controlável. No ápice da Modernidade Ocidental tomaram corpo um conjunto de ciências que vão se preocupar em definir critérios de identificação das diferenças padronizadas: a biologia com suas classificações taxidérmicas e genéticas, a Medicina Higienista, a Sociologia, a Antropologia, e por fim, a Psicologia.

A Psicologia, como a então legítima ciência do comportamento, em um certo momento vai dedicar-se inteiramente a identificar, classificar e estabelecer parâmetros, assim como avaliações que pudessem linearizar, prever, manipular a conduta humana e seus padrões identitários. A psicologia por um momento vai ser considerada a ciência da personalidade, aquela responsável por elaborar teorias que sejam capazes de definir características do indivíduo e considerar que aquele que foge ou altera suas características seja considerado anormal, ou esteja em crise, ou sofra de algum transtorno.

Tendo como palavra-chave para a definição de um ser e de condutas patológicas o conceito de *disfuncional*, o psicólogo adentra o contexto social para identificar personalidades disfuncionais em relação aos papéis sociais a estas atribuídos, para daí buscar sua “funcionalização” e sua recapitalização. Ou ainda, atua não apenas no sentido de normalizar e reformar o anormal, mas enseja uma otimização funcional das personalidades identificando-as com papéis em acordo com estas. Identidade enquanto instrumentação da psicologia para a pragmática alocação de um homem a uma função de modo a propiciar a junção mais estreita possível: a engrenagem bem calibrada ao mecanismo.

Surge então, uma cultura de pesquisadores que gerou e ainda gera uma imensa variabilidade de teorias sobre identidade e seu conceito irmão, a personalidade. Teorias sobre a personalidade que também vão ter suas identidades e psicólogos com estas identificados: freudiano, junguiano, behaviorista, etc. Os jargões classificatórios e diagnósticos também alcançam expansão na vida cotidiana: personalidade, adolescência, depressão, neurose, psicopatia, somatização, “subconsciente”...

Na estruturação do Estado moderno, até a primeira metade do século XX, a identidade burocrática vai ser um operador fundamental na construção do Estado keynesiano de bem-estar social. A vida do século XX é repleta de formulários, documentos, atestados, reconhecimentos de firma, certidões e cartórios. A burocracia dos papéis vem a ser essencial para o ingresso nas instituições modernas: carteira de trabalho, certidão de nascimento, boletins escolares, diplomas, título de eleitor, atestados e receitas médicas, endereços, documentos escriturais de casas, automóveis e toda e qualquer expressão gravada em celulose em que números, títulos e atribuições nos definam um *locus* identitário na estrutura. Inclusive, para provar quem somos, precisamos mostrar a “carteira de identidade”. Como diz um reclame publicitário veiculado entre 2006 e 2007 que incentiva os pais a fazerem a certidão de nascimento das crianças: “eu tenho nome, você não tem, sem documentos eu não sou ninguém”. O sistema burocrático estabelece uma

máquina de papel sem a qual é impossível aos sujeitos ingressarem no sistema social. Os que não conseguem são relegados à exclusão e a viver à margem do sistema.

Máquina de papeis, assim, rigidamente definidos por meio de processos de inclusão do sujeito em um sistema fechado e quadro esquadrihador, que torna o homem uma peça-função de sua estrutura pela ação minuciosa sobre seu corpo propiciando sua instrumentação. Neste quadro classificatório é provocada uma inteligibilidade do sujeito com fins de previsão e controle, de usufruto, enfim: papel da identidade na modernidade.

(02/01/2012) DA SUBJETIVIDADE OU O CAPETA QUE FAZ A TERRA TREMER

XXIV

Olá Invisíveis.

Nosso tema de hoje é a subjetividade, e desde o início, os atento para o fato de este termo ser usado de maneira imprecisa pelo senso comum (às vezes nem tão comum). Normalmente a palavra subjetividade diz respeito ao subjetivismo, ou àquilo que pertence ao pensamento de cada pessoa. Vamos aqui justamente discutir que isso é apenas um lado da moeda, ou melhor da Fita de Möebius. A fita, criada por um topógrafo que lhe emprestou o nome, constitui uma figura gerada a partir da rotação de uma superfície retangular que finda por possuir três dimensões e apenas uma face, e determina que aquilo que parece ser dicotômico deixa de sê-lo.

Para nosso pensamento cotidiano é muito difícil não pensar dicotomicamente: sim e não, branco e preto, homem e mulher, social e individual, noite e dia ... No entanto, apurando um pouco nossas percepções imediatas, podemos perceber que entre tais extremos há inúmeros gradientes, ou pontos de intersecção: todo o espectro de cores está entre o branco e o preto assim como há múltiplas maneiras de vivenciar as relações de gênero entre homem e mulher, e a imagem da fita de Möebius dá visibilidade a estas intersecções, a conectar os dois lados da superfície em profundidade.

Mais uma vez eu lhes pergunto: quem lê este texto? Penso que a resposta imediata seja “eu”, ou “nós” (uma eufemística alusão ao “eu” no plural). Agora, eu lhes pergunto: quem é, ou onde está o “eu”?

Podemos imaginar que, pelo menos entre as pessoas

que falam português, todos nós temos um “eu”. Logo, a ideia de “eu” habita um interstício não dicotômico entre aquilo que é singular ou individual e coletivo ... Mas como isso é possível?

Talvez seja mais simples do que parece. Distintos pesquisadores e intelectuais das ciências humanas debruçaram-se sobre as zonas limítrofes entre o “eu”, os “outros” ou o “nós”. E a resposta está bem ao alcance de nossos ouvidos, ali, onde a areia se encontra com o oceano.

E agora chegamos à súbita mudança no título destas crônicas, após um longo período de carência que incluiu um breve recesso no litoral norte gaúcho, no qual pude coletar material empírico riquíssimo sobre a subjetividade contemporânea. E este material chegou a uma hipótese psicossocial sobre o fim do mundo. E é importante sublinhar aqui que o que eu chamo de mundo não é nosso planeta, pois este naturalmente explodirá, será queimado pelo sol ou atingido por um meteoro.

Eu vou falar aqui sobre o fim do mundo sob o ponto de vista da subjetividade, um mundo no qual homens brancos vermelhos de sol pilotam máquinas furiosas espirrando óleo diesel em cujos porta-malas são enjambradas caixas de som que irradiam subprodutos de gravadoras sob influência do CAPETA (agora em forma líquida, transformando nossas praias no INFERNO).

No próximo episódio destas crônicas, vamos discutir então o que faz com que as tecnologias metal mecânicas, bioquímicas, econômicas, históricas e sociais convertam um EU que escuta música a 300 decibéis de altura se converte em um NÓS que perdeu o futuro e a esperança no amanhã ...

(10/10/2011) A GAROTA CINÉFILA DE BUENOS AIRES

XXV

Não sou nenhum especializado em cinema, e tampouco posso receber a alcunha de cinéfilo. Há muitos anos, quando estive em Buenos Aires, conheci uma garota que era cinéfila. Ela tinha por hábito, aos fins de semana, participar de imersões de 48 horas dentro de salas vendo películas de 08 ou 09 horas e debatendo nos intervalos para o café ou baseado. Nunca cheguei perto disto. No entanto, como porto-alegrense que viveu intensamente os anos 80 e os anos 90 em nossa capital, quando ainda existiam “cinemas de calçada” baratos e perto de casa, os filmes bons permaneciam em cartaz por longos períodos e realmente ir ao cinema era um hábito social, um bom programa para a família e os amigos. Afinal, com a comercialização massiva dos DVDs e a explosão dos *downloads* de títulos que às vezes sequer chegam as salas, tal hábito converteu-se em algo caseiro e solitário.

Eu acho que muitos hábitos passaram por esta mudança. Lembro da época dos discos de vinil, quando íamos na loja e ficávamos horas passando os dedos nos bolachões, até achar uma raridade, ou mesmo um disco novo, aí chamávamos os amigos para escutar e ouvíamos todas as faixas do LP. Hoje baixamos discografias inteiras em minutos e ouvimos no carro ou nos mp3 *players* com fones de ouvido.

Desta forma, não sou cinéfilo no sentido estrito, mas talvez no *latu*, ou seja, sou um amigo ou um amante da chamada sétima arte, e fico intrigado toda vez que tenho esta experiência fílmica, imaginando a passagem do trem filmado pelos irmãos Lumiere de maneira quase científica até as abstrações dramáticas e estéticas de Stanley Kubrick, David Cronenberg, David Lynch e outros. Que fantástica magia esta

de filmar por horas e horas, construir cenários, efeitos especiais, continuidades, roteiros, montar tudo isso, editar e produzir uma sequência temporal ilusória que irá aterrissar em nossas mentes e engendrar mundos heterogêneos.

Nas últimas quatro semanas vi mais de 30 filmes. Isso mudou muito minha percepção e meus esquemas cognitivos.

Vi documentários, filmes coreanos, japoneses, americanos alternativos, espanhóis, argentinos, poloneses, tchecos, alemães, suíços. É impressionante como, se dependermos das salas de cinema, da TV e das locadoras nossa experiência cinematográfica é míope. O cinema "alternativo" nos obriga a pensar em elementos heterogêneos dos filmes: luz, sombra, fotografia, roteiro, tempo e expressão.

O cinema comercial é exclusivamente centrado na dramaticidade e no roteiro previsível, geralmente dividido em três partes. Vi um filme português: "No quarto da vanda", filmado com Mini DV no qual o diretor praticamente abre mão do roteiro. Grandes mestres como David Lynch e Lars Von Trier nos ensinam a apreciar o cinema como quem aprecia uma pintura, ou uma sinfonia e nada.

Nossa visão tradicional do cinema é muito estruturalista e estruturada, sempre queremos saber o que há no fim e esquecemos de todo resto. Muitas pessoas não gostam de ver filmes mais de uma vez porque prestam atenção apenas no enredo, não pensam em cenas, cores e signos. Os melhores filmes precisam sempre serem vistos mais de uma vez.

(06/08/2012) MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE UM ZUMBI REVOLUCIONÁRIO

Aqui, mais do que nunca, é preciso fazer um comentário sobre o contexto político, especialmente porque ele nos conduziu a verdadeira hecatombe institucional do Brasil nos dias atuais. Naquela época da greve, e mais adiante toda os intelectuais de esquerda, sindicalistas e movimentos sociais viviam a desilusão com determinadas posturas políticas e econômicas dos governos Lula e Dilma: alianças com partidos de direita (foi em 2010 que Temer entrou na chapa com Dilma), escândalos de corrupção, os preparativos violentos e superfaturados para a Copa de 2014. Como o Partido dos Trabalhadores guardava uma história de aglutinação da classe pensante universitária e cultural do Brasil desde os anos 80, estávamos todos perplexos e atordoados com o que estava acontecendo. Escrevi este texto pensando nas armadilhas que a esquerda brasileira caiu ao assumir e permanecer no governo federal. Deu no que deu ...

XXVI

Cada vez mais a economia e a política dependem menos de ideologia e mais de tecnocracia e de recursos estratégicos, e pelo jeito as demais áreas do saber humano em breve seguirão o mesmo rumo. Em nossa recente história democrática, um mesmo tipo de transformação parece se repetir, como diria Zizek, primeiro como tragédia depois como farsa: a metamorfose invertida da borboleta política, filosófica e idealista em larva rastejante e mesquinha da fisiologia administrativa. Após os turbulentos anos da eleição fracassada de Fernando Collor, subiu ao poder o príncipe dos sociólogos, Fernando Henrique Cardoso, que muito pouco de

sua sociologia aplicou na administração do país, marcada pela radical retirada do Estado da vida pública.

Após 08 anos tomaram o poder seus opositores, vinculados ao partido político mais democrático e engajado politicamente de nossa história, forjado em décadas de movimentos sociais e lutas por direitos humanos e já tendo provado que o sonho era possível por meio de administrações estaduais em municipais (algumas como Porto Alegre foram exemplo de esquerda para o MUNDO).

E hoje, chegamos aqui, no ato sublime de uma grande farsa. A administradora Dilma Rousseff diminuiu impostos das grandes montadoras de automóveis e se recusa a negociar com o motor intelectual do país, a classe que mais lutou ideologicamente para elegê-la. Nossa dama de ferro e seu Ministro da Educação (que nunca trabalhou na educação, apenas na ECONOMIA) foram prestigiar a Olimpíada de Londres e deixaram suas milícias de burocratas kafkianos encarregados de dedetizar os insetos perturbadores da ordem e do progresso do país.

Não sei exatamente como ou o porquê, mas sempre que penso na história do Partido dos Trabalhadores no Brasil, desde a eleição do lendário Olívio Dutra em Porto Alegre até Dilma Rousseff, lembro de Machado de Assis, e da teoria das janelas.

Machado de Assis foi autor de uma obra revolucionária na história da literatura, a qual li mais de uma vez quando ainda frequentava os bancos escolares, e hoje ainda encontra-se fixada em minha retina: Memórias Póstumas de Brás Cubas. Para minha percepção ligeira de adolescente, a primeira leitura, atravessada pela sofreguidão do encontro, foi longa, extensa e tortuosa; tal é a complexidade de reflexões e inflexões profundas e cáusticas do personagem principal, Brás Cubas, cuja narrativa parte de um lugar discursivo absurdo: as memórias de um defunto. É claro que, já nos anos 90, isso não me surpreendeu, afinal, o século XX foi saturado de histórias de mortos-vivos através da literatura aventureasca ou do cinema, mas, segundo dizia minha professora de literatura, em 1880, em um Brasil pouco alfabetizado, um livro inicialmente

publicado em capítulos em um jornal e escrito em primeira pessoa por um defunto provavelmente provocou náuseas legítimas nos leitores, afinal, a literatura, a música e o teatro condensavam toda a carga de alucinações artísticas e ficcionais que o cinema e a televisão hoje quase monopolizam.

E, ademais, em sua funérea narrativa, Brás Cubas delineia a constrangedora saga de um burguês medíocre, mesquinho, um dândi vagabundo e de vida fácil, absolutamente desprovido de moral e consciência. Filho de uma elite abastada, o personagem, ao longo de sua vida usufrui e corrói a fortuna de seu pai enquanto experimenta diferentes carreiras profissionais fracassadas e relações amorosas inconclusas, cujo abandono é justificado por um cinismo mórbido, ressentido e corrosivo. Em algum momento do romance Brás Cubas se apaixona por uma linda mulher, cujo único defeito é ser manca, e sua narrativa da relação é repleta de amor e paixão, mas sempre atravessada pela ideia fixa em torno do defeito físico da amada, culminando no seu abandono lento e absolutamente inescrupuloso e sutil, como se claudicasse em reconhecer que de fato a rejeitara.

Nosso mais famoso Zumbi abre o romance com uma dedicatória:

“Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança, estas memórias póstumas”.

Uma espécie de alívio autopunitivo, porém desprovido de culpa, afinal, apenas depois de morto o canalha decide narrar sua farsa biográfica. Machado de Assis era mulato nasceu pobre e adquiriu prestígio, dinheiro e posição social com seu próprio talento e disciplina, em uma época em que nosso país ainda vivia na escravocracia e era comum membros da elite decadente viverem de favor ou adquirirem lugar social pela bajulação. “Memórias Póstumas” é uma espécie de desabafo escrito como contraponto a seus colegas de juventude, os escritores e poetas românticos, divididos entre narrativas nacionalistas e ufanistas ou heróis do estilo mal-do-século, a maioria mortos ainda na juventude. Pois o principal sobrevivente da geração romântica carregou seus

contos, crônicas e romances de uma aguda e ferina crítica dos costumes, e não é à toa que tenha se tornado o grande expoente do chamado realismo.

E a “realidade realista” cínica e pragmática do Brasil talvez tenha mudado muito pouco desde então, como Brás Cubas exemplifica na sua teoria das janelas, na qual sempre que se fecha uma janela é preciso abrir outra. A teoria das janelas surge em minha passagem preferida do livro, a meu ver a síntese de no que a esquerda brasileira se tornou ao assumir a presidência da república no Brasil.

Na ocasião, Brás Cubas andava pela rua e encontrou uma moeda e uma meia dobra de ouro:

Nessa noite não pensei mais na moeda; mas no dia seguinte, recordando o caso, senti uns repelões da consciência, e uma voz que me perguntava por que diabo seria minha uma moeda que eu não herdara nem ganhara, mas somente achara na rua. Evidentemente não era minha; era de outro, daquele que a perdera, rico ou pobre, e talvez fosse pobre, algum operário que não teria com que dar de comer à mulher e aos filhos; mas se fosse rico, o meu dever ficava o mesmo. Cumpriria restituir a moeda e o melhor meio, o único meio, era fazê-lo por intermédio de um anúncio ou da polícia. Enviei um carta ao chefe de polícia, remetendo-lhe o achado, e rogando-lhe que, pelos meios a seu alcance, fizesse devolvê-lo às mãos do verdadeiro dono. Mandeí a carta e almocei tranqüilo, posso até dizer que jubiloso. Minha consciência valsara tanto na véspera, que chegou a ficar sufocada, sem respiração; mas a restituição da meia dobra foi uma janela que se abriu para o outro lado da moral; entrou uma onda de ar puro, e a pobre dama respirou à larga. Ventilai as consciências! não vos digo mais nada. Todavia, despido de quaisquer outras circunstâncias, o meu ato era bonito, porque exprimia um justo escrúpulo, um sentimento de alma delicada. Era o que me dizia a minha dama interior, com um modo austero e meigo a um tempo; é o que ela me dizia, reclinada ao peitoril da janela aberta.

Alguns dias depois, caminhando pela praia em Botafogo, nosso herói tropeça em um misterioso embrulho. Como não havia ninguém por perto, resolve levá-lo para casa e verificar seu conteúdo: cinco contos de réis, que fazem novamente seu pensamento vibrar e refletir moralmente e finalmente agir da maneira mais sensata e pragmática possível.

Não se perdem cinco contos, como se perde um lenço de tabaco. Cinco contos levam-se com trinta mil sentidos, apalpam-se a miúdo, não se lhes tiram os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para se perderem assim totalmente, numa praia, é necessário que... Crime é que não podia ser o achado; nem crime, nem desonra, nem nada que embaciasse o caráter de um homem. Era um achado, um acerto feliz, como a sorte grande, como as apostas de cavalo, como os ganhos de um jogo honesto e até direi que a minha felicidade era merecida, porque eu não me sentia mau, nem indigno dos benefícios da Providência.

– Estes cinco contos, dizia eu comigo, três semanas depois, hei de empregá-los em alguma ação boa, talvez um dote a alguma menina pobre, ou outra coisa assim... hei de ver...

Nesse mesmo dia levei-os ao Banco do Brasil. Lá me receberam com muitas e delicadas alusões ao caso da meia dobra, cuja notícia andava já espalhada entre as pessoas do meu conhecimento; respondi enfadado que a coisa não valia a pena de tamanho estrondo; louvaram-me então a modéstia, – e porque eu me encolerizasse, replicaram-me que era simplesmente grande.

E eu pouco mais tenho a dizer, eu poderia encerrar esta coluna tentando imaginar nossa presidenta e nossos ministros dizendo nas entrelinhas que é fácil ser revolucionário quando não temos um país para administrar ou contas a prestar ao FMI. Mas prefiro deixar o grande Machado de Assis falar por mim, por enquanto não consigo pensar em nada mais original ...

**(16/08/2012) CRÔNICAS INVISÍVEIS:
NINGUÉM PODE PENSAR POR NÓS**

XXVII

Quando pensamos e quando teorizamos? Muitas das nossas ideias, a respeito das “teorias”, são originárias de uma ideia reducionista do que seja “teoria”; muito difundida por alguns professores e agenciados pelas tradicionais tecnologias educacionais ... “Teoria”: pelo senso comum universitário significa um grande pensamento, uma grande visão de mundo, como a de Freud, por exemplo, e o fato de uma teoria ou um autor ser citado significa um estatuto de poder, ou seja, se aquele que escreve não cita a linhagem das suas ideias, o “pensamento” é pouco fundamentado.

No entanto, teorizar significa colocar linguagem e pensamento nas coisas, dar nomes e inseri-las em sistemas linguísticos; teorizar pode ser sinônimo de pensar. Afinal, que seria pensar, e afinal, fazer ciência? Ouvir o que a mente tem a dizer poderia ser pensar, mas o que a “mente” diz, ou de onde vem os pensamentos? Nossos pensamentos são operações simbólicas em interface com um mundo “exterior”, nossas ideias dificilmente são nossas, pois, mesmo quando não as verbalizamos, as expressamos na nossa língua mãe, ou em alguma língua que aprendemos ... Precisamos recorrer ao pensamento exterior, do contrário não somos capazes de compreender os nossos próprios. Quando chamamos uma cadeira de cadeira, estamos nos referindo ao objeto cadeira, e nossas ideias estão intrinsecamente relacionadas com um sistema de símbolos referentes a cadeira, que interfere na própria existência da “cadeira em si”, incluindo suas múltiplas utilidades, que podem estar ou não incluídas em nosso sistema de símbolos, como sentar, domar leões, quebrar na

cabeça de alguém ou servir como peça de museu. A estas operações que formam um amálgama entre o objeto e o observador podemos chamar de teorias.

As teorias são a contribuição que os seres pensantes dão à própria realidade pela própria atividade do pensamento. Uma classe bastante evidente de seres pensantes certamente é a dos pesquisadores. Aos pesquisadores utilizam-se de construções da realidade via suas ideias e pensamentos para formar sistemas organizados de ideias e construir realidades alternativas. Um bom exemplo disso é a classificação das espécies. Uma boa alternativa para imaginar a espécie humana é chamá-la de *homo sapiens sapiens* e incluí-la na linhagem dos primatas como o mais recente salto evolutivo. Esta concepção de humano é uma teorização culminante de diversos outros sistemas teóricos e uma infinidade de objetos concretos, como substâncias químicas, ossos, cavernas, palafitas, pergaminhos e os próprios cérebros dos pesquisadores. Assim funcionam e difundem-se as teorias e a ciência como conjuntos de observadores e suas produções escritas, em última instância, a noção que Gregory Bateson traz de Ecologia e de Mente: a mente está em todo lugar, na cultura, nas árvores, no observador e na coisa observada. A “mente” como unidade abstrata unitária e individual é, pois, uma ilusão adaptativa.

“O nosso universo, em que todas as coisas estão separadas no e pelo espaço, é, ao mesmo tempo um universo em que não há separação” (Edgar Morin, 1996)

Nossas ciências como um todo e nossos modos de gerenciar o planeta ainda reservam poderosos resquícios da mecânica newtoniana, do evolucionismo darwiniano e do maquinismo dualista cartesiano, ainda que as importantes descobertas dos campos magnéticos e elétricos de Robert Faraday e Clerk Maxwell, teoria geral e especial da relatividade de Einstein, da “mecânica” quântica e do Princípio da Incerteza surgidos do esforço conjunto de Bohr, Plank, Heisenberg, W. Pauli e das conseqüentes e incríveis

descobertas da física das micropartículas, culminando na teoria “*bootstrap*” ou matriz S (o universo visto como uma intrincada rede), tenham aberto a mente dos físicos, em primeiro lugar para uma dúvida da própria existência dos elétrons e das partículas, ou seja, de toda a matéria do universo, além da concepção quadridimensional de que tempo e espaço não existem independentemente.

A ciência contemporânea hoje é capaz de operar por dois conceitos: o princípio hologramático (na qual os fenômenos são observados em sua integralidade, e que o todo e as partes guardam características comuns) e o complementar princípio ecológico, no qual, além de observado em sua integralidade, o fenômeno jamais pode prescindir de suas relações com outros fenômenos. Esta é a teoria *bootstrap*, que literalmente quer dizer “cadarço da bota”, a autodeterminação das leis do universo, ou seja, podemos enxergar o cosmo agora de cabeça para baixo em relação às concepções clássicas.

Não há uma mente superior criadora, ou leis superiores que determinam o funcionamento do cosmo, e sim o funcionamento do cosmo é que determina suas leis. Isso é muito importante, pois está junto a ideia que as leis da natureza não independem do observador para construí-las. A ciência não sai de outro lugar senão da nossa “cabeça” em interação com os fenômenos observados, e nossas teorias são sempre aproximações que nossa mente faz da realidade. O reducionismo cartesiano/newtoniano/darwiniano marcou raízes tão profundas que as consequências disso mostram-se evidentes hoje em dia nas seguintes questões: quando uma usina nuclear é construída, os governantes e cientistas pensam apenas no bem que a produção de energia elétrica proporciona, e não no mal que o lixo atômico e os vazamentos que fatalmente acontecem (e aconteceram dramaticamente em Chernobyl e Fukushima) podem causar a curto, médio e longo prazo; quando pesquisam transgênicos, alguns cientistas, influenciados por suas empresas financiadoras, acham que a manipulação genética vai resolver o problema da fome aumentando a produção, quando isso é uma grande

mentira, há comida demais no mundo, tanto que a obesidade é um problema de saúde pública tão grande quanto a subnutrição; da mesma forma, quando os cientistas econômicos resolvem criar a CPMF ou privatizar setores fundamentais, ou sonegar reajuste para funcionalismo público, com o intuito de cumprir as metas do FMI para conseguir conter o dólar e proteger-se das ondas abstratas de crises financeiras mundiais e não levam em conta que a falta dinheiro para o governo não por esta razão; mas pela simples razão de que toda grana que tomamos emprestada do exterior vai para os bolsos dos corruptos, da compra de votos, em obras superfaturadas, ou em negociatas com bancos. É um problema ECONômico e ECOLógico: enquanto o governo gasta bilhões para irrigar o mercado com dólares e ressuscitar bancos, professores, alunos e pesquisadores do futuro precisam abrir mão dele por falta de recursos financeiros ...

Por que as teorias que citei anteriormente não fazem parte do nosso cotidiano como profissionais ou cidadãos? Pierre Levy em "As tecnologias da Inteligência" chama isso de "princípio da interpretação", ou seja uma técnica ou uma tecnologia, ou um saber está intrinsecamente implicado no meio social em que é difundido. O Domenico de Masi diz algo semelhante no livro "Desenvolvimento sem Trabalho":

Os chineses descobriram a pólvora, mas a utilizavam para fazer fogos de artifício ... Os indígenas conheciam o metal, mas o usavam para fazer adornos ...

A utopia de que somos uma espécie superior às outras e que nosso telencéfalo altamente desenvolvido nos dá vantagens já foi desconstruída aqui, bem como Dilma Rousseff, Aloísio Mercadante e tantos outros conseguiram, com muito esforço, desconstruir qualquer ideia de que seria possível construir um partido para os trabalhadores desta nação ...

(11/09/2012) PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE ROSAS...

XXVIII

Em 11 de setembro de 2001, no auge do governo republicano de George W. Bush, dois atentados terroristas audazes e inéditos atingiram o coração financeiro de uma das maiores cidades do mundo, localizada no país com o maior arsenal bélico da história desde o Império Romano. Três aviões foram sequestrados e arremessados em dois totens nacionais: o edifício do Pentágono, centro de estratégia militar, e as torres do World Trade Center. No Pentágono o avião explodiu sem deixar vestígios e o prédio havia sido evacuado. Nas chamadas Torres Gêmeas, o impacto da explosão seguido de uma estranha implosão dos prédios provocou a morte de pelo menos cinco mil pessoas. Ocorrido às portas do século XXI em um planeta já conectado em tempo real pela televisão e pela internet, o atentado de 11 de setembro teve repercussões mundiais e consequências devastadoras para as políticas de segurança interna e externa dos Estados Unidos e da Europa; e serviu de pretexto para a invasão do desértico e miserável Afeganistão, bem como criou um clima inquestionável para a segunda invasão do Iraque.

É muito difícil opinar sobre o que realmente aconteceu, afinal, nossas fontes de informação, em sua maioria, são órgãos da imprensa mundial que compram e vendem informações de grandes agências norte-americanas, que trouxeram ao público a suspeita sobre uma organização terrorista internacional chamada Al Qaeda, cujo líder na época era o famigerado Osama Bin Laden, que até seu recente assassinato era motivo de medo e de piada em toda a primeira década de 2000.

Junto ao clamor nacionalista e ufanista americano e a proclamação de uma guerra santa *yankee*, começaram a surgir novas versões sobre o suposto atentado, as mais famosas são do cineasta Michael Moore, que no filme *Fahrenheit 11/09* apresenta um verdadeiro dossiê de relações econômicas entre a família Bush e os Bin Laden, e acusa o governo de negligência e de tirar proveito posterior da tragédia, e a do filme *Zeitgeist*. Este mais radical e elaborado, que transforma o atentado em uma grande conspiração do governo W. Bush e empresas conveniadas para criar um estado de exceção nos Estados Unidos, inclusive dizendo que a *Al Qaeda* e Bin Laden não existem e que as Torres Gêmeas foram implodidas com engenharia de demolição.

Nestes dez anos, muitos filósofos, historiadores, jornalistas e cientistas políticos (incluindo Slavoj Žižek), debruçaram-se sobre o 11 de Setembro e suas repercussões no cenário mundial.

Como eu cresci nos anos 80 e meus piores pesadelos infantis eram referentes a bombas atômicas e ao conflito entre Ronald Reagan (um ancestral piorado de George Bush) e a União Soviética; e naqueles tempos nossa grande fantasia é que este sujeito apertasse um botão vermelho e o mundo iria pelos ares, eu gostaria de chamar atenção para outro atentado terrorista, que teve pouca divulgação mundial (nem a TV existia naquela época) e que ocupa muito pouco do imaginário popular no que se refere ao assunto “terrorismo”.

Entre os dias 11 a 21 de setembro de 2012 será realizado no Instituto de Psicologia da USP o evento “Hiroshima e Nagasaki em São Paulo: testemunho, inscrição e memória das catástrofes”. A iniciativa propõe debates com sobreviventes e familiares da tragédia, além de psicanalistas e historiadores e a exposição de fotos sobre o MAIOR e mais VIOLENTO atentado terrorista da história.

O Século XX foi pródigo em descobertas científicas, especialmente sobre a fissão do átomo, geradora de uma fonte enorme e quase incontrolável de energia. As potencialidades bélicas desta nova fonte ainda eram pouco exploradas, limitadas a testes submarinos ou em grandes

desertos. Até os dia 06 e 09 de agosto de 1945, quando aviões adentraram a pequena ilha territorial japonesa, cujo governo planejava a rendição após uma sangrenta guerra, e lançaram em Hiroshima e Nagasaki as bombas “*Little Boy*” e “*Fat Man*”. Na primeira cidade, 140 mil cidadãos pacíficos morreram, na segunda, 80 mil no MOMENTO da explosão. Cada uma daquelas bombas tinha o potencial destrutivo de 13 mil toneladas de dinamite, irradiados nas cidades através de ondas de calor e de choque.

Como o 11 de setembro, o atentado de Hiroshima e Nagasaki teve repercussões nas décadas seguintes, porém não na internet, mas na contaminação radioativa do instável Urânio, o que provocou a morte e a deformação de milhares de pessoas.

Os EUA até hoje não pediram desculpas e consideraram as bombas como o elemento que garantiu a paz e salvou mais vidas do que exterminou ...

E o que eu penso disso? Eu penso como pensou na época nosso poeta Vinícius de Moraes. Diz a lenda que ao saber pelo rádio da explosão da bomba em Hiroshima, ele sentou em sua mesa em silêncio e só levantou após redigir o seguinte poema:

Rosa de Hiroshima

Pensem nas crianças Mudanças telepáticas Pensem nas meninas Cegas inexatas Pensem nas mulheres Rotas alteradas Pensem nas feridas Como rosas cálidas
Mas, oh, não se esqueçam Da rosa da rosa Da rosa de Hiroshima A rosa hereditária A rosa radioativa Estúpida e inválida A rosa com cirrose A anti-rosa atômica Sem cor sem perfume
Sem rosa, sem nada

(19/10/2012) O CREPÚSCULO DOS FALSOS ÍDOLOS

Aqui começa um triste capítulo na história do Brasil que culminará na tragédia futebolística do 7X1 para a Alemanha na Copa de 2014 e na destruição da nossa frágil democracia.

XXIX

Alguns dias atrás um fato perturbador ocupou a cena jornalística gaúcha e até mesmo nacional: após uma manifestação de cunho político e artístico, foi deflagrada uma verdadeira batalha campal entre a polícia e os protagonistas desta ação que culminou na depredação de um boneco que supostamente seria o símbolo da Copa do Mundo no Brasil. O referido artefato, uma criatura inflável de mais ou menos três metros de altura e patrocinado pela maior fabricante de refrigerantes do mundo foi alojado em frente ao Mercado Público Municipal e cercado por barras de ferro, ocupando uma parcela considerável do Largo Glênio Peres. Na mesma semana do fato ocorrido, estive na cidade de São Paulo e deparei-me com a mesma figura situada próximo ao Viaduto do Chá, e provavelmente a organização da Copa do Mundo e o patrocinador espalharam esses estranhos pseudo totens por todas as cidades que sediarão partidas da Copa do Mundo.

Como cidadão de Porto Alegre e frequentador assíduo do centro da cidade e do Mercado Público, considero tal boneco de péssimo gosto estético e de posição política duvidosa, visto que a iniciativa de sua criação obedeceu a regras de patrocinadores e protagonistas de um evento internacional privado. Confesso que, como amante visceral de minha cidade e anarquista, meu primeiro pensamento foi que aquilo era um lixo cultural e físico ilegítimo que deveria ser

removido dali, destruído e estourado como um balão de festa. Eu amo o futebol e sou plenamente favorável a realização da Copa no Brasil, e sou da opinião de que isso trará muitos dividendos para nosso país, o que não me impede de criticar a atitude dos patrocinadores e a convivência da prefeitura, afinal, o povo brasileiro possui posições heterogêneas com relação a esta questão. E aqueles que, como eu já existem há mais tempo e sofrem das bênçãos malditas da memória sabem que esta não foi a primeira vez que isto aconteceu. Há pouco mais de uma década os grandes órgãos midiáticos tomaram a frente no protagonismo da comemoração dos quinhentos anos do Brasil, e, da mesma forma que o obtuso boneco Tatu-Bola, um relógio foi instalado nas principais cidades brasileiras para estabelecer a unificação do tempo da contagem regressiva para o aniversário de nosso descobrimento.

Descobrimto? Alguns diriam invasão, afinal, muitas nações viviam aqui quando os europeus aportaram, e a palavra descobrimto denota ignorância com relação aos violentos e injustos processos que desencadearam na formação deste país. No entanto, o *mainstream* midiático dominou a cena simbólica e determinou a data festiva e suas celebrações. Como diria Michel Foucault, o poder sempre apresenta como rescaldo a resistência, e diferentes movimentos sociais discordantes da história “oficial” e indignados com a dominação do cenário pelas grandes empresas de comunicação tomaram para si a ação contraditória. O chamado “Relógio dos 500 anos” foi apedrejado, depredado e incendiado sob os olhares indignados das empresas afiliadas da rede Globo. Na época O Rio Grande do Sul estava sob o governo petista de Olívio Dutra, um dos governos que mais sofreram ataques das grandes empresas de comunicação, que, na ocasião foi acusado de omissão por não ordenar que a Brigada Militar protegesse o monumento e agisse com firmeza.

Como diria Morpheus, o destino não carece de senso de ironia. Quando o boneco Tatu-Bola foi agredido, o governo novamente pertence ao Partido dos Trabalhadores, porém o mundo dá voltas, e desta vez a polícia agiu com extremo rigor

e violência. Outrora o PT era oposição ao Governo Federal e trazia consigo a marca da resistência aos falsos monumentos, agora ele mesmo é protagonista da Copa do Mundo no Brasil e atende às reivindicações feitas pela mídia 11 anos antes ...

Agora, que posição eu assumo com relação a depredação destes falsos totens? Com estranheza e perplexidade, afinal, nossos meios de comunicação exaltaram os manifestantes que derrubaram as estátuas de Lênin durante a queda do Muro de Berlim e as de Saddam Hussein após a invasão americana. Tais depredações totêmicas representaram libertação política e não conformidade com o Regime.

A questão é essa: empresas privadas como a FIFA e a Coca-Cola ocupam espaços públicos com monumentos de estética duvidosa referentes a um evento que conta com a discordância e a desconfiança de boa parcela de nossa população e movimentos sociais ...

Seria isso motivo da ação truculenta de uma instituição que deveria zelar pela segurança dos cidadãos e dos bens PÚBLICOS?

(01/04/2013) AQUELES QUE VEM DE FORA

Essa foi uma das crônicas mais famosas e debatidas nas caixas de comentários, afinal, tratava da xenofobia na cidade de Rio Grande em função dos fluxos migratórios do Polo.

XXXI

Nosso planeta está cheio. Essa afirmação, permitam-me esclarecer, não vem da geografia física ou mesmo humana. Em termos de espaço físico e da amplitude da coabitação humana, o planeta está longe de estar cheio. Pelo contrário, o tamanho total das terras desabitadas ou esparsamente habitadas, consideradas inabitáveis ou incapazes de sustentar a vida humana parece estar se expandindo, e não se encolhendo. À medida que o progresso tecnológico oferece (a um custo crescente, sem dúvida) novos meios de sobrevivência em habitats antes considerados inadequados para o povoamento, ele também corrói a capacidade de muitos habitats de sustentar as populações que antes acomodavam e alimentavam. Enquanto isso, o progresso econômico faz com que modos de existência efetivos se tornem inviáveis e impraticáveis, aumentando desse modo o tamanho das terras desertas que jazem ociosas e abandonadas.

Zygmunt Bauman

Casamentos, festas infantis, churrascos, conversas de botequim ... “Ah, Fábio, você trabalha em Rio Grande? A

cidade está crescendo muito, agora com o Porto ...” Eu hesito ... lembro das vezes que faltou luz na FURG e dos mosquitos bebendo meu sangue nos incontáveis minutos de espera no ponto de ônibus, ou das vezes que fiquei preso em minha casa no Cassino porque as ruas de areia estão alagadas e dos ciclistas atropelados na estrada que leva ao balneário. Toda esta região que inclui a cidade de Rio Grande, o Cassino e São José do Norte é um tesouro ecológico e um patrimônio ecológico gaúcho e brasileiro, porém, como é comum em nosso país, tanto administradores públicos e privados quanto comunidades mais conservadoras e estabelecidas de sua população estabelecem relações exploratórias e negligentes com sua terra. Sim, é verdade, Rio Grande está crescendo financeiramente e tecnologicamente e em importância estratégica para a economia brasileira e latino-americana. Contudo, tal crescimento é acompanhado por melhorias em seus índices de desenvolvimento humano, em sua urbanização e na melhoria das relações entre seus cidadãos e cidadãs? Precisamos ainda investigar isso com muito critério. O que podemos captar são alguns rumores e repercussões midiáticas: a criminalidade está aumentando com o custo de vida (especialmente devido a especulação imobiliária) e, especialmente, a cidade não possui mão de obra qualificada suficiente para atender as demandas do porto, o que está ocasionando um fluxo migratório intenso. A peculiaridade de tal fluxo é que ele ainda não consiste especificamente de colonos, e sim de trabalhadores sazonais, em sua maioria do sexo masculino oriundos de outros estados brasileiros e cujas famílias permaneceram em seus locais de origem.

Eu mesmo, de certa forma, sou parte desta população, afinal, em minha cidade o mercado da educação superior está saturado e a FURG participa da segunda maior onda de expansão universitária da história do Brasil (a primeira foi nos anos 70), sendo que o interior do RS possui poucos centros formadores de doutores em Psicologia e áreas afins. Vivo em uma casa alugada no Cassino com dois colegas cujas famílias também permaneceram em suas cidades de origem. Mesmo assim, minha adaptação não foi difícil, afinal, sou branco,

gaúcho e minha cidade de origem não está muito longe de Rio Grande, ou seja, eu fui facilmente assimilado e posso muito bem ser confundido com um nativo, e inclusive tenho a capacidade nativa de “estranhar” os “que vem de fora”.

Em meus momentos de lazer aproveito o imenso espaço cassinense para caminhar entre as casas, as ruas lindamente floridas e arborizadas e a imensidão da praia, e é possível perceber os sotaques, as cores, os cabelos multicoloridos ostentando uniformes empresariais circulando por supermercados, bares, barbeiros ou aglomerados em pousadas-alojamentos. Uma tropa de homens solitários cujas diferenças são paradoxalmente marcas pelas semelhanças dos trajes que se destacam na multidão. Eles não são daqui, são *outsiders* ... E nas redes sociais, nas rodas de mate e nas conversas de salão, uma espécie de mal estar é perceptível nas piadas, comentários e olhares. Serão eles bem-vindos?

Em um capítulo de curta duração e longo alcance, o sociólogo Norbert Elias introduziu seu livro: “Estabelecidos e Outsiders” tratando, primeiramente, da questão dos grupos discriminados e dos discriminadores, ou daqueles que ocupam posições privilegiadas em detrimento dos discriminados. Os “estabelecidos” ocupariam uma posição de dominantes simbólicos, enquanto os “*outsiders*” estariam sujeitos a esta dominação simbólica. Ainda nesta introdução, Elias coloca que existem múltiplas causas e vicissitudes na gênese destas configurações de poder, e que muitas vezes os sociólogos, pela importante contribuição marxiana, centralizam suas análises na questão econômica, quando fatores muito mais complexos atuam na separação de grupos de dominação.

No livro é analisada uma comunidade do interior da Inglaterra chamada ficticiamente de Winston Parva, constituída de três regiões, 1, 2 e 3. Em termos socioeconômicos, a região 1 era constituída pela população de maior renda e posses, enquanto as regiões 2 e 3 eram predominantemente de operários, ou seja, economicamente Winston Parva se dividia em 2 regiões. Elias coloca que a demanda pela pesquisa foram os elevados índices de criminalidade entre jovens da região 3, e as queixas

provinham predominantemente das regiões 1 e 2. O livro é uma minuciosa e sagaz descrição etnográfica de Winston Parva, introduzida por um capítulo sobre o método que evidencia a importância dos estudos de comunidades e da possibilidade de extrair conceitos sociológicos de estudos qualitativos e em localidades menores, como bairros ou pequenas regiões. A etnografia de Winston Parva mostrou que as regiões 2 e 3, ainda que com perfis socioeconômicos semelhantes e diversos em relação à região 1, não eram as regiões discriminadas e não possuíam uma história comum ou uma consciência comunitária. A região 3 era discriminada por ser constituída por moradores mais recentes, na sua maioria provindos de outras regiões da Inglaterra, e os moradores das outras duas regiões sentiam-se donos da terra e superiores pelo fato de morarem há mais tempo e guardarem relações de vizinhança mais antigas e duradouras. Ainda que os novos moradores procurassem criar vínculos e relações de amizade, eles eram sempre rechaçados, tratados como arruaceiros ou escória. O trabalho de Elias foi realizado durante muitos anos por meio de entrevistas e acompanhamento das atividades cotidianas das comunidades, em clubes, em bares, em igrejas e em associações de moradores; captando o clima simbólico presente nas queixas costumeiras, nas conversas de pé de ouvido, nos sermões e nas regras de convivência e aceitação.

É de particular bom humor e sagacidade o capítulo sobre a fofoca, considerada importante fator de discriminação das populações marginalizadas. A relação nós-eles, ou estabelecidos e *outsiders* foi o que fez chegar a Elias a demanda de pesquisa, por supostas taxas de criminalidade superiores da região 3 fator considerado irrelevante pela etnografia apurada.

Nós-eles. A psicanalista inglesa Melanie Klein observou que, em uma determinada fase do desenvolvimento infantil, a criança assume, em suas relações objetais uma posição na qual a morte, o sofrimento, a dor e a maldade ainda não estão internalizados, e são projetados em figuras externas ao eu. Nesta posição, denominada esquizoparanoide, consideramos que o que é bom pertence a nós, e o que é mal, aos outros,

até que, no processo de desenvolvimento, introjetamos também o mal, e somos capazes de observar nossos próprios atos com a necessária crítica. No entanto, determinadas pessoas, famílias ou grupos ficam presas na posição esquizoparanoide, constituindo sistemas fechados e pouco tolerantes a diferença, especialmente aquela que vem de “fora”. Podemos inclusive pensar as relações de gênero sob esta perspectiva.

Não é difícil observar este fenômeno em torcidas de futebol, na política, nas gangues e nas máfias, e é ele que pode gerar violência e preconceito na relação entre estabelecidos e *outsiders*, ou entre os “locais” e os “estrangeiros”. Nesta perspectiva, aliada a de Norbert Elias e Zigmunt Bauman, a ideia de comunidade torna-se ambivalente: ela pode representar integração social, cooperação e solidariedade mas também xenofobia, intolerância ao diferente e classicismo.

Minha pergunta, caros amigos e leitores invisíveis, é de que maneira nossas comunidades e cidades podem aproveitar o fluxo de diferenças como incremento a nossa diversidade e auxiliar nossos “hóspedes” a suportar melhor as dificuldades, a saudade e nosso clima inóspito?

(19/02/2013) SOBRE A EXPERIÊNCIA CINEMATOGRAFICA E SUA RADICALIDADE

Aqui está lançado o projeto LAPOT, um laboratório de estudos sobre cinema e violência que, poucos meses depois, daria início LEXPARTE. Aproveitei para trazer minha contribuição ao grande e sangrento espetáculo que foi a comoção popular e dos meios de comunicação no advento do grande incêndio da Boate Kiss, quando a corrupção e a imperícia humanas provocaram a morte de mais de 300 jovens, na mesma semana em que a Vila Liberdade, próxima a Arena do Grêmio, teve mais de 200 casas incineradas por um incêndio.

XXXII

Olá invisíveis, aqui estou eu para mais uma temporada de venenos parafilosóficos em nosso generoso espaço jornalístico. Minha longa ausência é devida a um tipo de licença maternidade sabática, semelhante a incubação de um Alien de Ridley Scott. E, não por coincidência, retorno do exílio para falar justamente de cinema, de horror, de coisas nojentas e tétricas.

E é nisso que tenho pensado ultimamente: horror, ultraviolência, pornografia e sadomasoquismo. E filmes, filmes horríveis, difíceis de assistir, cenas bizarras e escatológicas, filmes em cujas exhibições no cinema há medo, angústia, fuga ...

Afinal, a vida é o quê? Nós, a classe média trabalhadora e de origem burguesa, arrastamos nossa existência em uma ilusão de bem-estar, um mundo de cortesia, prazeres hedonísticos e moral coercitiva, ao mesmo tempo que empreendemos uma luta feroz para nos proteger da violência, da morte, do barulho ensurdecedor da destruição e de nossa própria hecatombe.

Sigmund Freud viveu em uma sociedade na qual a civilização se radicalizou, repleta de cortejos, boas maneiras, apego religioso, e o que descobriu na singela e inusitada tarefa de escutar pessoas confusas e doentes é que desde

crianças somos reatores nucleares de prazer e agressividade contidos e autocontidos.

Uma das frases mais pronunciadas a respeito do recente genocídio ocorrido na boate Kiss, em Santa Maria, foi que isso poderia ocorrer mais vezes em diversos locais, a tragédia era iminente. E ela é iminente em nossa subjetividade: a busca por prazer, diversão, satisfação e lucro; duvidosa epifania em um show de fogos que se irrompe em um espetáculo de dor e sacrifício sufocamento. Dizem os indianos que a morte é um tigre à espreita. Como um ritual que seria de diversão e celebração da vida e da juventude converte-se em um símbolo de descaso, assassinato e holocausto? Pois assim somos nós, que negamos ... Negamos o que está escondido e o que escancarado, negamos até mesmo na tarefa de tentar mostrar.

Enquanto a mídia saturava os meios de comunicação e expunha sadicamente os cadáveres reais ou simbólicos da boate Kiss, a poucos metros de um dos templos mais soberbos do imperialismo capitalista, a Arena do Grêmio, milhares de pessoas perdiam suas casas em um incêndio avassalador e permanecem até agora acampadas e nômades, feias, sujas e malvadas. Milhares de psicólogos montaram uma verdadeira brigada para segurar as mãos e acudir as famílias santamarienses ... Pouco sabemos sobre aqueles que se aventuraram a tocar os dedos queimados da Vila Liberdade. Ah, a Liberdade ... Nossa presidenta Dilma Rousseff chorou por uns e simplesmente voou por cima de outros.

Na excesso simbólico de uma tragédia e no vazio de outra, tivemos a impressão de que, na Liberdade, no "Porto Alegre", nada aconteceu.

De Santa Maria nossos meios de produção simbólica de massa engendraram um roteiro amarrado, com trilha sonora, clímax e desfecho vingativo. Muita coisa aconteceu.

Não "aconteceu nada" em um lugar, ainda que ele seja prenhe de realidades maciças onde vivem pessoas que conversam, vivem, convivem, sem trilha sonora, sem clímax, sem início nem fim. O espectador acostumado a enredar-se no enredo diria que "é sem pé nem cabeça". Seguimos a metáfora: o corpo humano é feito de bilhões de células. Por que pensar

no pé e na cabeça? No caso, como diria Gilles Deleuze, o acontecimento é um “acontecimentalizar” usinado pela dolorosa e violenta atividade do pensar. Assim como todo corpo é “sem órgãos”, somos bricolagens cadavéricas costuradas pelo autoritarismo do apelo à identidade. Somos corpos, mas somos fundamentalmente vísceras, fezes, sangue coagulado e sêmen; pulmões ardidos da fumaça negra da espuma e pulmões enegrecidos pelo uso do crack. A fumaça da Liberdade, ainda que tenha se espalhado no céu límpido e azul do verão, não foi vista, enquanto poderosos raios X e simulações de computador nos fizeram ver através de paredes que poderosas marretas mal puderam tocar.

As milhares de mortes contadas com gozo mórbido 231, 233, 234, a SEGUNDA MAIOR TRAGÉDIA da história exalavam uma quase-frustração por não ser a PRIMEIRA. As milhares de mortes anuais por homicídios, tuberculose, AIDS da Vila Liberdade não ganham posição no *ranking*, porque os olhos se acostumam com o que veem (ou não veem) todos os dias.

Lars Von Trier, no filme “O Anticristo” metaforiza a acontecimentalização de um casal em crise e em luto pela morte de seu filho em um floresta chamada “Eden”, o “lugar onde o caos reina”. Neste roteiro, o cônjuge masculino é um terapeuta que tenta curar a dor de sua mulher por meio de uma dessensibilização, a extinção do sentimento por exercícios de confrontação e exposição sistemática o que finda por libertar na mulher o sentido de ser “A Mulher” e seus sentimentos arquetípicos contra a dominação masculina e o genocídio das bruxas por meio do assassinato da prole. As chocantes cenas de automutilação e castração por meio de um surto violento acontecem após um momento em que a protagonista enxerga-se como curada, como se a técnica psicológica tivesse funcionado, quando o que ela fez foi dizer “esqueça sua dor, negue e mande-a para longe”. E ela não foi, ficou ali, como a fumaça negra ...

Freud e Lacan nos lembram que no inconsciente não há tempo, moral, adultos ou crianças, realidade ou ficção. No inconsciente há “Isso” ...

Assim como é sempre o espectador que constrói a

realidade midiática, o filme, o acontecimento, a ele cabe a tarefa da “poiesis”, o ato criador.

E como podemos “poietisar”, (ou poetisar) o acontecimento?

Apresento aqui minha proposta radical, na forma de um projeto de Extensão Universitária (para quem não sabe, atividades de Extensão são aquelas nas quais a Universidade oferece serviços que incluem a comunidade “não acadêmica”). Desta forma, invisíveis, estão todos convidados. O projeto ainda está sendo fecundado, não tem ainda datas, mas podemos enxergá-lo no teste de gravidez: seu nome é “Para Ver e Ter” uma corruptela da palavra Perverter, que em latim é Per vertere, para verter, verter por meio de ...

O projeto consiste na exibição de filmes cuja proposta estética implique em pornografia e violência explícita (juntos ou separados), e que tal estética seja usada como veículo para pensar o mundo humano, a sociedade, a política e os símbolos. O objetivo é forçar o pensamento para além dos sentidos, da moral, do bom gosto duvidoso, da hipocrisia, e enfrentar o medo, o nojo, a dor. Que o pensamento penetre a morte, a violência e o sexo e o transformem em arte, texto, música, teoria e ação. Somos pessoas que vivem neste mundo e ele está cheio disso. Somos psicólogos que trabalham com a escuta do sofrimento humano e quem trabalha na clínica ou nas públicas não pode fugir ou negar.

Como diria Nietzsche: “observou-se mal a vida quando não se descobriu a mão que, piedosamente, mata”.

Vamos enfrentar a morte e o sexo olhando nos olhos.

Aguardem ...

Hoje fui ver meu escaninho no ICHI, e pude experimentar uma experiência numinosa e sagrada, como se a dama do lago tivesse saído do laguinho do Centro de Convivência da FURG com a sagrada excalibur ou como se eu fosse Siegfried sendo banhado no sangue do dragão. A deusa da burocracia veio até mim e eu ganhei um CARIMBO.

"Prof. Fábio Dal Molin, Coordenador Adjunto do Curso de Psicologia, ICHI".

Como diria o senador Palpatine: POWEEEEEEEEER

(14/09/2011) CRÔNICAS INVISÍVEIS: OS HERÓIS SACRIFICÁVEIS

Samuel Eggers, era um colega, um amigo e um herói. Eu preferiria não ter vivido nesses tempos sombrios a ter que escrever uma crônica sobre a morte de um jovem tão cheio de esperança contagiante. Eu chorava de dor enquanto meus dedos batiam nas teclas com raiva, indignação e sabe-se lá quais outros sofrimentos.

Essa foi a última das Crônicas Invisíveis, filha do medo de tudo o que aconteceu naquela época e que nos trouxe aos dias de hoje. Uma semana após ela ter sido escrita um jornalista de uma rádio de Rio Grande solicitou uma entrevista, que acabei dando por telefone e foi veiculada no sábado de manhã. Em suas perguntas ele usava trechos do texto, que, fora de seu contexto, pareciam muito mais radicais, sendo a dor substituída por o ódio. Ele chegou a indagar se eu acusava a polícia de ter assassinado Samuel, algo que eu em hipótese alguma disse, mas durante alguns dias senti muito medo, um medo que eu não tinha o direito de sentir. Daí em diante desisti do Agora.

XXXIII

“O retorno do estado de exceção efetivo em que vivemos ao estado de direito não é possível, pois o que está em questão agora são os próprios conceitos de “estado” e de “direito”.”

(Giorgio Agamben)'

Vivemos, segundo a ordem política e social vigente, em uma ficção de muito mau gosto chamada Estado Democrático de Direito. A democracia, esta entidade violentada desde o seu nascimento (a polis grega contava com poucos cidadãos e

muitos escravos) é propagada e erotizada por meio do casamento do capitalismo com a mídia, e cada dia, cada manifestação, cada ato de violência policial ou militar percebemos que a igualdade torna todos cada dia mais carcereiros e encarcerados uns pelos outros. Giorgio Agamben, o filósofo supracitado, diz que o Estado Soberano é aquele criado em um conjunto de leis e normas, mas ele mesmo encontra-se em posição de criar para estas normas sua exceção. O exemplo mais triste e cabal de tal exceção foram os campos de concentração nazistas nos quais o aparelho político e científico de um país foram colocados a serviço da destruição de cidadãos pelo simples fato de estes existirem.

Na condição de exceção, é dado ao Estado o poder de politização da vida, o que Michel Foucault chamou de biopoder, e a condição de criar sujeitos matáveis, porém fora da condição de assassinados e violentados sem crime, Agamben diz que: *soberana é a esfera na qual se pode matar sem cometer homicídio e sem celebrar um sacrifício e sacra, isto é, matável e insacrificável, é a vida que foi capturada nesta esfera.*

Segundo o filósofo o Estado de exceção, por ironia, não foi exceção no Nazismo, ele hoje está na primavera árabe, no Egito, na base de Guantánamo, no ato patriótico americano e na brutal reação da polícia brasileira nas manifestações que recrudesceram em junho de 2013 e permanecem até hoje.

O Estado Democrático de Direito brasileiro se resguarda do direito de usar sua força policiais para conter manifestantes pacíficos, colocando estes sob a alcunha de vândalos ou depredadores do patrimônio público, quando os representantes deste mesmo Estado são recordistas mundiais de corrupção e violação de direitos humanos (que, em suma, são depredações daquilo que é público).

Não por acaso, podemos comparar o Estado de Exceção a reflexão que o biólogo Richard Dawkins faz do milagre divino: Deus criou um mundo cheio de leis e normas, uma sinfonia de leis da vida, da física, da morte, mas por motivos morais e religiosos, ele mesmo quebra estas regras e seus escolhidos podem ressuscitar mortos, curar doenças e caminhar sobre a água ... No Estado de Exceção atual, a

força policial, a principal representante das leis, é autorizada a quebrar estas mesmas leis, para manter a ordem, e protagoniza agressões, espancamentos e prisões ilegais ...

É, mas DEUS ESTÁ MORTO, MORTO MESMO.

Na madrugada do último dia 13 de setembro, um pedaço de mim morreu junto com Samuel Eggers, Psicólogo recém-formado pela UFRGS, ativista político e intelectual. Samuel tinha 24 anos e estava em sua cidade natal, Caxias do Sul. Naquela noite havia dado uma palestra na semana acadêmica do curso de Psicologia da UCS e retornava a pé para casa de seus pais após ter saído para jantar com duas amigas e colegas. Segundo relatos parciais, um automóvel o interpelou, e de dentro dele saíram mortíferos projéteis, um dos quais o atingiu em cheio no rosto. Um rosto limpo e angelical, que não usava máscara nenhuma.

Fragmento de um texto de Samuel Eggers em seu *blog*:

Acredito que não exagero dizer que, não faz muitos dias, eu tive meu despertar. Vi e senti na pele a opressão que existe aqui no Brasil, e decidi que não, não vou baixar a cabeça, nem pactuar com ela. Decidi que irei lutar ao lado daqueles que trabalham e sofrem, por que eu sou igual a eles. Vi surgir no horizonte, então, um novo dever: o de escrever em nome de nossa causa, de torná-la conhecida, e de acabar com qualquer mal entendido ou boato mal intencionado que podem espalhar a nosso respeito. Quando me dei conta deste meu dever, senti medo – de sofrer alguma represália, de ser (mais uma vez) vítima do terror do Estado ou da má fé alheia. Mas também senti nascer, tão forte quanto o sol, uma esperança: eu posso lutar em nome dos meus irmãos, e a luta nunca é em vão.

Escrito logo após ter sido preso quando estava acampado protegendo as árvores do Gasômetro, que seriam mortas para duplicação da Avenida Beira-Rio, como uma das obras da Copa do Mundo. Para quem não lembra, na ocasião a polícia varreu os manifestantes que estavam acampados na calada da noite local para que a prefeitura, com suas

motosserras. Derrubasse as árvores. Samuel relatou aqui no *Facebook* diversas violações de direitos humanos e protocolos policiais na delegacia.

Na mesma época, o secretário do meio-ambiente de POA e seu antecessor (que provavelmente autorizaram o desmatamento de maneira ilícita) foram presos por corrupção. Ou seja, naquela ocasião, as forças policiais violentaram cidadãos sob as ordens de um bandido.

No dia 16 de setembro de 2013, eu respondi a pergunta “o que você está pensando” na rede social *Facebook*:

Eu lembro quando lhe conheci, em um momento muito representativo: você ali, com 18 anos, pesando uns quarenta quilos, um rascunho de gente e tinha treinado umas duas semanas de Kung Fu. estrebuchando de dor no chão com uma costela quebrada. Era o EREP (Encontro Regional de Estudantes de Psicologia) de Passo Fundo, e inventaram um tal de ELFO (Espaço Livre de Fomentação) “Fight”, inspirado no Clube da Luta. Era para ser inofensivo, lutas de dois minutos, com luvas e só podia bater abaixo do pescoço e acima da cintura... Pois o sorteio colocou no seu caminho o inventor do evento, faixa preta de caratê ... Lembro como você foi bravo nos dez segundos em que durou a luta. Era o seu primeiro EREP, eu já estava no décimo, professor universitário levando alunos ao evento, oito anos de Kung Fu e em minha luta segurei um boxeador dez anos mais jovem e com um metro a mais de envergadura até cansá-lo e empatar ...

A partir daí nossas vidas se cruzaram, apesar de termos nos encontrado poucas vezes, mas, nós que estudamos no caótico curso de Psicologia da UFRGS e vivemos as epifanias dos EREPs, somos todos irmãos. E como aquele evento foi significativo para nós. Hoje vivemos tempos difíceis, nós chamamos de democrática uma cidade na qual bicicletas enfrentam automóveis e ônibus, árvores enfrentam motosserras e manifestantes idealistas e pacíficos enfrentam uma corporação militar instituída, corrupta, ignorante ... E eu estou aqui na minha luta silenciosa e tímida, enfrentando um

gigante e jogando pelo empate. Você, meu esquálido amigo, lutou para vencer ou morrer. Não sei o que pensar sobre isso. Na verdade eu e nossos amigos em comum não estamos em condições de pensar. Neste momento eu só posso sentir. E o que eu sinto, ora foda-se, é que você morreu como um herói, na idade em que os heróis morrem, e como eles desejam: lutando com bravura, ainda que seus algozes tenham sido brutalmente covardes. Alguns aí falam em justiça ... E desde a última sexta-feira 13 eu retirei esta palavra do meu vocabulário. Para mim heróis de verdade merecem Vingança.”

A Vingança, inVisíveis, começa com V ...

Ao sul do mundo ou meditações cassinenses

Você não imagina as coisas que vi com seus olhos.
Roy Batty

(09/06/2011) AO SUL DO MUNDO

XXXIV

Minhas pernas giram sofregamente e impulsionam as rodas de uma bicicleta que cartografam o solo irregular e arenoso um lugar ao sul do mundo. O vento gelado trepida meus ossos em uma dança termodinâmica com raios solares carinhosos para minha pele e supliciantes para meus frágeis olhos azuis. Certa vez escrevi que os homens são feitos de um par de olhos e uma esperança. Pois os fótons solares tornam-me um fragmento de um homem e talvez pura esperança. Resolvi me perder. Cego pelo sol e ávido pelo ar frisante da manhã fria de outono, percorro caminhos de um lugar que não conheço.

Os pensamentos são como um atlas cognitivo da cidade onde vivo, suas ruas congestionadas, seu asfalto, muros, cercas e imensos edifícios se confundem com os edifícios de minhas ideias. Minha cidade se confunde com meu eu.

Agora deslizo suavemente por ruas largas e campos imensos, areia, pequenos casebres, um imenso firmamento azul cheio de sol e vazio. Milhões de toneladas de ar preenchem este pedaço imenso de planeta ao sul do mundo. Não tenho a mínima ideia de onde vou, a paisagem se esvazia para minha mente (seja lá o que isso for: o eu, o tu, o nada, o fluxo, o fantasma). Um toque de prazer, angústia, dor e contemplação entra em minhas narinas com o ar gelado. Estou perdido. E queria me perder, porque minha mente está poluída pela cidade onde vivo. Estou cheio de mim. Não sei por quanto tempo permaneci dando voltas e voltas vendo tudo pela primeira vez. Mas o relógio é apenas um mapa dos fluxos do infinito.

Ao virar uma esquina, minha mente é invadida pela tênue e ingênua alegria, pois reconheço uma praça, um prédio

e uma casa. Já estou no caminho de casa. Eu sei, mas furtivamente quero esquecer, que, entre quasares, asteroides e galáxias, nunca chegarei a lugar nenhum.

(15/06/2011) EU ESTOU EM VOCÊ

XXXV

As palavras aqui escritas percorrem sinuosos espaços sinápticos, músculos esqueléticos, sensorio-motores, visuais e eletrônicos; e seguem seu caminho inverso até começarmos esse diálogo monólogo. Eu os chamo de invisíveis porque realmente não posso vê-los, caros leitores, nem mesmo metaforicamente. Escrever esta coluna é paradoxalmente estar sozinho em uma multidão, porque não sei quantas pessoas a leem ou o que imaginam. E mesmo a possibilidade de imaginar como quem não me conhece pessoalmente pode imaginar quem eu sou cria infinitas possibilidades de encontro, fantasia e pensamento.

Dizem que o funcionamento do cérebro quando estamos sonhando é quase igual a quando estamos despertos, ou seja, quando sonhamos podemos ver, ouvir, cheirar, sentir e cair; quase exatamente da mesma forma que quando estamos despertos. Sonhamos acordados, ou de outra forma, quando sonhamos estamos também despertos.

Nossos processos de imaginar e pensar são, basicamente, delírio e alucinação. Quando um de vocês imagina quem está aqui escrevendo estas palavras faz um exercício complexo de virtualização. Na verdade, há um Fábio em cada leitor, mesmo entre aqueles que me conhecem. Mesmo quando vemos uma pessoa pela primeira vez, boa parte desta experiência vem de nossas memórias e modelos cognitivos. Do contrário, ao vermos uma pessoa pela primeira vez o processo começaria com sombras e raios de luz e demoraria vários minutos até nosso cérebro processar tantas informações novas. Desta maneira, não há como fugirmos do “virtual” em nossas relações.

Nossas paixões, seja pela internet ou pela “presença”, são também maneiras de nos relacionarmos e dialogarmos com o homem ou a mulher que está em nós, ou seja, homens com suas mulheres virtuais e mulheres com seus homens sonhados. Uma relação a dois é, na verdade uma relação a quatro ...

(04/03/2011) METATEXTO

XXXVI

Olá invisíveis, há muitos anos atrás eu trabalhei como contrarregista e montador de cenários de uma peça de teatro, foi meu primeiro emprego, guardo ele com carinho em minhas fluxomemórias.

Uma noite, após o espetáculo, encontrei embaixo do palco uma folha de caderno cheia de pequenas frases rabiscadas a caneta, que poderia ter sido deixada ali por algum outro trabalhador como eu, ou ser parte de algum roteiro ... Resolvi transcrevê-la aqui, e já que a encontrei órfã de autoria, a adotei:

Em uma névoa fria de tristeza, deixo para trás um de meus possíveis

Como diz Mephisto, do Fausto de Goethe, há uma lei para nós, demônios e fantasmas, devemos sair pelo mesmo lugar por onde entramos.

O primeiro ato é livre, mas somos escravos do segundo. Desta forma nos despedimos de alguém como escravos de nossos atos.

Fecham-se as cortinas, e saio de uma cena da vida como o ator de uma comédia de erros.

Nietzsche olha para mim, em meio a risadas bigodudas, e vocifera que sou um comediante de meu próprio ideal...

Neste teatro macabro da existência, estou me tornando um ator farsante, que não engana mais nem a si mesmo.

Às vezes a vida parece ser uma peça de teatro, com roteiro, falas, finais, destinos, risos e climas.

Mas vamos, o show deve continuar, a vida é uma longa temporada

Duas coisas despertam meu desprezo: insensibilidade
e falta de imaginação
Na real, não sou um poeta e estou um pouco triste.

(08/07/2011) ZEN E A ARTE DE NÃO FAZER NADA

XXXVII

*Olá escuridão, minha velha amiga
Eu vim para conversar contigo novamente
Por causa de uma visão que se
aproxima suavemente
Deixou suas sementes enquanto eu
estava dormindo
E a visão que foi plantada em meu
cérebro
Ainda permanece
Entre o som do silêncio
(Simon and Garfunkel, Sounds of Silence)*

Olá, invisíveis ... Nas próximas semanas, por motivos de saúde, estou impossibilitado de sair de casa. É claro que, como escrevo no computador e envio o arquivo ao jornal pela internet, isso não fará tanta diferença, além do mais, durante nossa convivência aqui já viajamos até o sol e ao centro da galáxia sem sair da formatação do texto, e nunca fez diferença o lugar onde estou ...

E neste momento, fisicamente estou ubicado, plantado e aprisionado.

Porém, nos breves momentos do dia em que não estou atravessado pelos afazeres domésticos, pelo turbilhão de circunstâncias simbólicas da televisão, da internet, de livros, de filmes e de visitas; eu tento parar de lutar contra o vazio e deixo o silêncio fluir.

Persigo minutos entre os pequenos raios de sol que entram pela janela, e refratam grãos de poeira que dançam a coreografia do pavor das donas de casa. Eu olho para tudo e tento rir. Ninguém mais acha graça. Só eu. Eu? Um monte de poeira visível à luz do sol ... uma boa definição de "eu".

Sem pensar no tempo, nas circunstâncias, na moral, na ética e na vida, tento imaginar as ondas termodinâmicas que fazem vibrar o metal da chaleira que esquenta meu chá.

Não, não, não é isso. Penso nos átomos, elétrons e todas as micropartículas, e que no meio de tudo está apenas o vazio.

Há mais vazio que matéria no Universo. Há mais vazio que prazer, dor, lágrimas, desespero, pobreza, riqueza, estupros, overdoses, violência, psicologia, sexo, *rock and roll* ...

No vazio, não há bem, nem mal.

Um tigre devorando sua presa ou os trovões de uma tempestade são vazios.

Para o vazio, não existe objeto, nem muito menos “eu”.

Penso em tentar parar de pensar e deixar o nada entrar. Tudo o que vejo é o aqui e o agora, a total presença no cotidiano absoluto no turbilhão da máquina de lavar roupa.

**(15/11/2011) ESSE ASSUNTO DE CHIMPANZÉS
NÃO SAI DA MINHA CABEÇA**

XXXVIII

Pense, invisível ... Onde estão as palavras que você está lendo agora? Vamos lá, responda! Eu sei que há apenas alguns milhares de anos você era um chimpanzé peludo que fazia quase tudo o que faz hoje, menos falar e usar a internet, e louvo seus esforços de pressionar a natureza a dar-lhe a capacidade de falar, ler e escrever. Então, responda! Eu já sei que se você está lendo este texto sua mente está pensando em português, certo? É verdade, caro chimpanzé sem pelos, que posso adivinhar o que você está pensando, pois os seus pensamentos também são os meus. Então, novamente, onde estão as palavras deste texto, mostre-me se for capaz, faça valer o que seus ancestrais se sacrificaram para deixar-lhe de herança. Elas estão impressas no papel? Ora, vamos, não me faça rir, criaturinha óbvia, você têm bilhões de neurônios, use pelo menos algumas dúzias. Elas estão na sua mente? Eu já disse que não, preste atenção, macaquinho! Ou melhor, eu já disse que sim? ... Sim ou não...

Seria muito difícil pensar que a resposta para esta pergunta simples pode ser ao mesmo tempo sim e não? Sem esta maravilhosa máquina hipercomplexa decodificadora e produtora de informação jamais seríamos capazes de fazer qualquer tarefa da vida cotidiana, mas também, sem as tarefas da vida cotidiana nossa máquina hipercomplexa não é nada além de uma massa de proteínas. Sim, caro macaquinho, se você pensa que seus pensamentos são só seus, e que a sua individualidade é sagrada, imagine que você está nu em uma recepção no Palácio do Alvorada, e todos os ministros estão olhando para você e dando risada. Agora, imagine: você só sabe o que é uma maçã, por

exemplo, porque grande parte dos seus colegas de espécie também sabe, no entanto, a maçã que você enxerga é sua, só sua, singular e insubstituível, só você pode vê-la, e mais ninguém. Mas como? Pois é, a coisa complicou ... E se eu dissesse que aquilo que nós estudamos para o vestibular sobre as áreas do cérebro é uma verdade parcial (obs: é engraçada esta ideia de um cérebro estudar ele mesmo, né?). Mesmo que cada área fique responsável por uma função, no momento que, por exemplo, observamos uma maçã, todas elas começam a funcionar ao mesmo tempo: volume, cor, cheiro, forma, torta de maçã da vovó, Adão e Eva, Serpente ... A maçã se cruza com memórias, percepções interações, linguagens e associações ... Não são seus olhos que veem a maçã, eles só captam a luz emitida por ela, 80% da maçã não está em lugar nenhum, nem exclusivamente “dentro” da nossa cabeça.

A maçã está no mundo assim como o mundo está nos nossos cérebros, e como não existem pessoas sozinhas, a maçã, na verdade, é uma pasta de percepções coletivas/individuais, que surge no momento que é evocada. Assim, a rede neuronal dentro do seu crânio, caro macaquinho, que por mistérios desconhecidos, organiza-se de forma a que você possa dizer “eu”, ela está em rede com outras redes neuronais. E por que meios? Infinitos. O seu corpo, senhor símio, só sobrevive se puder interagir com outros corpos e formar sistemas comunicativos. Como este computador no qual estou teclando, por exemplo. Além de depender do nosso cérebro para concebê-lo e utilizá-lo, o computador movimentava uma massa impressionante de máquinas vivas humanas para fabricá-lo, dar-lhe energia, vendê-lo, consertá-lo, ligá-lo à internet e imprimir seus arquivos. Diga, ó chimpanzé neocortical, o que aconteceria se faltasse luz na sua casa por uma semana? E se a internet falhasse? E se as televisões ficassem todas fora do ar? E se houvesse uma greve geral de todos os serviços? Eu já imagino que você diria “seria bom, retornaríamos à natureza”. Muito bem, meu caro, sintá-se à vontade para retornar 100.000 anos no passado, andar de quatro, estuprar

todas as fêmeas e alimentar-se dos ciprestes da Praça Japão. Nem o ar você conseguiria respirar de novo, seu arrogante, e desça já desta árvore evolutiva de araque. Desde que algum de nossos ancestrais usou uma folha para catar formigas ou um fêmur para atacar seu inimigo o que chamamos de natureza virou uma massa ciborgue indissociável. Somos homens e somos máquinas, somos, enfim, máquinas vivas, usamos roupas, óculos, rádio, TV, computador, lápis e papel. Não há mais espaço para a ingenuidade, a natureza idílica intocada pelo *homo sapiens sapiens* (o que sabe que sabe) é um sonho distante. Vivemos em uma máquina-mundo de carne e metal.

Entretanto, já que ninguém além de você o chama de humano, seu narcisismo hipócrita vai dizer que mesmo dependendo das máquinas você as domina, ou elas são meros objetos controlados por você, e como macaco evoluído de compostos de carbono, você é o fodão da natureza. Tudo bem ... experimente dar um soco no computador em que você está fazendo sua tese de doutorado, ou seu trabalho de conclusão, ou as lâminas para o seu relatório semestral. Lembre-se que a máquina é concebida pela carne, assim como a carne é concebida pela carne ... Aliás, você também pensa que a inteligência é só sua. Mas o que é inteligência? A capacidade de jogar xadrez? De passar no vestibular? De consertar automóveis? De produzir textos poéticos. Bom, há seres humanos que não fazem nada disso, e muitas máquinas que já fazem quase tudo. Ah, mas você é vivo, afinal você é orgânico, produto legítimo de milênios de evolução. Então vida é isso? Carbono, Hidrogênio, Oxigênio e Nitrogênio misturados e que aos domingos vão almoçar com a família? “Mas e o amor”, diria você, ainda não acostumado a usar seu aparelho fonador. Ah, é claro, nós somos os únicos vivos e humanos porque sabemos amar, certo? O amor é a prova cabal da humanidade. Pare e pense: dê uma olhada na sua maravilhosa História, caro chimpanzé, de Hammurabi a George W. Bush, e veja se há mais amor ou guerra, hein? Você não tem tempo para pensar, afinal, está ocupado espancando transexuais pelas ruas de Porto Alegre ...

(03/02/2012) O RECOMEÇO DO QUE AINDA ESTÁ NO MEIO

XXXIX

... é preciso continuar, talvez já tenha sido feito, talvez já tenham me dito, talvez já tenham me levado até o limiar da minha história, diante da porta que se abre para a minha história, isso me surpreenderia, se ela se abrir, vai ser eu, vai ser o silêncio, ali onde estou, não sei, não saberei nunca, no silêncio não se sabe, é preciso continuar, não posso continuar, vou continuar...

Samuel Becket
"O Inominável", última frase.

Olá, leitores invisíveis, peço novamente desculpas aos que acompanhavam minhas crônicas semanais, e especialmente, ao meu editor Virgílio Laborde pelo longo período de estiagem e também pelo projeto natimorto de mudança no título desse espaço para "Crônicas do Fim do Mundo", que durou apenas um texto ...

Quem sabe eu poderia explicar esta ausência recorrendo a obra de Beckett supracitada, "O Inominável" na qual todos os universos de referência se encerram em palavras de uma cabeça decepada vociferante e tresloucada, palavras estas que são tudo o que pode ser dito e aquilo que é dito começa e termina nelas. Tentar escrever sobre o fim do mundo e interromper tal projeto bruscamente talvez tenha surtido efeitos apocalípticos sobre o próprio texto, a própria escrita, afinal, o que somos em um texto senão palavras, cuja rede de sentidos contém tudo o que fazemos, o que somos, nossa presenças e ausências, dores e angústias? O que é o

sujeito, o humano, o ser, sem a fala, ou mesmo para aqueles que não falam, sem o dizer?

Sem o falar ou o dizer, ou mesmo esta inscrição social nas redes de sentidos que encontra expressão, consistência e conexão em letras frases, pontos, reticências, vírgulas, pausas, maiúsculas e sublinhados. Sem a palavra e seus sentidos imaginários e simbólicos nem mesmo a morte existiria, como nas preces entristecidas de um personagem idoso do livro de Valter Hugo Mãe, que acaba de perder sua companheira de uma vida toda em um hospital impessoal e embranquecido: “com a morte, também o amor deveria acabar. Ato contínuo, o nosso coração devia esvaziar-se de qualquer sentimento que até ali nutrira pela pessoa que deixou de existir”.

Mas a morte, assim como o fim do mundo, não é um fim, talvez ela seja apenas uma palavra sublinhada, um marca-texto, ou uma citação de impacto de algum filósofo famoso. A morte, para o sujeito, é a marca de um preenchimento, pois quem morre torna-se presente em nossa rede de memórias, histórias, lembranças, fotos, imagens, burocracias ... Porém como matamos essa morte em palavras? Certamente não como o silêncio. O silêncio não existe, ele apenas condena aquilo que é falado ao imenso museu da imobilidade. Sabemos pela física que o silêncio é possível no vácuo.

Em nosso universo o vácuo pode ser expresso de duas formas: a real, quando não há meio possível do som se propagar, e a simbólica, quando falamos e não há ninguém para nos escutar, e talvez seja isso que Beckett queira dizer quando escreve uma peça de teatro na qual o ator ou atriz é apenas uma boca falante.

Eu preciso continuar ... Eu vou continuar ...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Porto Alegre, L&PM, 1997.
- BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- BECKETT Samuel. **O inominável**. São Paulo, Globo, 2009.
- BUKOWSKI, Charles. **Notas de um velho safado**. Porto Alegre, L&PM, 1995.
- CALVINO, Italo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Rio de Janeiro, Autêntica, 1992.
- _____, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol II. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1991.
- DICK, Philip K. **Andróides Sonham com ovelhas elétricas?**. São Paulo, Aleph, 2014.
- DOSTOIEVSKI, Fiodor. **Memórias da Casa dos Mortos**. Porto Alegre, L&PM, 2008.
- _____, Fiodor **Notas do Subsolo**, Porto Alegre, L&PM, 2007.
- ELIAS, Norbert, SCOTSON, John, **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- FREUD, Sigmund. O escritor e a fantasia (1908). In: **Obras Completas**, Vol 8, São Paulo, Companhia das Letras, 2015.
- _____. Além do princípio do prazer (1920). In: **Obras Completas**, Vol 14, São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- _____. **Inibição, sintoma e medo** Porto Alegre, L&PM, 2016
- _____. **Luto e melancolia**, São`Paulo, Cosaic Naify, 2011
- LACAN, Jacques. O seminário da carta roubada. In: **Escritos**, Vol 1 Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- _____. O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: **Escritos**, Vol 1, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002
- _____. **O seminário livro I: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- _____. **O seminário, livro II: o eu na teoria de Freud e na psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

_____. **O seminário, livro IV:** as relações de objeto. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

_____. **O seminário, livro V:** as formações do inconsciente. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

_____. **O seminário, livro VI:** o desejo e sua interpretação Rio de Janeiro, Zahar, 2016.

_____. **O seminário, livro X:** a angústia Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

_____. **O seminário, livro XI:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo, Edições Loyola, 1998.

_____. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, 1999, Editora 34.

MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis.** São Paulo. Cosaic Naify, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal, prelúdio de uma filosofia do vir a ser.** Porto Alegre, L&PM, 2008.

RANCIERE, Jacques. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SILVA, Marcio Seligman. A cultura e a psicologia do medo. In: FREUD, S. **Inibição, sintoma e medo.** Porto Alegre, L&PM, 2016.

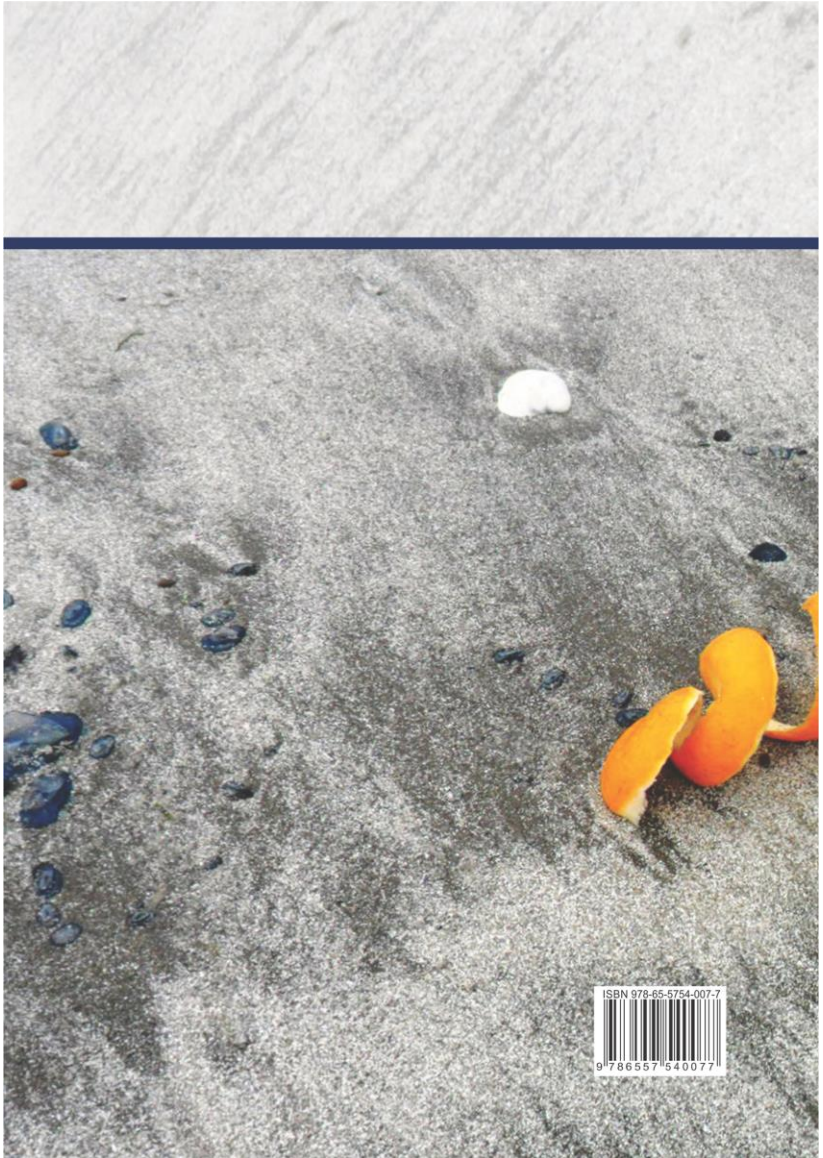
WRANGHAN, Richard e PETERSON, Dale. **O macho demoníaco:** as origens da agressividade humana. São Paulo, HUCITEC, 1991.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real.** São Paulo, Boitempo, 2003.

_____. **Violência.** São Paulo, Boitempo, 2014.

_____. **Visão em paralaxe.** São Paulo, Boitempo, 2014.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br



ISBN 978-65-5754-007-7



9 786557 540077